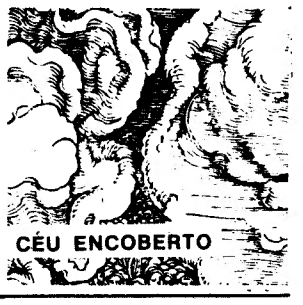
Diário de Lisboa

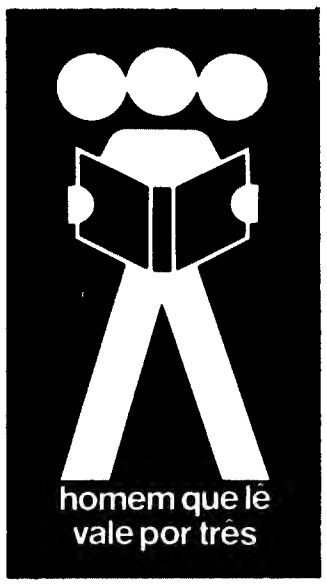
FUNDADOR JOAQUIM MANSO DIRECTOR A RUELLA RAMOS

SEXTA-FEIRA, 22 DE SETEMBRO DE 1972-N.º 17871-ANO 52º-PREÇO 1$50



LEITOR DO "DIÁRIO DE LISBOA"

HOMEM QUE LÊ VALE POR TRÊS



Afirmámos há dois dias que a nova iniciativa do «Diário de Lisboa» se integrava na sua orientação tradicional, e, ontem, que esta iniciativa também se integrava no espírito do «Ano Internacional do Livro» promovido a nível internacional pela UNESCO.

Informamos hoje que, para designar esta nova iniciativa, foi escolhida a expressão HOMEM QUE LÊ VALE POR TRÊS, expressão que indica claramente os propósitos que o «Diário de Lisboa» pretende atingir neste princípio de Outono de 1972.

Não há duvida de que a grande massa dos portuguesas lê pouco e anda alheada dos grandes problemas culturais do nosso tempo, problemas esses que fazem parte integrante da própria vida, porque a vida é um reflexo do que o homem pensa, do que o homem sabe e do conceito que o homem faz do mundo que o rodeia.

Mesmo em termos imediatos a questão começa a tornar-se grave neste momento em que o país parece ansiar por se equiparar aos outros do seu continente e em recuperar o tempo perdido.

Não há certamente, quem não tenha constatado que nos ultimos tempos se fala cada vez mais no chamado problema da educação e que tudo o que se refere ao elevamento cultural do país está na ordem do dia. Pretendemos dar um salto e esse salto tem de alicerçar-se num esforço imenso destinado a elevar o nível cultural do

Continua na pág. 2

Pompidou durante a conferência de imprensa.
(Telefoto UPI-Telimprensa-DL)

Pompidou criticado pela oposição

Enquanto o secretário-geral adjunto da UDR elogia o presidente Pompidou pela sua conferência de Imprensa de ontem, afirmando que ele deu um «sentimento de continuidade física à presença do general De Gaulle», os diversos partidos da oposição criticaram àsperamente a actuação do dirigente francês. Jean Lecanuet, do centro democrático, disse que os franceses que esperassem «um grande projecto» foram desiludidos. George Marchais, o dirigente comunista, acusou o presidente de apelar para as forças da extrema-direita. Marchais sublinhou que Pompidou defendeu a entrada da «Espanha franquista» no Mercado Comum. A imprensa inglesa não é mais benévola. «A montanha pariu um rato» — escreveu o «Times».

Amichai Paglin, preso em Tel-Aviv sob a acusação de organizar um grupo terrorista anti-árabe. (Telefoto UPI/Telimprensa/DL)

Operação palestiniana para "abalar o mundo"

Cinco guerrilheiros palestinianos pertencentes ao grupo «Setembro Negro» estão a planear uma operação que «abalará o mundo» — anuncia um jornal do Cairo. O jornal acrescenta que ninguém sabe os nomes ou identidades dos «cinco jovens guerrilheiros», cada um dos quais usa mais do que um nome de guerra e código, mais do que um passaporte e fala mais do que uma língua, tendo nascido em «terra árabe». Os guerrilheiros foram treinados num local ignorado e estão presentemente a debater a sua próxima operação de comandos — afirma também o «Al Gomhouria». (R e DL)

"DIÁRIO POPULAR"

Entra hoje no 31.º ano de publicação o nosso prezado colega «Diário Popular», motivo por que apresentamos ao seu director, prof. Martinho Nobre de Melo e a quantos trabalham naquela casa as nossas cordiais saudações.

TRIGO PARA A URSS: CONTROVÉRSIA ELEITORAL

O recente contrato entre os Estados Unidos e a União Soviética para o fornecimento de trigo, no valor de um bilião de dólares, tornou-se uma questão eleitoral quando George McGovern acusou o Governo de ter informado os grandes armazenistas e exportadores de cereal do que se iría passar. Os armazenistas e exportadores teriam então comprado o trigo aos produtores, desconhecedores de tudo, a um preço muito baixo, para o venderem com lucros fabulosos. No seguimento destas acusações, o secretário da Agricultura, Earl Butz, revelou ter pedido ao FBI para investigar o caso «para deixarmos de pensar nele e podermos andar para a frente». Segundo Butz os lucros não são excessivos: «Eu defendo o seu direito ao lucro, mas não a um lucro exorbitante. Um por cento não me parece de modo algum um lucro exorbitante». Entretanto, sabe-se que as remessas de trigo para a URSS poderão garantir trabalho a 50000 trabalhadores, ao mesmo tempo que, para as donas de casa, elas significarão um aumento de meio centavo no preço do pão.

Perante o incremento dos actos terroristas, as medidas de segurança foram igualmente reforçadas em Paris à volta do edifício onde se realisavam as conversações de paz para o Vietname. (Telefoto UPI-Telimprensa-DL).

WILLY BRANDT EM MINORIA

O Parlamento alemão ocidental consagra os seus debates de à primeira questão de confiança posta à legislatura por um chanceler federal em 23 anos de História da República. O chanceler Willy Brandt, que não dispõe de mais de 247 votos no Bundestag, contra 248 da oposição, deseja recorrer a um apelo antecipado ao corpo eleitoral para sair do actual impasse político. (ANI E DL).

HOJE: 32 PÁGINAS

DL/NACIONAL

LEITOR DO "DIÁRIO DE LISBOA"

Homem que lê vale por três

Continuação da primeira página

país. Sem esse esforço nunca criaremos as estruturas necessárias á sobrevivência num mundo dia a dia mais complexo, dia a dia mais assente em técnicas novas, dia a dia mais incrédulo em relação a conceitos e a princípios herdados dum passado de que todos se estão a despedir.

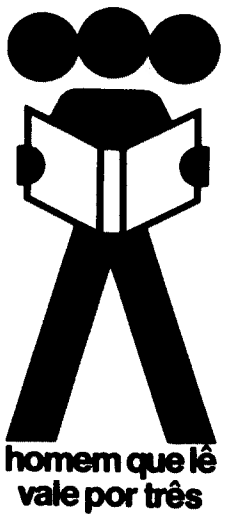
Viver no mundo que está a nascer aos nossos olhos é um permanente optar por esta ou por aquela solução por este ou por aquele caminho, e esta opção só pode ser feita por quem conheça o que está em causa, por quem entenda as consequências que resultam das opções.

Não basta — ainda haverá quem o não saiba? — passar procuração a outros para que optem por nós. Este tipo de procuração constitui uma renúncia que mais tarde ou mais cedo se transforma num factor de atraso para uma colectividade.

Nada sai mais caro do que renunciar ao direito de pensar e de escolher, nada custa mais caro a um povo do que isolar-se culturalmente ou pelo alheamento ou pela adopção de conceitos e de ideias ultrapassadas.

Ler, estudar e escolher são actividades que fazem parte integrante da vida e quem as substitui pelo aplauso incondicional ou deixa que a sua atenção seja desviada para actividades secundárias, acaba na quarta divisão para usarmos uma expressão extraida do vocabulário duma actividade secundária.

O problema da educação é, repetimos, um problema primordial, tanto a nível internacional como a nível nacional.



homem que lê vale por três

No primeiro caso porque o homem adquiriu conhecimentos técnicos de tal forma perigosos que o seu uso pode fazer perigar a própria humanidade. Ou o homem aprende a viver sem destruir a natureza de que depende ou pode bem acontecer que os seus dias estejam contados. Como dizia Wells, **«A história é cada vez mais, uma corrida entre a educação e a catástrofe»,** uma corrida que tem de terminar pela vitória de uma ou de outra. Ao criar o «Ano Internacional do Livro» e ao pedir a todos os povos para se interessarem pela divulgação do livro e para levarem a cabo grandes campanhas destinadas a elevar o seu nível cultural a Unesco não se limitou a tomar uma iniciativa neutra, daquelas que certas instituições periódicamente tomam por dever de ofício e que os povos atrasados tendem a despresar por terem sido levados a pensar que a «cultura» é um enfeite quando a cultura é na realidade a única arma válida com que podemos vencer a única batalha válida do nosso tempo — a que temos de travar pela nossa própria subsistência. A UNESCO ao criar o «ANO INTERNACIONAL DO LIVRO» tomou posição e optou pela subsistência humana.

Só temos um inimigo e esse inimigo é a ignorância. Um povo ignorante e inculto está condenado pela história e por isso a batalha pela educação, que é a batalha que temos de travar aqui e agora, tem para nós portugueses, um interesse muito especial.

A nova iniciativa do "Diário de Lisboa" integra-se no espírito da iniciativa da Unesco como já dissemos, e tem por objectivo contribuir para a elevação do nível cultural dos portugueses.

Ao promover esta iniciativa o "Diário de Lisboa" também toma uma posição posição que a ninguém pode espantar já que se integra como também já dissemos, na continuidade da orientação que define este jornal desde o seu início.

«Um homem que lê vale por três» é mais do que uma iniciativa promocional — é uma declaração de fé na possibilidade dos portugueses criarem para si um lugar digno no mundo que está a nascer.

Se essa fé não existisse, o «Diário de Lisboa» sortearia lugares em estádios ou renunciaria á luta que se impõe e que esta iniciativa tem por objectivo servir.

Como não podia deixar de ser, os prémios instituídos são aliciantes mas o que torna esta iniciativa verdadeiramente inédita não é só o valor dos prémios — é sobretudo a sua utilidade para a causa da elevação cultural dos portugueses.

Quem participar na nova iniciativa do «Diário de Lisboa» não se limita a habilitar-se a prémios valiosos e úteis — participa na batalha definitiva do nosso tempo.

Curso de Instrução Prática

para o

SECRETARIADO

OFICIALIZADO POR DESPACHO DE 27-5-1971

Prepara a maioria das correspondentes em línguas estrangeiras e secretárias das grandes empresas

Estas situações são, em geral, obtidas por intermédio da Escola, satisfazendo pedidos das firmas.

Classes especiais onde alunas com frequência do 5.º ano atingem, em menos tempo, um grau superior de preparação profissional.

Peça brochura com a organização do curso e referências das empresas onde se empregaram as ex-alunas à

ESCOLA LUSITÂNIA FEMININA

Rua de D. Estefânia, 126 (à Duque de Ávila) — Telefs. 4 47 30 e 55 35 75

MOÇAMBIQUE: Combate aos estupefacientes

Lourenço Marques, 22 (L) — Por despacho do Governador-Geral, acaba de ser criada em Moçambique uma comissão de combate ao uso de estupefacientes, que ficará na dependência da secretaria provincial de Saúde e Assistência.

O referido despacho considera que «o uso de estupefacientes constitui fenómeno que afecta o mundo moderno em escala tão pronunciada que para ele convergem as atenções de todos os países. Afectando predominantemente os sectores jovens da população — as grandes reservas humanas de qualquer nação — é factor predominante do enfraquecimento da sociedade; conduzindo ao repudio dos valores morais tradicionais, prejudica a coesão da família — ainda a célula social por excelência — o apego ao trabalho e ao estudo — modos fundamentais da realização humana — o desejo de evolução e de melhoria.

«Tendo deixado de ser um factor regional de desagregação das comunidades para se transformar num problema mundial, mais se acentua a sua crescente perigosidade. Como é evidente não pode a administração alhear-se de tão grave problema. Impõe-se urgentemente a mobilização de todos os sectores responsáveis com o fim de se obter a coordenação de esforços necessária para um ataque global nos aspectos fundamentais — a prevenção e repressão e a reabilitação».

GILDA ABREU

Rumo a Tóquio sem veleidades

Gilda Abreu, o modelo madeirense que com a elegância das suas linhas de «fausse-maigre» se apoderou do terceiro lugar no último concurso «Miss Portugal», parte segunda-feira rumo a Tóquio, onde representará o nosso País no **International Beauty Contest,** certame destinado a eleger a mais bela entre as terceiras em beleza de cada país.

Gilda, felicíssima com a viagem — que lhe proporcionará visitar, além do Japão, a Tailândia, Hong-Kong e Macau — e com a acompanhante que lhe reservaram, a conquista Vera Lagoa, está a preparar-se para o despique com as suas 59 rivais como um fundista em véspera de tentar o recorde: repousando, repousando o mais possivel nas folgas que modista e papeladas lhe consentem. Vai, segundo diz, «sem quaisquer veleidades» a títulos que só secundáriamente lhe interessam; mas de olhos muito abertos para as «maravilhosas experiências e contactos» que a digressão pelo Oriente lhe reserva.

O Centro Electrónico de Reservas RESIBER, instalado na delegação da Ibéria em Lisboa

Novo sistema electrónico de reservas da Ibéria (Lisboa)

A Delegação da IBERIA, em Lisboa, integrou-se no sistema RESIBER desde o passado dia 1 de Agosto. RESIBER é o nome do Sistema Electrónico de Reservas que há dois anos foi instalado na companhia espanhola. Está regido por dois ordenadores UNIVAC-494, que funcionam por tempo real.

Esses ordenadores são capazes de acumular nas suas memórias dados suficientes para cobrir as necessidades da companhia durante o prazo de sete meses, compreendendo cada operação os dados suficientes para individualizar a reserva por nome e apelidos, telefone de referência, número de voo, classe, tipo de bilhete. Compreende ainda outros serviços adicionais, tais como a reserva de automóvel, hotel e inclusivamente, tipo de comida solicitada e quaisquer outras particularidades requeridas.

AMERICANOS VÊM "PEDALAR" PARA PORTUGAL

NOVA IORQUE, 21 (F.P.) — A sociedade americana «Stelber Industries» concluiu um acordo de princípio para adquirir uma participação de 51 por cento na filial portuguesa da companhia belga «A. Claeys Flandria».

As três empresas são fabricantes de bicicletas e o objectivo da «Stelber» é penetrar nos mercados portugueses e africanos e além disso, impor nos Estados Unidos e no Canadá as bicicletas de corrida de 10 velocidades fabricadas pela «A. Claeys Flandria» em Portugal.

O acordo prevê que a «Stelber» terá direito a 60 por cento dos lucros da filial portuguesa, que será dirigida por representantes da firma americana. Além disso, está poderá adquirir ulteriormente a totalidade do capital da firma portuguesa.

Opinião

UMA RESOLUÇÃO ADIADA

Com o tempo, escrevia Raymond Aron a propósito da situação criada pela guerra dos seis dias, toda a ocupação engendra uma resistência. A previsão do cronista francês está a tornar-se uma realidade cada vez mais patente aos olhos de todo o mundo. Depois de Munique, surge agora o engenhoso e seguro — para quem o utiliza — método das cartas armadilhas.

A utilização dos serviços postais numa luta violenta como a que se arrasta no Médio Oriente desde que se decidiu dar uma pátria aos judeus, não pode deixar de ser considerada como mais um factor de inquietação. Mas, como dizia Aron, a ocupação engendra uma resistência. E se os judeus que queriam instalar-se na Palestina não hesitaram a recorrer ao terror durante os últimos anos do mandato britânico, não nos deve surpreender muito que os palestinianos recorram a métodos semelhantes.

A questão mais grave parece estar em que, impedidos de fazer a guerra em larga escala dentro dos territórios ocupados pelo Estado de Israel, os combatentes da Palestina a façam em Londres, Nova York e Kinshasa. Estes métodos de luta pelo terror — não se pretende dar à palavra qualquer conotação pejorativa, apenas qualificar acções que só poderão ser úteis pelo medo que provocam — têm o mesmo objectivo dos ataques que seriam levados a cabo dentro de Israel, caso fosse possível.

Para melhor se entender os objectivos dos «feddayin» é preciso ter presente que nunca os palestinianos defenderam a necessidade de expulsar os judeus da Palestina. Ao contrário das autoridades de Jerusalém, que negam a cidadania israelita a quem não prove as mais puras origens judaicas, a Organização para a Libertação da Palestina advoga a constituição de um estado democrático, onde vivam, regidos por um governo maioritário, judeus, muçulmanos, cristãos.

O envio de encomendas postais explosivas faz com que o simples facto de se ser cidadão de Israel — não confundir com judeu — seja uma situação perigosa. E deve ser isso mesmo que os atentados visam. Israel sobrevive, como se sabe, graças ao auxílio que lhe prestam as comunidades e os potentados judaicos, ou sionistas como muitos preferiam chamar-lhes. Mas quase tão importante como esse auxílio é o permanente afluxo de imigrantes que satisfazem as rígidas condições religiosas do Estado israelita para a obtenção da cidadania.

Ora, a lógica impele os palestinianos a pensar que, se a cidadania israelita implicar em si própria um permanente risco de morte, esse afluxo tenderá a diminuir. Trata-se, pois, de tentar criar uma instabilidade capaz de modificar a correlação de forças dentro do Estado de Israel, enquanto se não pode desencadear uma ofensiva mais generalizada e localizada. O exemplo do que se está a passar neste momento no Líbano, onde o governo prefere cercear as possibilidades de movimentação aos guerrilheiros para não ter de enfrentar os ataques dos Phantoms israelitas, ilustra bem as dificuldades actuais dos «feddayin».

O mundo, que se choca com o sangue vertido pelos ataques do «Setembro Negro», não deixa de ter uma percepção das realidades. O mundo, ou quem de certo modo representa um certo consenso mundial. Referimo-nos ao secretário-geral das Nações Unidas, Kurt Waldheim. Depois de tentar inscrever na agenda da actual assembleia geral da organização a questão do terrorismo, Waldheim dobrou-se aos argumentos árabes e africanos, enviando para uma comissão especializada o problema, protelando talvez por anos uma resolução.

MAURICE DUVERGER — "LE MONDE"/DL

O FEITICISMO OLÍMPICO

Depois dos jogos de Munique, invadidos pelo dinheiro, pela política, e pelos nacionalismos, toda a gente deplora a degradação do «ideal olímpico». Mas poucas pessoas se interrogam acerca do valor desse mesmo ideal, reverenciado de modo quase universal, conscientemente ou não.

Constatemos antes de mais que o sonho de Pierre de Coubertin só tem uma semelhança formal, aparente e exterior, com as tradições da antiguidade. As olimpíadas gregas reuniam apenas os países com as mesmas crenças fundamentais e os mesmos sistemas de valores. Não tinham nenhuma pretensão universal. Reservadas ùnicamente às cidades helénicas, punham de lado todos os outros povos. Acrescentemos que outrora se tratava essencialmente de uma liturgia religiosa, sendo a competição desportiva uma forma de homenagem aos deuses dentro de uma concepção do homem em que o cristianismo ainda não separa o corpo e a alma.

Querer transpor tudo isto para o mundo actual resulta numa caricatura assim como que numa bela Helena... «respeitosa...». Pois que pedir aos homens de um universo tão dividido como o nosso, sem escalas comuns de valores, para se enfrentarem num estádio, esquecendo os seus antagonismos politicos e sociais, é subestimá-los. A empresa é mais do que duvidosa apesar da sinceridade do seu promotor. A natureza deste empreendimento é profundamente conservadora. Mascarar as contradições e os conflitos da sociedade foi sempre um dos meios essenciais de manter a ordem estabelecida.

No Ocidente o ideal olímpico faz hoje parte de uma gigantesca empresa de despolitização que utiliza o desporto, a moda, os «gadgets», os automóveis, os lazeres, as canções, no intuito de desviar a atenção dos problemas fundamentais. Os países socialistas começam a interessar-se no caso, e com o mesmo fim. Apesar da forte propaganda ideológica, não se importam nada de fazer esquecer por momentos aos seus concidadãos as dificuldades da produção, a garra da burocracia.

Ao fazer-se do desporto um valor essencial, rodeando-o de uma auréola quase mística, favorecem-se empreendimentos muito piores. Parecerá escandaloso a muita gente dizer-se que o estilo dos Jogos de Berlim de 1936, tendente a criar «deuses do estádio», é bastante conforme com o espírito olímpico tal como depois quiseram ressuscitá-lo. Mas poderá ter-se a certeza de que semelhante afirmação não comporta em si foros de verdade?

. A regra do amadorismo e do desinteresse é também mistificadora. Porque minimiza a desigualdade das condições materiais em que vivem os homens. Só as pessoas que têm lazeres, portanto rendimentos suficientes para não trabalharem a tempo inteiro num penoso labor, podem, efectivamente, treinar-se no atletismo nessas condições. O mineiro de fundo, o operário de uma cadeia de montagem, o empregado de balcão, e tantos outros, não o podem fazer. Se fosse estritamente aplicado, o princípio olímpico só abriria os estádios aos filhos dos burgueses, a menos que uma regulamentação internacional obrigasse todas as nações do mundo a dar aos seus cidadãos uma educação física prolongada e os meios de a seguirem, como o faziam as cidades gregas da Antiguidade.

O mito olímpico situa-se no quadro de uma classe, de uma ideologia, e de uma época. Corresponde à mentalidade de uma dada aristocracia esclarecida dos princípios do século XX, mais ou menos adoptada por uma alta burguesia que nela declarou o seu comportamento. Jean de Beaumont, Lord Killinin, Avery Brundage compartilham-na hoje.

Pessoas ricas, bem educadas, pouco conscientes dos problemas materiais que dominam a vida dos outros homens, suficientemente abertas de espírito e descomprometidas para vencerem as suas diferenças nacionais . Gente liberal que pensa que a luta social fundamental se desenrola entre indivíduos e que é suficientemente moderada para poder exprimir-se através de competições desportivas. Anti-intelectuais, sonhando reequilibrar um mundo racional e técnico pelo desenvolvimento das qualidades físicas. Conservadores, também, procurando mais ou menos conscientemente negar as contestações políticas e sociais que põem em causa os seus privilégios.

Semelhante «ideal» não merece a aura de que o rodeiam, a qual aliás, é hipócrita quase sempre. Os Jogos Olímpicos, tal como decorreram em Munique e no México, não a degradaram. Em certos pontos são, pelo contrário, mais válidos, apesar das aparências. O aparecimento da política nessas vastas quermesses vem recordar que ela comanda a existência e a dignidade dos homens, para lá de um formalismo desportivo. O treino ao cuidado do Estado, ou graças ao auxílio publicitário abre a competição às pessoas de origem modesta, em vez de a reservar aos ricos. A naciolnalização crescente dos Jogos não constitui necessàriamente um mal. Não é mau que um atleta se sinta ligado à comunidade dos seus concidadãos e que tenha a consciência de a exprimir pelo seu esforço. É bom que os Estados possam enfrentar-se através dos estádios, e para aí transponham os diferendos, e é até de lastimar que todos os conflitos não possam resolver-se um dia por combates singulares entre atletas.

O elemento menos contestável do ideal olímpico, é finalmente a vontade de fazer viver juntos durante alguns dias, de maneira igualitária e fraternal, atletas de todos os países, de todas as raças, de todas as classes, numa competição fundada em regras universalmente aceites. Reencontramo-lo nos Jogos actuais, que o alargam particularmente a um público imenso e às centenas de milhões de leitores de jornal, ouvintes de rádio, espectadores de televisão, que seguem as provas e tomam assim uma relativa consciência da unidade do mundo para além da sua diversidade. O que não é pouco. Mas deve ser ajustado às suas dimensões exactas, e não merece essa espécie de feiticismo de que se rodeiam os Jogos.

MARIA JUDITE DE CARVALHO

OS PEÕES DO MAR

Felizes entramos no mar mas logo nos sentimos peões, gente enfim, de segunda classe. De segunda classe na melhor das hipóteses. Os outros, os motorizados por herança ou realização pessoal, os que já ultrapassaram a fase do prazer do banho e até da natação, deslizam velozmente pelo autódromo verde-água que tem toda a largura que lhes apetece, e começa quase a seguir à branca rebentação das ondas. A segurança do peão do mar, o passeio, a passagem verde é só com água pela cintura. Se ele dá umas braçadas na direcção das Américas ou das Áfricas (aqui, onde estou é das Áfricas) ei-lo em perigo de morte.

Os barcos que desceram a Europa ou simplesmente este rectângulozinho a ocidente correm á velocidade que desejam, com skiador ou sem ele, dão voltas sobre voltas e às vezes — muitas vezes, é esse o problema a que me refiro — aproximam-se perigosamente da zona onde se toma banho e, se nada. Traçam arcos de círculo tangentes a ele e até secantes. Creio que um polícia de trânsito por praia era necessário e vai mesmo ser indispensável nos anos mais próximos. Porque os barcos ameaçam e às vezes atropelam os inocentes que julgam que o mar das praias ainda é natureza de todos Abençoados os pobres de espírito. Mas quem vai de férias, quem poupa o ano inteiro para aqueles trinta ou aqueles quinze dias, quem tem o décimo terceiro mês e se sente feliz e realizado ao sol e no mar, não tem por objectivo imediato o reino dos céus. Julga, o pobre, que pode banhar-se e depois nadar um pouco. Não pode. Os motorizados por ali andam, velozes e todo poderosos, nada a fazer. Fiquemos no passeio onde há espuma e onde há pé. Ou vamos à piscina mais próxima.

Ou deixemo-nos ficar na areia, simplesmente expostos ao sol e também, é certo, à ameaça dos futebolistas estivais. Que magoam mas em todo o caso não ferem nem matam.

DL/REGIONAL

PORTO

Semana de estudos cooperativos

Está a despertar muito interesse, mesmo para além dos meios directamente interessados, a I Semana de Estudos Cooperativos, promovida, como o «Diário de Lisboa» anunciou, pela RIOCOOPE-Cooperativa de Consumo de Rio Tinto, cujos trabalhos começam no domingo.

As sessões de trabalhos decorrerão na sede daquela cooperativa e estão inscritos cinquenta comparticipantes. Serão debatidos temas de flagrante actualidade.

A cerimónia inaugural, que comecará às 10 e 30, assistem autoridades civis e religiosas e outras entidades.

Professores de Inglês

Sob a orientação do prof. John Spepherd funcionará no Instituto Britânico o Curso Básico de Metodologia para professores de Inglês dos liceus.

O curso, para o qual a inscrição está sberta, funcionará nos dias 28, 29 e 30.

Hospital de S. João

Foi exonerado, a seu pedido, do cargo de médico graduado do Hospital Escolar de São João o dr. Carlos Fernando Vieira da Silva Torres.

Exposição filatélica itinerante

O Centro Universitário do Porto promove, de 30 de Outubro a 16 de Dezembro, uma exposição filatélica itinerante, que percorrerá sete estabelecimentos de ensino daquela cidade, Matosinhos e Vila Nova de Gaia.

Promovido por distinção

Foi promovido a alferes do serviço geral do Exército, por distinção, o primeiro-sargento de infantaria, do Regimento de Infantaria n.º 13, sr. José Manuel Ferreira Gaspar, que segundo a decisão ministerial, «sempre demonstrou extraordinárias qualidades de combatente, sobejamente comprovadas pelos feitos em campanha ao longo das diversas comissões militares que cumpriu no ultramar».

COIMBRA

Centenas de candidatos nos exames liceais da segunda época

Começaram nos liceus de Coimbra os exames da segunda época, respeitantes aos 2.º e 3.º ciclos.

Compareceram às provas escritas, 639 alunos, assim discriminados: Liceu Normal de D. João III, 218 (57 do 5.º ano e 161 do 7.º); Liceu Infanta D. Maria, 150 (50 do 5.º e 100 do 7.º) e Liceu D. Duarte, 261 (241 do 7.º e 20 só para tirarem deficiências do 5.º ano).

Os examinandos do sétimo ano prestaram provas escritas nas disciplinas de Grego, Inglês e Ciências Fisico-Químicas; e os candidatos aos exames do quinto são hoje examinados em História, Ciências Naturais e Francês e Alemão.

Doutoramento

Está constituído o júri, ao qual preside o reitor da Universidade, prof. dr. Cotelo Neiva, das provas de doutoramento em Fisiologia Animal a prestar pelo dr. Vítor Manuel Calado Madeira, na Universidade.

Conselho Municipal

Para homologar o Plano de Actividades e Bases do Orçamento para 1973 (que vão ser apresentados na próxima reunião camarária), a criação de novos lugares em diferentes serviços e a permuta de um terreno, foi convocada a reunião do Conselho Municipal no dia 28, às 15 e 30.

Ordem Terceira

Na sala do definitório da Venerável Ordem Terceira haverá, no dia 24, às 16 horas, a reunião mensal dos irmãos.

Seguidamente, na igreja da Graça será rezado o terço, no fim do qual haverá a bênção do Santíssimo.

ESPINHO: FESTIVAL DE MÚSICA

Em Espinho, no salão do Grande Casino, haverá hoje, ás 22 horas, um concerto pelo violoncelista Ramon Miravall.

O concerto inclui-se no programa do XIX Festival de Música de Espinho.

PROVÍNCIA

As novas dimensões da cidade de Leiria

Os novos limites da cidade de Leiria que, tal como ontem noticiámos foram definidos por decretos publicados no Diario do Governo, integram algumas povoações na zona urbana da cidade que, até agora eram classificadas como rurais. As consequências dos novos limites relacionam-se a curto prazo com a extensao a essas povoações de benefícios de que, até agora, só a cidade usufruia segundo informação que recolhemos na Câmara Municipal. Entre os benefícios previstos contam-se os transportes colectivos.

Por nos parecer que o conhecimento do texto que define os novos limites da cidade terá interesse para os habitantes de Leiria e arredores, e para todos os que se interessem por aquela cidade, decidimos publicá-lo hoje, na integra.

«Os limites da cidade de Leiria são definidos por uma linha que, partindo do caminho de ferro do Oeste, junto ao quilómetro 163,041, se dirige para nascente, em linha recta até encontrar o cunhal norte-poente do cemitério de Gândara dos Olivais; segue, depois pela estrema do mesmo cemitério, até ao seu cunhal norte-nascente donde contínua novamente em linha recta, em direcção á estrada nacional n.º 109, que atinge junto ao quilómetro 165,400, e pela qual avança até ao quilómetro 165,050; aí inflecte para sudeste, acompanhando o caminho público que passa por Ribeiro do Pinto, na Quinta da Carvalha, e se prolonga para sul, para o Outeiro da Gândara, indo cruzar a estrada de acesso á Carreira de Tiro e encontrar seguidamente, a estrada municipal n.º 533-1, junto ao quilómetro 0,590; progride pela mencionada estrada municipal até ao quilómetro 1,450, ponto onde se desvia para nordeste, continuando pelo caminho público que conduz ao campo de jogos de Marrazes, até deparar com o cunhal norte-poente daquele mesmo campo de jogos, e avançando, depois pela serventia pública que contorna a aludida povoação de Marrazes, pelo lado norte, até ao ponto do seu cruzamento com a estrada municipal n.º 533, junto ao quilómetro 2,050; a partir daí, acompanha o caminho público que passa a nordeste da povoação de Marinheiros e se dirige para a estrada nacional n.º 1, que alcança junto ao quilómetro 125,880 nas proximidades dde Vale de Cepal; prossegue, depois pela referida estrada nacional até ao quilómetro 126,460, onde inflecte para sul, metendo por novo caminho público que vai ligar á estrada nacional n.º 350, junto ao quilómetro 1,730; desvia-se, então, para nordeste, por aquela última estrada nacional que abandona junto ao quilómetro 0,650, para se dirigir novamente para sul, pelo caminho público que vai encontrar a estrada nacional n.º 113, junto ao quilómetro 0,470; aí a linha limite mete para nascente, pela referida estrada nacional, até ao quilómetro 0,700, onde depara com a ribeira do Sirol; avança pela mencionada ribeira, no sentido jusante, até á Quinta da Fábrica, progredindo em seguida, para sudeste, pelo caminho público que, contornando Casais de São Romão e S. Romão, vai ter á estrada municipal n.º 544, junto ao quilómetro 0,665; acompanha a aludida estrada municipal até encontrar o portão da Quinta de S. Venâncio junto ao quilómetro 0,980, e continua depois, pelo caminho particular que atravessa aquela Quinta e se dirige para a sua entrada principal, situada na estrada nacional n.º 356-2, junto ao quilómetro 10,460; a partir desse ponto, avança por aquela mesma estrada nacional, até ao quilómetro 10,130, nas proximidades da Quinta de Vale de Lobos, e aí, desvia-se para sudoeste, por um caminho público que, após inflectir para noroeste e em seguida para sul, vai encontrar a linha de água que cruza ao quilómetro 3,065 e nas proximidades do Casal da Serradinha, a estrada municipal n.º 543; prossegue por esta linha de água até á sua confluência com um afluente do rio Sena, que passa a poente da povoação de Telheiro, continuando então pelo aludido afluente, até ao ponto de encontro com o rio Lena; progride por aquele último rio, para montante, até ao pontão da serventia particular que conduz à Quinta da Moura, e mete depois para noroeste, pela referida serventia, até deparar com a estrada nacional n.º 1, junto ao quilómetro 120,680, caminha, em seguida, para sudoeste, pela mesma estrada nacional, até ao quilómetro 120,480, e, nesse local, desvia-se para poente, continuando pelo caminho público que passa pela Fábrica da Cal e atinge a Quinta dos Parceiros; a partir daí, a linha-limite acompanha a linha de água que vai cruzar com a estrada municipal n.º 541, junto ao quilómetro 2,130, e avança seguidamente por esta ultima, até ao quilómetro 1,750; abandonando, então a aludida estrada municipal, progride pelo caminho público que passa a poente da povoação de Parceiros e conduz ás proximidades do Casal de Santa Maria, inflectindo depois e sucessivamente, para nascente e para norte, até encontrar o caminho de ferro do Oeste, junto ao quilómetro 159,028; prossegue por aquele caminho de ferro até ao ponto onde depara com o rio Lis e dirige-se em seguida para jusante, pelo mesmo rio, até cruzar com a estrada nacional n.º 349-1, ao quilómetro 10,850; desse ponto, prolonga-se, em linha recta, até á passagem de nível do indicado caminho de ferro do Oeste, situada junto ao quilómetro 163,041, onde se iniciou a presente descrição».

Acessos a Lisboa e Porto no regresso de férias por itinerários recomendados

Do Ministério das Comunicações recebemos a seguinte nota:

Prevê-se para os próximos fins de semana especialmente fins de tarde e princípios de noites dos Domingos dias 24 de Setembro, 1 de Outubro e 8 de Outubro, um substâncial aumento de tráfego nas estradas que dão acesso a Lisboa, por ocasião do regresso de férias.

Sinais de orientação (setas) azuis, com letras a branco controlados pela Brigada de Trânsito da G.N.R., indicarão quando necessário os itinerários que nesse momento se aconselham para acesso a Lisboa. Assim encontram-se previstos os seguintes itinerários alternativos, aliás já noutras datas sugeridos:

1 — ACESSO A LISBOA

1.1 — **Trânsito vindo do norte pela estrada nacional n.º 1:**

— Em S. Jorge — (a sul da Batalha) desvio à direita em direcção a Alcobaça, Caldas da Rainha e Torres Vedras.

— Em São Cristóvão — desvio à direita, em direcção a Cercal, Torres Vedras, Loures e Calçada de Carriche, pelas estradas nacionais 366, 115-1, 115, 115-2 e 8.

Os automobilistas que se destinem às regiões de Sintra, Amadora, Queluz, etc. bem como à **Linha** de Cascais, poderão, em Torres Vedras, tomar a estrada nacional n.º 9 e seguir por Ericeira e Sintra.

— Em Alenquer — desvio à direita, em direcção a Bucelas, Loures e Calçada de Carriche, pelas estradas nacionais 9, 9-3, 115 e 8.

1.2 — **Trânsito vindo do centro do país pela estrada nacional n.º 3**

— Em Santarém — desvio à esquerda, seguindo por Almeirim, Porto Alto, Vila Franca de Xira, Auto-Estrada e Rotunda da Encarnação, pelas estradas nacionais 114, 118, 10 e Auto-Estrada do Norte.

1.3. — **Trânsito vindo das regiões de Mora e Coruche**

— No Infantado — seguir em frente, por Alcochete, Moita, Coina e Ponte Salazar, através das estradas nacionais 119, 118, 11, 11-2, 10-3 e 10.

1.4 — **Trânsito vindo das regiões de Elvas, Estremoz e Évora**

— Em Pegões — seguir em frente, por Moita, Coina e Ponte Salazar, através das estradas nacionais 4, 119, 11, 11-2 e 10.

Em S. Jorge (à Batalha), S. Cristóvão, Alenquer, Infantado e Pegões, patrulhas da Brigada de Trânsito da Guarda Nacional Republicana (B.T. - G.N.R.) procurarão orientar o trânsito para os itinerários menos congestionados.

2. — A Direcção-Geral de Viação chama a atenção para que um dos factores que poderá contribuir para facilitar a circulação é que as deslocações se façam ao longo do dia. Assim, sugere-se que aqueles a quem tal for possível, efectuem o seu regresso a Lisboa, nos dias 24 de Setembro e 1 e 8 de Outubro, de **manhã**.

ACESSO AO PORTO

Assim para acesso ao Porto vindo de Viana do Castelo em **DUAS ESTRADAS** oferecem-se duas alternativas:

— A EN 13 por Esposende, Póvoa de Varzim, Vila do Conde

— A EN 103 em direcção a Barcelos (EN 103), e daí ou Vila Nova de Famalicão (pela EN 103) e Porto (pela EN 14) ou Barcelos-Galo-Vilarinho (pela EN 306), Carriça (EN 318) Porto (EN 14).

De Esposende poderá também seguir-se pela estrada nacional n.º 103-1 até Barcelos e depois seguir para o Porto por qualquer dos dois itinerários acima indicados.

Para acesso ao Porto vindo do sul em Esmoriz e em Espinho aparecerão, quando e se tal for conveniente setas indicando o itinerário pelo Picoto e estrada nacional n.º 1 para regresso ao Porto.

No JUNCAL conforme as condições de trânsito o aconselharem poderá ser sugerido o acesso ao Porto pela estrada nacional n.º 109 ou pela estrada nacional n.º 1-15.

2 — A Direcção-Geral de Viação chama a atenção para que um dos factores que poderá contribuir para facilitar a circulação é que as deslocações se façam ao longo do dia. Assim, sugere-se que aqueles a quem tal for possível, efectuem o seu regresso ao Porto, no dia 1 de Outubro, de **manhã**.

3 — A Direcção-Geral de Viação pede aos proprietários de veículos automóveis pesados de mercadorias que **não os façam circular no próximo dia 1 de Outubro**.

SANTARÉM INAUGURAÇÃO DA LUZ ELÉCTRICA NA MONUMENTAL

É inaugurada amanhã a luz eléctrica na Monumental de Santarém, melhoramento que orçou em 1350 contos e teve a comparticipação do Secretariado de Estado da Informação e Turismo, do Ministério das Obras Públicas e do Ministério da Saúde. Haverá às 17 horas, um festival taurino; às 21 e 30, corrida de touros, já com a instalação eléctrica a funcionar, seguir-se-á uma sessão de fados, e em fim de festa, uma petiscada para todos, espectadores, artistas e organizadores.

TV DL/ESPECTACULOS

TRAVAR, TRAVAR, A QUANTO OBRIGAS...

«Sangue na Estrada» actualiza-se. Dedica toda uma emissão ao problema dos travões. Eis aqui um problema cuja importância ninguém discutirá. Por várias razões. É certo que muitos desastres acontecem por falta — mas também Filipe Nogueira nos veio lembrar que muitos outros desastres se dão por excesso de travões.

Explica-se. Nas estradas de grande movimento ou nos grandes declives, os condutores usam demasiado os travões. Daqui, devido ao excesso de aquecimento (desculpe Filipe Nogueira eu evitar aqui o recurso aos termos técnicos, mas compreende que me dirijo a pessoas que não possuem a nossa bagagem científica e me vejo forçado portanto, a usar uma terminologia mais acessível. Os sábios nossos colegas me perdoarão). Dizia eu que, devido ao excesso de aquecimento, resultava uma espécie de fadiga dos travões. Tanto se trava, tanto se trava, que a certa altura os carros já não obedecem a nenhum estímulo, tornam-se apáticos, indiferentes, vão por onde calha e de um choque inofensivo, à morte no fundo da ravina, tudo pode acontecer.

Que fazer, pois, para evitar a degradação dos travões? O remédio é simples: arranja-se mais um travão. É o terceiro travão, travão ligado ao sistema eléctrico do veículo, também chamado «travão auxiliar». Pela voz do sr. Roque Dias foi dito que o terceiro travão é, desde há anos, uso corrente lá fora. Em França os veículos pesados hão-de possui-lo obrigatòriamente caso devam circular em regiões montanhosas. Na Espanha, também o terceiro travão já entrou na rotina. Há várias marcas de travão auxiliar, mas o sistema é o mesmo.

Torna-se, portanto, ocioso sublinhar a importância do terceiro travão. Fàcilmente se compreende que um travão a mais é sempre mais um travão. E como a eficiência dos travões vai diminuindo com o uso intensivo que deles se faça, aconselho os técnicos a pensar desde já num quarto travão, ou mesmo num quinto, segundo o velho conceito de que o que é preciso é travar, travar a todo o custo.

Bem vistas as coisas e como a tendência dos veículos é para adquirirem cada vez maior velocidade (em virtude das novas técnicas, etc) não tarda nada que a cada veículo, pesado ou ligeiro, sejam aplicados uns bons cem travões. Pelo menos. Não sei se mesmo assim se conseguirá a tranquilidade absoluta do trânsito. Por estradas de tal forma esburacadas, os travões dão, quando muito, uma ilusão de tranquilidade.

Quando o mal é de raíz
travão, travão, que podes tu?

O ESTRANHO CASO DA LAGOA DE ÓBIDOS

«Há só uma Terra» voltou-se para a terra que é a nossa. Nossa, o que se chama nossa, não sei se será a palavra exacta a empregar.

A rubrica mantida na televisão pela Comissão Nacional do Ambiente veio dar-nos conta das anomalias que explicam a morte de 18 toneladas de peixe na lagoa de Óbidos.

Foi um crime. Ignorava-se a identidade do criminoso. Dizia-se que se tratava de um aumento súbito de temperatura. O Aumento Súbito de Temperatura ainda chegou a ser detido para averiguações mas, reconhecida a inocência, foi posto em liberdade depois de alguns dias de aturados interrogatórios.

Ouvido pelo repórter Luis Filipe Costa, declarou o velho lobo da Lagoa, sr. Manuel Neves que o mal estava no excesso de algas, as algas apodreciam, geravam um gás cujo nome científico me escapou — e lá foram tantos peixes para o maneta.

Não era ainda bem este o criminoso. Aproximava-se, porém, o momento da verdade. Uma vez mais, o crime não compensaria.

O Comandante Ataíde explicaria depois a coisa, cientìficamente. Assim: Tinham sido lançadas na Lagoa grandes quantidades de fertilizantes que por sua vez engordaram a flora aquática que por sua vez se apoderaram de todo o oxigénio. Os peixes, morreram de asfixia. Foram estrangulados. A asfixia: aqui está o criminoso.

Horror! Imaginamos como tudo se deve ter passado. As mãos criminosas, gangstéricas, mãos à moda de Chicago, avançam, crescem na escuridão, apertam com delícias de namorado as mansas guelras. Enquanto, plàcidamente, a Lagoa dorme...

A imaginação abrira-me, porém, sem querer as comportas da verdade. A asfixia é a causa da morte, não o criminoso. A meia de nailon que estrangula, estrangula só porque «alguém» a utiliza.

«Há só uma Terra» explica-nos as circunstâncias em que se deu o crime: o Parque Campista cujos esgotos são lançados na Lagoa, os produtos químicos de uma fábrica de sabões nas Caldas, talvez os detergentes, etc., etc.

Conclui-se, à evidência, a inexistência de uma planificação. A vida não se pensa. «Ha só uma terra», ao focar as questões de Óbidos e do Barreiro» deixou-nos concluir da necessidade de sermos todos a pensar e a conhecer e a resolver.

Porque, senhor Comandante Ataíde, a solução para o caso da Lagoa de Óbidos não pode ser apenas a solução da Lagoa de Óbidos. Acima da Lagoa, está o país. Há que resolver o país. Sem o que nenhuma lagoa estará segura.

DA ALTA COSTURA À LITERATURA DA ALTA

«Convergência» foi samba de uma nota só: foi só a entrevista com Jacques Laurent, o Goncourt das «Bêtises» (coitado do Goncourt, tem cometido tantas...) que entre nós se chamam «Delícias», sendo certo que melhor lhe assentaria o título de «Trouxas», género de que temos muito cá.

Jacques Laurent passou da alta costura para o alto romance. Cecil St. Laurent, o da «Caroline Cherie», era a literatura para o êxito; Jacques Laurent, o das «Bêtises», é o êxito para a literatura. Cecil, escrevia para o grande público consumidor das drogas «literárias» e costurava para o ailaife do moni; Jacques produz para o ailaife da livrite.

Certo. Quem esteve então ontem no samba de uma nota só? Foi o Cecil da «Caroline»? Foi o St. Laurent de alto corte? Foi o Jacques das «Delícias»?

A coisa é complexa. A personagem em questão não pode separar-se de nenhum dos seus atributos. A trilogia Cecil - St. Laurent-Jacques esteve diante dos nossos olhos sempre e totalmente confundidos. Ele é como que o irmão de si próprio. Como umas vezes lhe apetecer ler Proust e outras vezes lhe apetecer ler Dumas, assim umas vezes lhe apetece escrever «Bêtises» e outras vezes lhe apetece escrever «Carolines». O autor Goncourt aparece-nos a falar, de igual para igual, do Butor e doutros do «Novo Romance», género «só sábios, éramos sete». O da alta Costura aparece-me a referir-se a um escritor brasileiro, com um nome de que não se lembra muito bem mas que significa «pessoa», e que escreveu sob quatro ou cinco personalidades diferentes. E não fica nem ao de leve perturbado quando o entrevistador António Santos lhe recorda que o sujeito em questão se chamava Fernando Pessoa e é um poeta português... Claro que não se perturbou. Estava bem arranjado se se perturbasse por tão pouco...

Quanto ao mais, ei-lo confundido na barafunda das ideias e das ideologias. A Trilogia é da opinião de que as ideias são para os ensaios e que a literatura não tem de servir nenhuma ideologia, tem de ser **livre**, ele por exemplo, e graças a Deus, não atrela o seu romance a nenhuma ideologia. Está descomprometido. Será um escritor com escritos?

Ai Laurent, ai Laurent, as «bêtises» que se dizem a propósito das «Bêtises» que se escrevem...

Externato Marquês de Pombal
NOVAS INSTALAÇÕES
Em edifício próprio (5 pisos)
RUA MORAIS SOARES, 93 — Tel. 820221/834658 (ao Chile — Metro: Arroios)
PREPARATÓRIO — LICEAL — INSTITUTOS
CURSO COMERCIAL
ABERTAS AS INSCRIÇÕES
Externato São Vicente
Rua do Paraíso 28 — Tel. 86 41 00
Externato Álvares Cabral
Avenida Grão Vasco, 1 (Benfica)—Tel. 70 69 74

PRÉMIOS CRÉDITO PREDIAL DE TELEVISÃO — 3.º TRIMESTRE
Considero que o melhor programa português apresentado neste trimestre pela Rádio Televisão Portuguesa foi _____
Nome _____
Morada _____
Cole este cupon num postal e envie-o pelo Correio para a sede do Crédito Predial Português, Rua Augusta, 237, Lisboa.
No dia 10 de Outubro realiza-se o sorteio de uma conta-depósito de Esc. 15 000$00, entre todos os cupons recebidos nestas condições.

TEATRO MUNICIPAL DE SÃO LUIZ
TEMPORADA DE CONCERTO 1972/73 — 1.º TRIMESTRE
ORQUESTRA FILARMÓNICA DE LISBOA

15 DE OUTUBRO ÀS 16 H
ELEGIA A VIANA DA MOTA — JOLY BRAGA SANTOS
CONCERTO PARA PIANO — GRIEG
SINFONIA N.º 6 — TCHAIKOWSKY
Maestro: MANUEL IVO CRUZ
Piano: SÉRGIO VARELLA-CID

26 DE OUTUBRO ÀS 21,45 H.
29 DE OUTUBRO ÀS 15 H.
SOMBRERO DE TRÊS PICOS — FALLA
CONCERTO A SEVILHA — TURINA
SINFONIA N.º 4 — MAHLER
Maestro: LUIZ ISQUIERDO
Soprano: MARIA ORAN

9 DE NOVEMBRO ÀS 21,45 H.
12 DE NOVEMBRO ÀS 16 H.
ABERTURA «ROSAMUNDE» — SCHUBERT
SINFONIA — CESAR FRANCK
CONCERTO EM LA MAIOR — MOZART
Maestro: ROBERT BENZI
Violino: CHRISTA RUPPERT

23 DE NOVEMBRO ÀS 21,45 H.
26 DE NOVEMBRO ÀS 16 H.
ABERTURA — IVO CRUZ
SINFONIA N.º 40 — MOZART
CONCERTO N.º 2 — RACHMANINOFF
Maestro: MANUE IVO CRUZ
Piano: BARBARA NISSMAN

3 DE DEZEMBRO ÀS 16 H.
4 DE DEZEMBRO ÀS 21,45 H.
O CORSÁRIO (ABERTURA) — BERLIOZ
CONCERTO N.º 1 — CHOPIN
ROMEU E JULIETA (FANTASIA) — TCHAIKOWSKY
LA VALSE — RAVEL
Maestro: ÁLVARO CASSUTO
Piano: EMMANUEL AX

ASSINATURAS:
DE 2 A 7 DE OUTUBRO
VENDA AVULSO
A PARTIR DE 8 DE OUTUBRO
PREÇOS DESDE 15$00
Bilheteira aberta das 14 às 20 h.
Tel. 32 71 72
TARDE: GRUPO A — 6 ANOS
NOITE: GRUPO B — 10 ANOS

ESPECTÁCULOS EXTRAORDINÁRIOS
19 E 20 DE NOVEMBRO ÀS 21,45 H.
SAMSOVA PROKOVSKY LONDON GALA BALLET
21 E 22 DE DEZEMBRO ÀS 21,45 H.
LOS ANGELES JUBILEE SINGERS

DL/ESPECTÁCULOS

CINEMA EM FRANÇA

IMIGRAÇÃO PORTUGUESA É TEMA

PARIS — O realizador francês Dominique Dante, autor de diversas curtas-metragens, entre as quais «La Voyageuse» apresentada no último Festival de Cannes, iniciou a reconstituição de um processo politico-social, para o filme a que deu o título de «Lorette e les Autres» e o subtítulo «Crónica de Exílio».

O filme trata da condição dos imigrantes portugueses que, segundo o autor, chegam a França mal adaptados, estão aqui mal protegidos contra as mais diversas e frequentes explorações pois que, na sua grande maioria, não sabem fazer valer os seus direitos.

Dominique Dante inspirou-se para este seu filme nos dados daquilo a que se chamou aqui «O Caso Fonseca».

De facto, há cerca de um ano, uma operária portuguesa, Lorette Fonseca foi avisada de que ia ser expulsa de França por perturbar a ordem pública. Nessa altura foram formadas diversas comissões de defesa de Lorette e o assunto encontrou eco na Imprensa, sendo explorado politicamente por diversos sindicatos.

A verdade é que Lorette ganhou a causa, e ainda aqui se encontra.

Esta mãe de família, mais bem informada que a maioria dos seus compatriotas, e servida por um conhecimento razoável da língua francesa, tinha conseguido agrupar os imigrantes portugueses seus vizinhos para os defender dos exploradores e de diversas armadilhas da lei francesa e patronal.

Ao mesmo tempo, o seu marido formava, junto ao bairro de lata vizinho da sua residência, um curso de alfabetização para filhos de emigrantes.

Entrevistado sobre o seu próximo filme Dominique Dante respondeu à Imprensa, à rádio e á televisão:

«Existem setecentos mil operários portugueses em França. Constituem uma reserva de mão-de-obra indispensável. Mas numerosos patrões preferem que esta mão-de-obra continue no estado de massa passiva, sem conhecer a sua verdadeira importância nem os seus direitos.

«O que pretendo é chamar a atenção do público, filmando o que pode acontecer a uma mulher corajosa que tenta provocar um estado consciente entre os seus vizinhos. Por consequência, o meu filme é também um retrato de mulher, ao mesmo tempo que é um estudo social.

«Será dividido em capítulos. Um deles intitula-se «O Tempo de Racket» porque, logo após a sua chegada a França, os emigrantes portugueses se deixam vigarizar muitas vezes por aqueles cuja função seria a de os ajudar».

«Qual é a contribuição de Lorette Fonseca neste seu filme?» — perguntaram os jornalistas ao realizador.

«Por um lado, ela própria representa a sua personagem no filme. Por outro lado foi ela quem nos ajudou a estabelecer o traço de união entre nós e os trabalhadores portugueses, que habitavamno bodonville» de Massy.

«Estes homens e mulheres têm sido tão frequentemente ludibriados que começam a descofiar de tudo e de todos. Ora temos necessidade que eles participem no filme».

Os comentários e diálogos do filme são assinados por Maurice Clavel.

BECAUD EM FILME CHILENO

PARIS, — O realizador chileno Robert Muller vai começar a rodar dentro de dias uma película de que será protagonista Gilber Becaud. Intitula-se o filme «Um Homme Libre» — um arquitecto muito ocupado cuja esposa (Olga Georges Picot) não lhe merece nenhuma atenção, o que a leva a pedir o divórcio. Quando já não tem remédio o equilíbrio do seu lar, o brilhante arquitecto abre finalmente os olhos. Apesar do tema, Muller não quer fazer de «Um Homme Libre» um drama, mas sim uma «Comédia doce-amarga». Intervem ainda, além de Becaud, desta vez só com palavras (a música é de Francis Lai) Charles Gerard, Christiane Minazzoli, Clotilde Joanno e Denise Roland.

DL show

O Grupo 4 recomeça no próximo mês os ensaios das peças que levará ao Brasil, já na consequência do intercambio a nível governamental entre as duas nações.

«Empresta-me o teu apartamento» continua no Sá da Bandeira, para o público portuense.

Vai haver circo no Coliseu. Uma Companhia Internacional de Circo estará, a partir do dia 29, naquela sala de espectáculos, tendo como atracção os «Oscars», dos melhores trapezistas voadores do mundo.

Depois de ter cantado no Porto, Ned vem imediatamente para Lisboa onde se exibirá no Capitólio, sábado e domingo.

Vera Sanders é a atracção da revista «Cá vamos pagando e rindo», em ensaios no Maria Vitória.

«Peraltas e Sécias», de Marcelino Mesquita, é apresentado, em versão pop, nos Bombeiros Voluntários de Colares, dias 23 e 24, às 21 e 30. A encenação da peça foi criada por Pedro Lemos, dirigindo o Grupo de Teatro dos Profissionais de Escritórios de Lisboa.

«As criadas», de Jean Genet, segue-se ao actual espectáculo no Teatro Experimental de Cascais. Os ensaios já começaram.

Luís Horta seguiu ontem para o Brasil a fim de actuar no «Canecão», ao lado de Amália Rodrigues. Esta deslocação deve-se a um convite de Ivon Curi.

Maria José Valério em Madrid, cantando no restaurante «Fado». Entretanto, já gravou

dois programas para a TVE, enquanto prepara um disco com melodias espanholas de Augusto Algueiró.

CORPORAÇÃO DOS ESPECTÁCULOS

A fim de apreciar assuntos correntes da sua competência, reuniu-se a Direcção da Corporação dos Espectáculos, sob a presidência do dr. Manuel Teles.

Foram discutidas e aprovadas diligências a realizar no respeitante ao sistema de piquetes de policiamento e bombeiros nos recintos de espectáculos, por forma a obter-se uma redução dos elevados encargos que tais serviços representam para as empresas. A Direcção estudou, ainda, a evolução recente de um processo de contratação colectiva em curso no sector teatral e o estado actual de um diferente surgido no âmbito de aplicação do Regulamento para a Exploração de Diversões Mecanizadas.

Também o Conselho da Corporação se reuniu em sessão extraordinária, para a realização de eleições destinadas a preencher alguns lugares vagos nos corpos gerentes do organismo. Assim, o sr. dr. Adelino Duarte Boiça foi designado para o cargo de secretário do Conselho; como vogal da Direcção e da Junta Disciplinar, foi escolhido o sr. Giuseppe Bastos; também para a Junta Disciplinar entrou o sr. Alberto Villar; e o sr. Virgílio Macieira passou a desempenhar as funções de membro do Conselho da 1.ª secção (Teatro Música e Dança) e de representante da Corporação na Câmara Corporativa.

Assistiu à reunião o secretário-geral da Corporação, dr. A. Monteiro Fernandes.

UM ESPECTÁCULO DIFERENTE E HONESTO!

SUCESSO EM PLENO!

DURA LEX SED LEX...

Revolução do Teatro Ligeiro em Portugal

espadinha isabel de castro

UM BALLET FANTÁSTICO!

MÚSICA DE pedro osório
ENCENAÇÃO DE joão guedes
COREOGRAFIA DE mário santiago
FIGURINOS DE isabel laginhas
CONJUNTO a banda COM vilas boas

PAX — AINDA NÃO SABE?

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido pela «Tabacaria e Perfumaria Splash», Rua Bernardo Francisco da Costa, 24-C ALMADA

MÉDIA OU PEQUENA EMPRESA

Pretende-se comprar posição maioritária em média ou pequena empresa.

Resposta ao n.º 633.

MONUMENTAL DE SANTARÉM

(Organização da Santa Casa da Misericórdia)

23 DE SETEMBRO DE 1972
INAUGURAÇÃO DA LUZ E SOM
14 TOIROS NUM SÓ DIA!

FESTIVAL, às 17 horas.

3 cavaleiros: D. José Zoio — R. Brito Pais — M. Jorge Oliveira

1 aspirante a novilheiro: José Mareco

Grupo de Antigos Forcados Amadores de Santarém
CORRIDA INAUGURAL, às 21,30 horas.

4 cavaleiros: David Ribeiro Telles — L. Miguel da Veiga — Gustavo Zenkl — Sommer de Andrade

5 espadas: José Simões — Oscar Rosmano — Manolo Ortiz — Ricardo Chibanga — Curro Vega

Forcados Amadores de Santarém e do Montijo

FADOS — 1 TOIRO PARA CURIOSOS — UM TÍPICO PETISCO

TUDO POR UM SÓ BILHETE

Comboio especial de Lisboa com regresso de Santarém às 3 da madrugada

CENSURA ESPANHOLA PROÍBE FILME

MADRID — A Censura espanhola proibiu a rodagem de uma película de humor sobre a desorientação sexual, «La Curiosa», para a qual o realizador espanhol Vicente Escrivá já havia contratado a actriz Lesley Hamon, protagonista do filme «Ana dos Mil Dias».

PRAÇA DE TOIROS DO M/ 6 anos

MONTIJO

SÁBADO, DIA 23 DE SETEMBRO, ÀS 22 HORAS

EXTRAORDINÁRIA CORRIDA DE TOIROS À PORTUGUESA
PARA UM SENSACIONAL CONCURSO DE PEGAS
D. JOSÉ DE ATAYDE — JOSÉ MESTRE BATISTA — DR. FREDERICO CUNHA
3 GRUPOS DE FORCADOS EM ARDOROSA COMPETIÇÃO NA DISPUTA DE UM VALIOSO TROFÉU
AMADORES DE LISBOA DE NUNO SALVAÇÃO BARRETO
AMADORES DA TERTÚLIA TAUROMÁQUICA DO MONTIJO
DE EDUARDO CARVALHEIRA
E AMADORES DE ALCOCHETE DE JOÃO MANUEL MIMO
6 PODEROSOS E LINDOS TOIROS, DE HERD.ºs CONDE CABRAL

Mourão: contratos e dinheiro no bolso

MOURÃO:

OUTUBRO AMERICANO

António Mourão continua firme:

— **Exacto: depois da Venezuela, onte tive um êxito verdadeiramente grande (a Madalena Iglésias é testemunha) vou, no dia 3 do próximo mês, aos Estados Unidos e Canadá. Vinte espectáculos pelo melhor «cachet» que até hoje lá cobrei.**

O fadista que «Oh tempo volta para trás» lançou para junto do público e velozmente trepou até à primeira fila da popularidade está (portanto) de malas feitas para tornar a atravessar o Atlântico. Com António Mourão (contratado pelos empresários Artur Pereira e Francisco Penha) seguem viagem as Hermanas Benavente, o acordeonista Quim Barreiros a interprete regional Corina e o guitarrista Jorge Fontes, a que se reune, nos Estados Unidos, o violinlista Faustino Neto.

Entretanto, é hoje mesmo posto à venda o seu 62.º disco comercial: que inclui composições do folclore açoriano, madeirense e ribatejano.

— **Estou a preparar, também, um album com trechos de Ary dos Santos, David Mourão-Ferreira, Vasco Lima Couto e Vilar da Costa.**

No regresso dos Estados Unidos e Canadá António Mourão não ficará muito tempo em Portugal:

— **Já assinei compromisso: volto à Alemanha e à Holanda, onde tenho programados doze espectáculos. Afinal (e embora tenha muitos detractores) o Fado continua a ter aceitação plena em todos os palcos internacionais...**

Com efeito, António Mourão forma com Amália Rodrigues uma dupla de interpretes (fadistas) que quase poderá dizer-se «ganha o que quer» por essas terras fora. Cantando apenas Fado? Mourão esclarece:

— **Não também melodias do nosso folclore, solução encontrada recentemente por outros artistas da chamada «nova corrente» para assegurarem o seu dia-a-dia.**

Pronto, a notícia está dada: com Fado e Folclore na bagagem, António Mourão lá vai, novamente, à conquista de (bons) dólares.

3.ª SEMANA
em continuação de ESTREIA
AGORA NO estúdio 444

FROM HERMAN RAUCHER'S NATIONAL BEST SELLER
uma produção de
A Robert Mulligan/Richard A. Roth Production
JENNIFER O'NEILL · GARY GRIMES · JERRY HOUSER · OLIVER CONANT
real. de HERMAN RAUCHER · argum. de RICHARD A. ROTH · prod. de ROBERT MULLIGAN · mus. de MICHEL LEGRAND
The complete sound track music by Michel Legrand available on Warner Bros. records
TECHNICOLOR®
GRUPO D/18 anos

QUADRANTE
LIVROS DE ESTUDO
ESTE ANO TAMBÉM
AV. LUÍS BÍVAR, 85-C

SENHORAS

Grande companhia portuguesa pretende, em regime «part-time» para interessante actividade de contacto com o público. Resposta ao n.º 634.

SETÚBAL
SETÚBAL
SETÚBAL

A partir do dia 22 de Setembro
o Banco Totta & Açores
transfere a Agência da Av. 22 de Dezembro, 4-6
para novas e funcionais instalações
na *Av. Luísa Todi* (Edifício Pão de Açúcar).

Av. 5 de Outubro, 31-A Telefs. 24588/24793
Av. Luísa Todi (Edifício Pão de Açúcar) Telefs. 24588/24793

SETÚBAL

BANCO TOTTA & AÇORES

DL/NACIONAL

"VÁRIOS TERRORISMOS ESTÃO APOSTADOS EM ABATER O REGIME"

-disse o ministro Gonçalves Rapazote

«Vários terrorismos, chamados a colorir ou mascarar interesses alheios, estão apostados em abater o Regime para destruir a integridade da Nação, sabendo que, destruida essa mesma integridade, abatido estaria o Regime» — disse o ministro do Interior, dr. Gonçalves Rapazote, ao empossar o novo governador civil de Viana do Castelo, dr. António Vasco de Faria.

Aquele membro do Governo acentuou que «os nossos inimigos são, portanto, os inimigos da Nação, contidos e controlados pela determinação do povo e do Governo». Referindo-se à «impressionante unanimidade com que foram condenados por todos os corpos vivos da Nação os actos de terrorismo que ùltimamente sofremos», o dr. Gonçalves Rapazote disse que a mesma veio confirmar que «a maldade pura e gratuita não pode dar honra nem proveito».

Aludindo à reorganização da Direcção-Geral de Segurança, o ministro afirmou que «a prevenção dos crimes contra a segurança do Estado tem de estar entregue, em tempos tão difíceis, a um corpo de Polícia especializado e cuidadosamente preparado para enfrentar uma luta vigorosa contra os agentes da subversão e da desordem, da guerrilha institucionalizada».

Depois de acentuar que «são inestimáveis» os serviços prestados pela D. G. S. na Metrópole e no Ultramar, Gonçalves Rapazote disse que «as organizações terroristas e subversivas dispõem de meios que podem paralizar a vida da Nação desde que afrouxe a vigilância e a determinação dos agentes encarregados de as combater». Noutro passo: «Não se pune por aquilo que cada um pensa mas tão sòmente pelo modo como age».

Disse, ainda, o dr. Rapazote:

«Recentemente um categorizado membro do Partido Comunista conseguiu enganar não só o círculo dos seus qualificados amigos mas a própria Ordem dos Engenheiros e as Assembleias Gerais em que se desdobrou a sua actividade tutelar.

«Esse engenheiro, cujas virtudes profissionais e pessoaos foram sublimadas por alguns dos seus colegas, obtida a liberdade condicional, quebrou todas as promessas, solenemente feitas e fugiu para continuar a conspiração em Praga e em Argel, junto do comité de que fazia parte, sem o menor respeito pela palavra dada e pela generosa solidariedade dos que confiadamente o abonaram.

«E assim, a Ordem dos Engenheiros foi comprometida numa acção em cuja base estava uma insólita exploração da sua boa fé.

«Sinais dos tempos.

«As cadeias de solidariedade outrora tocadas por um sentido de nobreza que não podia ser maculado pela reserva mental dos seus beneficiários, acabam por ser degradadas em termos de se tornarem solidariedade condenável quando organizadas sob grave suspeita de requintada má fé».

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

INTEGRAÇÃO DA CAIXA DE PREVIDÊNCIA

A Caixa de Previdência do Ministério da Educação Nacional foi integrada na Obra Social do mesmo departamento, criada por decreto-lei aprovado em Conselho de Ministros, mantendo, contudo, a sua autonomia e personalidade jurídica e continuando a reger-se pelos diplomas legais que lhe dizem respeito. Prevê-se que, através de acordos a ajustar entre as duas organizações, a Caixa fique encarregada de satisfazer algumas das atribuições da obra criada.

A Obra Social gozará de personalidade jurídica e será dotada de autonomia administrativa e financeira, estando isenta do pagamento de custas e selos em todos os precessos em que seja parte interessada, bem como o pagamento de quaisquer emolumentos, taxas, contribuições ou impostos. Beneficiará ainda de todas as vantagens e facilidades conferidas por lei a instituições oficiais de previdência, assistência ou cultura.

Entre outros objectivos a alcançar, propõe-se a Obra Social: conceder aos beneficiários subsídios por casamento e por nascimento de filhos, a aos familiares deles por sua morte; conceder empréstimos, sem retribuição ou a juros módicos, consoante as finalidades a que se destinem e as circunstâncias económicas do beneficiário e do seu agregado familiar, sendo garantido pelos vencimentos ou outras retribuições de trabalho do beneficiário ou por quaisquer meios que se reputem idóneos e suficientes; prestar cauções a favor dos beneficiários até ao montante de dize vezes a remuneração mensal de seu trabalho; em regime de complementariedade com a Assistência na Doença aos Servidores Civis do Estado, melhorar as condições e diminuir os encargos pessoais com a assistência materno-infantil e com a assistência médico-cirúrgica, medicamentosa e de enfermagem a prestar aos beneficiários e seus familiares, em coordenação com os organismos oficiais especialmente destinados a esse fim, promover e auxiliar a obtenção de habitação em condições económicas ajustadas é remuneração de trabalho dos seus beneficiàrios; proporcionar meios adequados a tornar possível e menos oneroso aos beneficiários o encargo da educação dos seus familiares; promover o fornecimento de refeições a preços módicos, entre os períodos diários de trabalho, e de outros produtos necessários à economia familiar dos beneficiários; fomentar a criação de jardins de infância e creches para os filhos dos beneficiários; promover e estimular, entre os beneficiários iniciativas de natureza cultural, desportiva e recreativa, desenvolvendo entre eles laços de solidariedade.

O PAVILHÃO "EXPO-PORTO" CUSTARÁ 60 MIL CONTOS

Com vista à realização, no próximo mês, da II Exposição Internacional de Alimentação-Agrícola, a I Exposição Internacional de Material Eléctrico e Electrónico e à construção, para o futuro mais ou menos próximo, do Palácio das Indústrias do Norte (Pavilão das exposições «Expo-Porto») decorreu, na Associação Industrial Portuense, uma conferência com oa representantes dos orgãos informativos.

Presidiu à conferência o eng. Mário Borges, presidente da agremiação.

A área a ocupar pela referida construção é de cerca de treze mil metros quadrados no primeiro piso, e o espaço total, dentro do mesmo edifício, e destinado aos expositores e de trinta e quatro mil metros quadrados, isto é, mais oito mil metros quadrados do que o Pavilhão da F. I. L. de Lisboa.

Aquela área de trinta e quatro mil metros quadrados, permitirá efectuar no Porto feiras de nível internacional, com larga representação estrangeira, pois haverá espaço suficiente para qualquer género de «stands».

É de cerca de sessenta mil contos o montante da projectada construção, que disporá de espaço para a instalação de vestíbulos, halls «cafés», «snak bar», discoteca, salão de máquinas pesadas e armazéns, bem como um auditório, nave, hotel residencial etc.

PROSSEGUE A GRANDE FESTA DE LISBOA QUE É, EM ENTRECAMPOS

A FEIRA POPULAR de LISBOA

A FAVOR DA COLÓNIA BALNEAR INFANTIL DE «O SÉCULO»

O espectáculo surpreendente de um grande

Luna-Parque integrado numa Feira de Amostras

Boa cozinha e Petiscos variados — Vinhos de todas as regiões — Farturas — Sumos — Guloseimas

— ABERTURA ÀS 19 HORAS —

ADQUIRIDA POR UM GRUPO PORTUGUÊS A "CHRYSLER PORTUGAL LTDA"

NO DECORRER DE UMA REUNIÃO DE IMPRENSA REALIZADA EM Queluz, e na qual estiveram presentes os concessionários da marca, a Chrysler Internacional S.A. anunciou que concedeu a um grupo português, apoiado pelo Banco Fonsecas e Burnay, os direitos exclusivos de distribuição em Portugal de todos os seus veículos automóveis. O grupo português adquiriu 100 por cento das quotas da Chrysler de Portugal, Automóveis Ltda, que era uma subsidiária da Chrysler Internacional S.A.

Presidiu à reunião o director-geral da Chrysler Internacional, Thomas A.Coupe; director de distribuição da Chrysler Internacional, George Romanos e António Loureiro Borges, do Banco Fonsecas e Burnay.

Comentando este acontecimento, o sr. Thomas A. Coupe, afirmou estar convencido de que o acordo firmado era o que melhor assegurava a continuidade e desenvolvimento das vendas dos produtos Chrysler no mercado português, que classificou de **«de importante e em plena expansão».**

Estas negociações representam a desistência da Chrypler da distribuição directa dos seus produtos, a quais passam agora a ser importados por uma firma de capitais integralmente portugueses. A Chrypler Portugal tinha sido criado após a integração da Simca e da Rootes naquele grupo americano, com o objectivo de agrupar as duas marcas na mesma organização.

SINDICATO NACIONAL DOS EMPREGADOS BANCÁRIOS DO DISTRITO DE LISBOA

CONVOCATÓRIA

ASSEMBLEIA GERAL

(Sessão Extraordinária)

Ao abrigo do n.º 1 do artigo 22.º dos Estatutos, convoco a Assembleia Geral para reunir, em sessão extraordiária, no dia 22 do corrente, às 21 horas, no salão da Sociedade de Instrução e Beneficência «A Voz do Operário», Rua da Voz do Operário, 9 - 15, Lisboa, com a seguinte ordem de trabalhos:

1 — **INFORMAÇÕES.**

2 — **REVISÃO DO CONTRATO COLECTIVO DE TRABALHO.**

Análise da situação actual

Nos termos do § único do artigo 19.º dos Estatutos, a Assembleia só poderá funcionar à hora marcada com a presença de, pelo menos, um quarto dos sócios do Sindicato, funcionando meia hora depois com qualquer número de sócios.

De acordo com o determinado no artigo 20.º dos Estatutos, só podem tomar parte na reunião da Assembleia Geral os sócios com mais de doze meses de inscrição, ou seja, até ao número 18 377 inclusive.

Lisboa, 19 de Setembro de 1972.

O PRESIDENTE DA MESA DA ASSEMBLEIA GERAL

a) **José de Andrade Soares**

UM ESTUDANTE MORREU AFOGADO NA RIA DE AVEIRO

Ontem à noite, cerca das 21 e 30, iam em passeio para os lados da barra de Aveiro, num carro pertencente a Rosa Virgínia dos Reis Lopes, os estudantes João José de Oliveira, de 18 anos, António Valdemar Carrapichoso Marques, também de 18 anos, e o marítimo Manuel Resende Bio, de 20 anos, todos residentes naquela cidade. Sùbitamente, por motivos ainda não determinados, o carro foi embater com violência no passeio do lado esquerdo da Ponte da Barca, guinou, desarvorado, para o lado direito e derrubou as guardas da ponte, mergulhando nas águas da Ria.

A tragédia estava prestes a consumar-se, quando, saindo de um carro que vinha poucos metros atras, um indivíduo se lançou à água, conseguindo arrancar à morte dois dos ocupantes do veículo sinistrado: João José de Oliveira e Manuel Resende Bio. Só ao estudante Valdemar Marques, que viajava no banco traseiro, não foi possível retirá-lo a tempo de ser reanimado. Apesar dos esforços do salvador dos seus dois companheiros, por acaso banheiro de profissão, Valdemar Marques, embora transportado ràpidamente ao hospital de Aveiro numa ambulância do «115», chegou ali já sem vida. Os outros dois jovens, que sofreram violento choque emocional, regressaram a suas casas depois de tratados. O veículo foi retirado da água.

Orçamentos cambiais de Angola e Moçambique

A secção de Política Monetária do Conselho de Ministros para os Assuntos Económicos, reunida sob a presidência do prof. Marcello Caetano, apreciou, entre outros assuntos, os relatórios sobre a execução dos orçamentos cambiais de Angola e Moçambique referentes ao segundo trimestre do corrente ano e homologou a prorrogação por mais um ano de dois empréstimos especiais, concedidos pelo Fundo Monetário da Zona do Escudo aos fundos câmbiais daqueles Estados, nos montantes, respectivamente, de 500 000 e 150 000 contos.

EM 2.ª EDIÇÃO

"Casa de correcção" DE URBANO TAVARES RODRIGUES

Acaba a «Bertrand» de publicar a segunda edição de «Casa de Correcção», volume de novelas de um escritor que tem marcado significativamente a literatura portuguesa contemporânea: Urbano Tavares Rodrigues. Trata-se duma edição revista pelo autor, com um prefácio de José Saramago — um prefácio digno de nota, e que vem enriquecer, de forma magistral, a extensa bibliografia sobre a obra do extraordinário escritor que é Urbano Tavares Rodrigues.

De «Casa de Correcção» diz José Saramago, no seu prólogo exemplar: **Certas novelas deste livro de Urbano Tavares Rodrigues** (por exemplo, Tio Deus, Tríptico da Irresponsabilidade e Carnaval Negro) **são de leitura incómoda. Mais: dolorosa. É preciso resistir à repetida tentação de largar o livro, de pensar noutra coisa, de ir ao jardim mais próximo ver como se comportam as flores. É preciso, por outro lado, não ceder à atracção de desanimar dos homens que habitam e se entredevoram nesta «casa de correcção». Sobretudo, é preciso não transpor para uma pretensa inocência da natureza essa vertigem de abdicação que leva a sonhar com refúgios e paraísos impossíveis, onde a verdade e a paz seriam absolutos bastante simples. E preciso saber enfim, que em nada beneficia o enfermo cobrir caridosamente a chaga que o vai matar. E que a boa terapêutica manda que as feridas sejam desbridadas.**

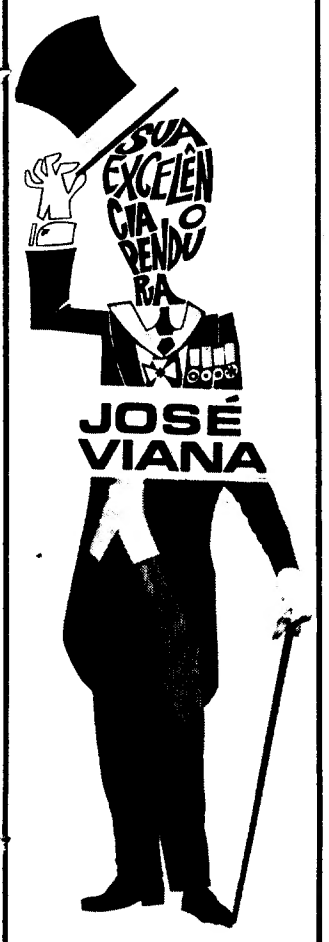
Urbano Tavares Rodrigues — continua José Saramago — **sabe-o e tem vindo a dizê-lo ao longo de uma obra que, pela abundância, é o escândalo de uma terra de gente indolente e dispersiva. E sabe-o de tal maneira que, até mesmo quando se abandona a uma remomeração da infância (falo desse admirável poema em prosa que é** A Morte da Cegonha) **a sua confessada necessidade de perdão de uma simples ave morta deixa um travo de amargura e de revolta contra todas as crueldades, sejam elas tão-sòmente as de uma criança que não conhece o perigo das armas que maneja.**

Mas o pior são os adultos. Esses adultos que, em última instância, desencadearam a fúria destruidora e conspurcadora dos meninos Fausto e Jasmim da novela Tio Deus. **Ou essa fauna larvar que povoa o** Tríptica da Irresponsabilidade. **Ou sobretudo as personagens e os venenos que circulam em** Carnaval Negro, **para mim uma das melhores e mais acabadas novelas de Urbano Tavares Rodrigues.**

Com estas palavras de José Saramago — estas e as que se seguem, pois o prefácio, ornado por uma linguagem singular, estende-se um pouco mais — o leitor tem ao seu dispor uma introdução que lhe permitirá apreender fàcilmente o **fantástico real** de que estão feitas as novelas de «Casa de Correcção».

J. da S.

UM ESPECTÁCULO DE
VASCO MORGADO

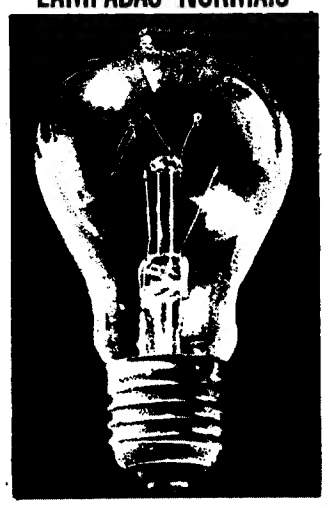


DORA LEAL
HENRIQUE VIANA
MANUELA CASSOLA
LUÍS SANTOS
PARTICIPAÇÃO DE
MARIA PAULA
À FRENTE DUMA GRANDE COMPANHIA

AR CONDICIONADO
TEATRO VILLARET
o mais moderno e confortável de Lisboa

ÀS 21 E 23 HORAS
DOMINGOS — «MATINÉE» ÀS 16 HORAS
GRUPO C / 14 ANOS

ILUMINAÇÃO INCANDESCENTE
LÂMPADAS NORMAIS



JF
J.F. DE AZEVEDO E SILVA & C.ª L.DA
TEL. 654165 * LISBOA

teatro MONUMENTAL
HOJE: 2 SESSÕES 2
20.45 E 23 HORAS
Domingos á tarde às 16 h.
Grupo D — M/ 18 anos
VASCO MORGADO apresenta
RAUL SOLNADO
NA GRANDE REVISTA
P O P U L A R
P'RA' FRENTE LISBOA!
FLORBELA QUEIRÓS
* IRENE ISIDRO *
JOSÉ DE CASTRO
LINDA SILVA
JULIO CÉSAR * VICTOR MANUEL
PICCADILLY STARS BALLET
4.º M Ê S
Mais de 60 figuras em cena
e a fadista
Maria Jô Jô

BANCO
FERNANDES MAGALHÃES

BANCO FERNANDES MAGALHÃES 1905

Aumento de Capital de 75.000 para 350.000 contos

Emissão de 275.000 acções do valor nominal de 1 000$00 cada, autorizada por portaria de 28 de Junho de 1972, publicada no «Diário do Governo», III série, de 13 de Julho de 1972.

Este aumento de capital social efectua-se nas seguintes condições:

1. **Emissão de 60.000 acções por incorporação de 60.000 contos de reservas no capital social,**

para distribuição gratuita pelos accionistas, na proporção das que já possuirem. Por cada cinco acções cada accionista receberá quatro novas acções.

2. **Emissão de 135.000 acções destinadas à subscrição pelos mesmos accionistas,**

ao par, também na proporção das que já possuirem. Por cada cinco acções que já possuam, cada accionista tem direito a subscrever nove acções novas ao preço de 1 000$00 cada.

3. **Emissão de 42.000 acções destinadas à subscrição pública,**

com preferência para os depositantes do Banco cujas contas tenham sido abertas até 31 de Dezembro de 1971, ao preço de emissão de **3 000$00** cada, sujeita a rateio.

4. **Emissão de 35.000 acções destinadas à subscrição pública, em Geral,**

sujeita a rateio, ao preço de emissão de **3 000$00** cada.

5. **Emissão de 3.000 acções destinadas aos empregados da Instituição,**

sujeita a rateio, ao preço de emissão de **2 000$00** cada.

- O pagamento das novas acções, a realizar em numerário, efectuar-se-á no acto da subscrição.

A subscrição efectua-se nos dias 25, 26 e 27 de Setembro de 1972, em todos os balcões do Banco Fernandes Magalhães.

As acções a emitir terão direito a parte do dividendo relativo ao exercício de 1972, proporcional ao tempo decorrido a partir da data da subscrição.

As importâncias correspondentes a acções não atribuídas no rateio serão devolvidas a partir de 15 de Outubro de 1972.

Prevê-se a substituição das cautelas representativas das acções atribuídas pelos títulos definitivos durante o 1.º trimestre de 1973.

Efectuado o aumento de capital todas as acções serão admitidas à cotação da Bolsa de Valores de Lisboa.

O prospecto elucidativo poderá ser obtido em todos os balcões do Banco Fernandes Magalhães.

Após esta emissão o Capital e Reservas do Banco Fernandes Magalhães ascenderão a 512.000 contos.

Porto, 20 de Setembro de 1972.
O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

FB

CONGRESSO DE TAUROMAQUIA:

RESTITUIR A "FESTA" À DIGNIDADE PERDIDA

Com uma sessão solene presidida pelo ministro do Interior, em representação do Chefe de Estado, inicia-se amanhã, na Feira Internacional de Lisboa, o III Congresso Internacional de Tauromaquia, — e primeiro nacional — organizado pela Tertúlia Festa Brava, com o patrocínio da Secretaria de Estado de Informação e Turismo e da Câmara Municipal de Lisboa, que se prolongará até ao dia 30.

Cerca de 200 participantes, entre aficionados, profissionais e jornalistas, de Portugal, Espanha, França, Inglaterra, Estados Unidos, México, Venezuela e outros países da América Latina estarão presentes nestes acontecimentos, que além das sessões de trabalho, onde serão discutidos assuntos ligados á tauromaquia, compreende de um vasto programa social, cultural e festivo.

Mas quais são, concretamente, os objectivos do III Congresso Internacional de Tauromaquia? Quais as razões das sua realização entre nós? E quais as vantagens daí decorrentes para a tauromaquia nacional? Estas algumas das questões postas ao presidente da entidade organizadora, eng. José Manuel Lory, no decorrer de uma entrevista que concedeu ao «DL».

— A hipotese de organizar este congresso em Portugal foi levantada em 1966 durante o II Congresso Internacional de Tauromaquia, que então decorria em Sevilha — começou por dizer-nos. — Mas, por dificuldades várias, a realização foi sendo sucessivamente adiada, de tal modo que lá fora, nos meios tauromáquicos, já era objectivo de comentários jocosos... Como ninguém mais pegava no assunto, a Tertúlia Festa Brava lembrou-se de meter ombros a esta iniciativa, incluindo-a no programa comemorativo das suas bodas de prata, o ano passado.

Mas tinhamos outras realizações de vulto, que forçosamente, ocupavam muito tempo, fomos obrigados a deixar o congresso para este ano.

TOURADAS DE MORTE EM QUESTÃO

A Espanha foi o berço dos congressos internacionais de tauromaquia. Em 1952 foi a data do primeiro, que se realizou em Mardid. E só 14 anos depois se organizava o segundo, em Sevilha. Agora cabe a vez a Portugal. Mas terá esta realização outro interesse para além de constituir mais um factor de promoção turística (lembremos que é patrocinada e subsidiado pela SEIT)? Em que medida a tauromaquia nacional poderá colher benefícios da discussão que se vai processar neste encontro?

Diz-nos o eng. Lory:

— A tauromaquia portuguesa está inundada de problemas de toda a ordem e é evidente que, ao realizar-se o congresso, temos que falar neles. Simplesmente, por uma questão de decência, entendeu-se que não era conveniente abordar esses assuntos numa reunião internacional. Resolvemos, então, realizar ao mesmo tempo o I Congresso Nacional de Tauromaquia (sendo as sessões a horas diferentes das do programa internacional) para aí tratar, com todo o à-vontade, entre portugueses, dos problemas que afligem a nossa tauromaquia.

— E quais são esses problemas?

Depois de nos prevenir de que uma descrição exaustiva «daria para encher o jornal», o nosso interlocutor afirma:

— Começam na proibição da lide integral com a intervenção de picadores e a morte do touro na arena e a possibilidade de serem lidados touros com idade e peso e hastes íntegras. As varas, além de cumprirem a sua função básica, como termómetro da bravura do touro, tiram-lhe força, descongestionam-no por sangria e permitem-lhe uma suavidade de investida que não pode ter no seu estado primário.

— Mas o enfraquecimento do touro não torna a luta mais desigual e, portanto, menos emocionante?

— De modo nenhum. Entre nós, os touros têm os cornos cortados, o que anula o perigo do matador perante o animal. E muito difícil a este conseguir furar. Ao passo que em Espanha os touros têm as hastes íntegras, como autênticas navalhas, o que lhes dá mais poder e mais sentido. O perigo é muitissimo maior e, portanto, o espectáculo mais emocionante. Além disso, a vara tem ainda a vantagem de fazer vir ao de cima a casta do touro. Se este for de raça, depois de picado dá muito mais luta.

Recentemente, a União Zoófila protestou contra a realização de touradas de morte em Barrancos, infrigindo as disposições legais vigentes mas na continuação de uma tradição alimentada pela proximidade de Espanha. E desenha-se uma luta entre os que condenam este tipo de espectáculo, dado o seu carácter cruel e os que se pretendem vê-lo restabalecido, por entenderem que **«dá verdade à festa»**. Estes últimos encontram apoio no I Congresso Nacional de Tauromaquia... e no presidente da Tertúlia Festa Brava:

— Sou absolutamente a favor das touradas de morte na lide apeada. Aliás, a razão por que estas não são permitidas em Portugal deve-se à resistência de indivíduos que considero falsos humanitários.

Explicando o seu ponto de vista, o eng.º Lory acrescenta:

— É mais violento para o animal depois da lide recolher aos currais, para lhe serem arrancadas as bandarilhas, colocado sal nas feridas e ficar durante horas (até 12) à espera de ser abatido no matadouro do que dar-lhe morte imediata na arena. E, além do sofrimento fixo, nós, aficionados, consideramos uma ofensa ao touro de lide, um animal forte, morrer às mãos de um magarefe em vez de à espada de um toureiro, depois de uma luta leal. Para um touro, a morte na arena é gloriosa e nem sequer constitui um destino fatal, porque o touro tem de morrer, seja ali ou no matadouro.

— E como iria o público português que não está habituado a ver consumada a luta entre toureiro e animal, reagir ao seu reestabelecimento?

— É natural que a princípio tivesse uma reacção desfavorável, por estar perante uma novidade. No entanto, quando começaram a ser anunciados picadores em Portugal, tal reacção não se verificou: pelo contrário, o público aceitou bem as varas e a prova está em que, sempre que se realizem corridas com picadores em terras de aficcionados as praças enchem-se... Além disso, o espectáculo tauromáquico realiza-se em recintos fechados, com entradas pagas (e bem pagas!) e só lá vai quem quer e gosta. Esses que se preocupam tanto com o sofrimento dos animais têm um bom remédio: não assistirem ao espectáculo...

— Partir dessa premissa não é aceitar a perda de público e, portanto, o enfraquecimento da tourada em Portugal?

— Mas eu estou convencido de que a morte na arena daria um extraordinário incremento à festa de touros em Portugal e permitiria que houvesse verdade dentro da arena, o que não acontece actualmente. Porque o espectáculo de touros é à base do binómio arte-emoção. Com touros sem idade e com peso mínimo e sem varas não pode haver arte. Com touros com as hastes cortadas, estando o perigo pràticamente anulado, não pode haver emoção. Temos a base do espectáculo completamente anulada. E é por isso que milhares de portugueses correm para Espanha, onde deixam todos os anos dezenas de milhares de contos, o que representa uma sangria na economia nacional.

Aficionado ferrenho (e ele próprio aceita que a «aficion» **é uma doença**) o eng.º José Manuel Lory dá-nos conta do seu caso pessoal: este ano assistiu já a 28 corridas em Espanha e apenas 4 em Portugal e **estas por obrigação...»**.

Mas não estará a tourada em declínio entre nós?

— Isso é um boato que os detractores da festa têm posto a circular, esquecendo que ainda este ano foi inaugurada a praça de touros da Malveira, a de Espinho e outras e, que o ano passado foi adquirida uma praça desmontável que tem actuado em vários locais, sempre com casas cheias. Ora, se se constróem novas praças, se se alugam praças desmontáveis e as estações esgotam, não se pode dizer que exista declínio da tourada em Portugal.

A situação dos profissionais do toureio em Portugal é outro assunto a debater no I Congresso Nacional de Tauromaquia. Aproveitamos a presença do eng.º Lory para sabermos algo dos problemas que afligem a classe toureira:

— A situação é aflitiva. E essa é uma das razões por que não aparecem mais toureiros no nosso meio. Os factores que determinam este estado de coisas são diversos. Primeiro, não se realizam novilhadas, pois o público não acorre, por ausência de figuras, o que corresponde a uma falta de formação e de afeição no próprio público. O público português é muito frio e não tem a afeição explosiva dos espanhóis, franceses ou mexicanos, por exemplo. Além disso, os matadores portugueses encontram extrema dificuldade em actuar em praças de Espanha, de França ou do México, até por não estarem habituados a matar em Portugal. Outro problema resulta de o público português não acorrer em número considerável a uma corrida em que actuem apenas matadores portugueses, salvo o caso de haver picadores (que não estão autorizados e necessitam de licença especial, emitida caso por caso, para intervir). As praças de touros portuguesas, olhando aos seus interesses, têm de contratar matadores espanhóis para os espectáculos, reduzindo o número de presenças de artistas portugueses. Há ainda falta de diversificação de empresas tauromáquicas que, entrando em concorrência, tivessem a preocupação dominante do espectáculo de nível. Finalmente, como não se realizam novilhadas, não se criam oportunidades de aparecer novilheiros que, evidentemente, seriam os futuros matadores.

Eng.º Lory: a favor das touradas de morte

Resumindo o seu pensamento, o eng.º Lory acrescenta:

— Portanto, a crise de que me falou há pouco não existe sob o aspecto de afluência de público, mas sim pelo lado dos artistas que, entre nós, não têm condições propícias para se desenvolver, aperfeiçoar e desempenhar a sua profissão em condições normais.

TURISMO BAIXA O NÍVEL DAS CORRIDAS

Na verdade, ao enveredarmos pela abordagem dos problemas da Tauromaquia em Portugal, afastámo-nos um pouco do objectivo inicial desta entrevista, que era o III Congresso Internacional de Tauromaquia. E é precisamente dos seus objectivos que o eng.º Lory nos dá conta, no final desta conversa.

— Nele vão ser debatidos problemas que afligem a tauromaquia mundial, pois, dado o grande desenvolvimento do turismo, constituído por um público fácil e ignorante que paga os bilhetes por qualquer preço, acontece que o espectáculo tauromáquico, nos países em que está francamente desenvolvido, perdeu a preocupação do nível artístico e transformou-se num espectáculo comercial, que mobiliza grandes verbas, estando, portanto, ligado a grandes interesses. Como é evidente, o que está a acontecer é que o interesse comercial começa a sobrepor-se e a ditar as suas leis, que nada têm a ver com a tauromaquia. Portanto, é necessário que os aficionados se reúnam para discutir os problemas daí consequentes e estudar as soluções a adoptar para restituir à tauromaquia a sua característica predominante de preocupação de arte, divorciada de interesses comerciais, pois estes abrem a porta à desonestidade e mentira dentro das arenas.

Continuando:

— Essas soluções, que serão consideradas conclusões do congresso, serão apresentadas aos governos dos países onde se pratica o espectáculo tauromáquico, para que sejam ponderadas e constituam uma base de trabalho para a revisão dos regulamentos em vigor e disposições para moralizar o espectáculo. Porque, no estado actual, são os empresários e os próprios artistas quem beneficia, por diminuição de riscos e aumento de receitas. Mas o aficionado é roubado, porque paga a sua entrada e lhe dão um espectáculo de nível artístico muito inferior ao desejável.

— Essa situação a que se refere também é extensiva ao meio tauromáquico português?

— Também, embora com os devidos condicionamentos, porque o espectáculo tauromáquico em Portugal tem dimensão mais reduzida do que em Espanha. A própria estrutura é diferente, pois não temos a corrida integral.

Resta acrescentar que, no programa festivo do III Congresso Internacional de Tauromaquia estão incluídas três corridas, realizando-se a primeira amanhã à noite na Monumental de Santarém. No domingo, à noite, decorrerá no Campo Pequeno uma corrida de gala à antiga portuguesa, a que assistirá o Chefe de Estado. E na 5.ª feira, também no Campo Pequeno, realiza-se uma corrida com picadores, organizada pelo Sindicato dos Toureiros.

CORUCHE

GRUPO A — M/6 ANOS

FEIRA DE S. MIGUEL

Domingo, 24, às 17 horas

GRANDIOSA CORRIDA DE TOIROS À PORTUGUESA

6 — BRAVOS TOIROS,

das ganadarias de D. Luís Passanha e Eng.º Alberto Xavier

4 CAVALEIROS

MESTRE BATISTA

FERNANDO SALGUEIRO

SOMMER DE ANDRADE

D. JOSÉ ZOIO

2 GRUPOS DE FORCADOS

AMADORES DE VILA FRANCA DE XIRA e AMADORES DE CORUCHE

em 3 linhas

Foi nomeado professor provisório do Colégio Militar o dr. José Fernandes Pires Baptista.

///

Contratado para exercer as funções de agente eventual além do quadro da Universidade de Luanda, o dr. Luís Manuel Pego Todo Bom.

///

Foi nomeado vogal da Comissão de Exame e Classificação dos Espectáculos, em representação da Presidência do Conselho, o sr. José de Sá Alves Cortês.

///

Foi concedida autorização para ser demandado criminalmente em tribunal comum o segundo-comissário do comando distrital da P.S.P. de Évora, Marcelino Segurado Cristóvão, nos autos de corpo de delito que contra ele pendem no Comando Geral da corporação.

///

Rescindido, a seu pedido o contrato com o escultor João Charters de Almeida e Silva, como primeiro-assistente do quadro do 6.º Grupo da Escola Superior de Belas-Artes do Porto.

///

A dr.ª D. Maria Flávia Mesquita e Mota, professora efectiva da secção feminina do Liceu do Funchal foi exonerada, a seu pedido, do cargo de vice-reitora da Secção de Peso da Régua do Liceu de Vila Real.

///

Nomeado o dr. António Luís do Carvalhal Correia Henriques Celestino Soares de Andrade para exercer as funções de agente do Ministério Público junto da 2.ª Vara do Tribunal do Trabalho de Setúbal, continuando, porém, a desempenhar idêntico cargo interino junto do Tribunal do Trabalho de Ponta Delgada.

///

No dia 25, às 15 horas, no serviço administrativo do Laboratório Nacional de Engenharia Civil proceder-se-á à abertura das propostas apresentadas ao concurso público para a cobertura exterior do modelo do porto da Beira.

///

É fixado, conforme planta anexa à respectiva portaria do Ministério da Educação o perímetro de protecção da Capela de Nossa Senhora do Mileu, na Guarda, classificada como imóvel de interesse público, abrangendo a estação arqueológica da Póvoa do Mileu, também assim classificada.

///

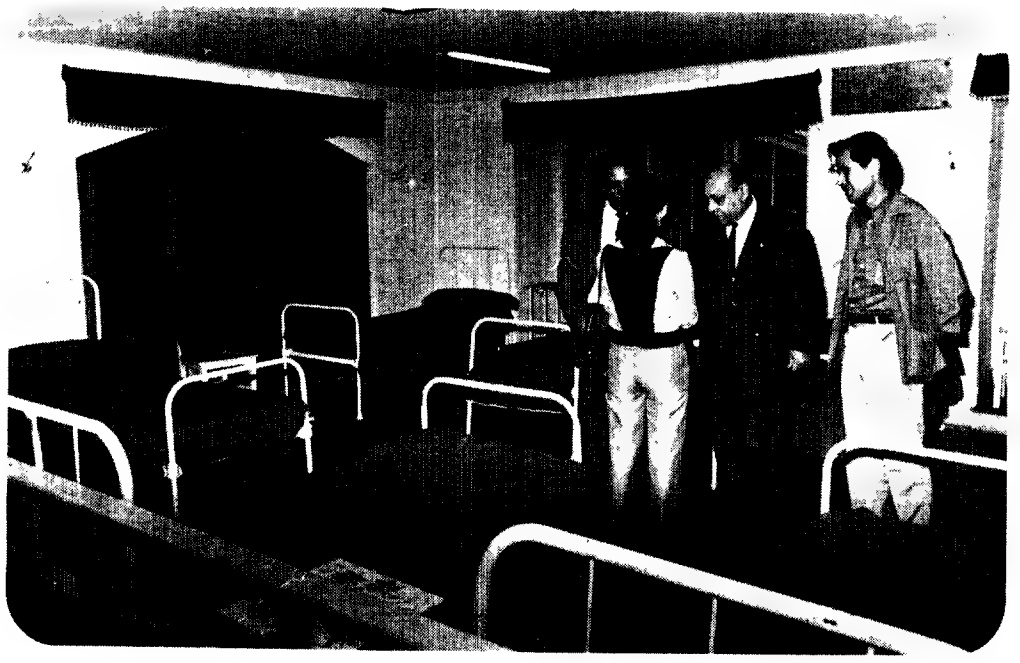
O rev. David Ramos Fernandes, de nacionalidade portuguesa foi designado representante da província portuguesa da Ordem Hospitaleira de S. João de Deus.

///

Foi concedida autorização para serem demandados criminalmente em tribunal comum nos autos de corpo de delito que contra eles pendem no Comando-Geral da P.S.P. os guardas Arnaldo Esteves Dionísio, n.º 29/20 454, do comando distrital de Lisboa e Celestino Gabriel de Jesus Neves, n.º 191/20 115, do comando distrital de Faro.

QUEM QUER SER BOMBEIRO?

Na sequência do apelo «Bombeiros precisam-se!», feito pela Associação dos Bombeiros Voluntários de Lisboa que abriu as inscrições para mais uma escola, surgiu esta reportagem. Como se formam os soldados da paz ao serviço da comunidade? Dficuldades e problemas existentes numa organização que vive quase exclusivamente de donativos?



A Camarata espera o piquete

— EM Outubro vamos abrir nova escola — elucida o ajudante do comando — Já temos sete aspirantes e nove cadetes. Ainda aguardamos a comparência de mais quatro para inspecção médica.

Ouvimos o comandante Ernesto Costa e o ajudante do Comando, Jaime Baptista.

Em Outubro vamos e boa disposição. Depois são submetidos a um período de instrução administrado três vezes por semana e que dura cerca de quatro meses. Acabada esta fase os candidatos passam ás provas de exame, escritas, orais e práticas, que decorrem no Batalhão de Sapadores de Bombeiros, perante um júri composto pelo comandante da associação e um representante da Inspecção de Incêndios da Zona Sul».

Ser bombeiro não é fácil. Período de instrução durissima em que aprendem a manejar escadas de gancho e molas, a fazer salvados de várias maneiras — com mangas de salvação, rodados à perna, sacada às costas — e conhecimentos perfeitos de como estabelecer a ligação de uma mangueira à rede geral ou através de auto-tanques. Um bombeiro precisa de dominar todas as modalidades de ataque ao incêndio.

Às vezes registam-se casos de desistência e também de reprovações na parte prática. Os aspirantes a bombeiro chegam á conclusão de que não são capazes de ir até ao fim.

Ernesto Costa, paralelamente ao voluntariado de apagar fogos dedica-se á orientação da casa de móveis de que é proprietário. Bombeiro há cinquenta e um anos — caminho escolhido pela vontade de auxiliar.

«Inscrevi-me muito novo, corri todos os escalões ocupei vários cargos e as entidades oficiais viram que procediam bem em me distinguir com algumas condecorações. Mas a responsabilidade é grande. Orientar organizações como esta torna-se difícil porque o nosso povo, infelizmente, ainda não compreendeu que nos devia dar uma ajuda mais forte».

Os subsídios da Câmara Municipal de Lisboa e do Conselho Nacional do Serviço de Incêndios não são suficientes para suprir as necessidades e despesas da associação. Daí as crises económicas e a angustiante espectativa com que se debatem os dirigentes dos Bombeiros Voluntários de Lisboa.

SUBSÍDIOS INSUFICIENTES

«A Câmara Municipal dá-nos anualmente a quantia de 44 mil escudos e a contribuição do Conselho Nacional de Segurança de Incêndios varia conforme a aquisição de material de que precisamos para o nosso serviço. A quotização total das pessoas amigas anda á volta de quarenta contos. Mas tudo isto não chega...»

«Os subsídios não chegam...» diz Ernesto Costa

Jaime Baptista: «Antigamente as coisas ardiam mais»

Segundo a versão dos relatórios que o comandante nos pôs diante dos olhos, a associação gastou só em ordenados (motorista permanente, empregados da limpeza, da secretaria, dos telefones) cerca de 320.000$00. E depois há a aquisição de fardamentos e equipamentos para o pessoal voluntário os seguros contra acidentes de trabalho, a reparação dos veículos a conservação dos equipamentos de rádio, dos medicamentos, o seguro das viaturas que atinge 34.000$00 anuais e as rendas da casa...

«E ainda outra coisa com a qual não estou de acordo. Estas casas deviam ter isenção do imposto patronal para a Caixa de Previdência, que nos fica em cinco mil escudos por ano. Em 1971, despendemos 87 contos em reparações. Por outro lado, temos de comprar o combustível e o óleo para as viaturas. Mesmo com desconto, gastámos 35.000$00.»

Talvez muito em breve a Associação dos Bombeiros Voluntários de Lisboa veja o problema da renda de casa resolvido. No aniversário dos cem anos a Câmara Municipal ofereceu-lhes um terreno nos Olivais.

«Mas como fica afastado da nossa zona e dos nossos consócios, a Câmara resolveu entregar-nos um prédio velho, na Rua das Flores, em troca do terreno dos Olivais. Esperamos que as obras não durem uma eternidade para podermos deixar de pagar os 42 contos anuais da renda da casa». - A Associação possui 12 carros, 3 ambulâncias e um barco de fibra para um corpo activo de 70 bombeiros, que têm a seu cargo uma vasta zona de acção.

«O barco foi oferta de uma empresa. Por enquanto ainda não se utilizou. Serve para salvar pessoas em caso de inundações...»

Dentro do corpo de bombeiros há vários escalões. Assim: são cadetes dos dez aos dezoito anos, em seguida aspirantes, depois bombeiros de terceira, segunda e primeira classe...e ainda subchefe, chefe, ajudante do comando e comandante. A ascensão de patente para patente processa-se através de provas de exame com excepção do cargo de comandante que é atribuido por escolha.

«AFICION» DO BOMBEIRO

Jaime Baptista, funcionário da Marinha Mercante, também é bombeiro. Hoje acumula o cargo de ajudante do comando com o de secretário da direcção. Conversámos sobre a evolução das técnicas de apagar fogos.

«Nós não estamos muito atrasados. Mais ou menos acompanhamos as técnicas alemãs e americanas que em questão de mecânica são extrarodinárias. Antigamente iamos buscar a mangueira depois de engatada á portinhola, e pronto. É evidente que nessa altura as coisas ardiam mais. Agora os auto-tanques e os nevoeiros desenvolvem um ataque eficaz ao incêndio».

Vimos as instalações da Associação, os retratos dos bombeiros, antigos, nas paredes, o material de trabalho as salas de convívio, a pequena biblioteca (sobrecarregada de livros policiais), a cantina a camarata, para os piquetes que funcionam das 21 às 8 horas do outro dia, as camas cuidadosamente alinhadas...

«Quatro ou seis bombeiros bastam para fazer o piquete. No entanto, alguns ficam voluntáriamente. Mais por devoção. Houve um camarada que dormia todas as noites, aqui, durante oito anos, seguidos, sempre á espera de fazer bem á comunidade», diz o comandante.

A Associação dos Bombeiros Voluntários de Lisboa nasceu de uma ideia lançada por Guilherme Cossoul, numa conversa na Farmácia Azevedo, que era o ponto de encontro das individualidades afectas nessa época. Como a população de Lisboa andasse deveras preocupada com os numerosos e violentos incêndios, essa ideia embrionária foi aceite e concretizou-se em 18 de Setembro de 1868.

Neste momento existem quatro associações de Bombeiros Voluntários divididas por quatro zonas da cidade. São os Voluntários de Lisboa, da Ajuda, Lisbonenses e Campo de Ourique.

Terminamos este apontamento com as palavras de Ernesto Costa: **«Não percebo porque é que os rapazes novos perdem tempo nos cinemas e nos bailes ié-ié e não querem vir a judar o próximo?»**

Alguns dos Bombeiros do Corpo Activo

Desperdiçar não é grandeza Coloque as suas economias em objectos que valham
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

DL/DESPORTOS

ANA, A PRINCESA: CAVALOS E IRWIN

A princesa Ana volta a participar esta semana numa prova, para defender o título de hipismo conquistado em 1971, no duro e completo «Torneio Hípico de Burghley», onde a sua vitória do ano passado fez despontar a esperança de alinhar na equipa nacional inglesa que foi aos Jogos Olímpicos.

A princesa veio a desistir da luta por esse lugar devido à lesão do seu cavalo, o «Doublet», mas tem andado a treinar outra montada, o «Columbus», e inscreveu-o no torneio, que vai de amanhã a 24 de Setembro.

O torneio inclui todas as disciplinas: «dressage», «endurance» (corta mato) e salto. No corta- mato figuram os mais largos obstáculos de água de todas as provas da Inglaterra.

Na sua preparação, a princesa tem agora como conselheiro o cavaleiro Richard Heade, que ganhou a medalha de oiro, na classificação individual dos Jogos Olímpicos.

É curioso que não começaram ainda os inevitáveis rumores sobre um idílio da jovem princesa com Heade. Fala-se, isso sim, numa possível inclinação pelo Lorde Irwin, que e alto e tem 28 anos. Filho do Conde de Halifax, é o herdeiro de terras em que há cinco palácios. A divisa da sua família é «gosto da minha escolha».

Lorde Irwin, que os íntimos tratam por «Peter», é bom cavaleiro, bom dançarino e serve de escudeiro á princesa nos passseios a cavalo, quando esta visita á mansão da família Halifax, Carrowby Hall. Ana já ali passou vários fins de semana, este verão: joga ao «criquete», passeia pelos bosques com a matilha de cães, e, como seria de esperar, todos os dias dá um passeio a cavalo.

A rainha Isabel também se tem instalado em Carrowby Hall, para assistir ás corridas de cavalos de York, que fica perto.

Pelo seu lado Lorde Irwin tem sido várias vezes convidado ás cerimónias de Buckingham, onde assiste ás festas privadas e á.s cerimónias públicas. Conhece toda a gente, na corte, e também concorre ao «Torneio de Burghley».

A princesa voltou dos Jogos Olímpicos entusiasmada com a boa actuação dos ingleses nas provas de hipismo. Os seus amigos, porém sabem que em Munique estava a sua ultima esperança de alinhar pela equipa nacional: nos próximos jogos, em Montreal, haveria problemas para qualquer elemento da família britânica.

A rainha e o principe Filipe não podem esquecer a forma como foram tratados na zona do Canadá de língua francesa, por ocasião da ultima visita oficial: nas ruas de Montreal havia hostilidade ao passar a carruagem real.

Quando a rainha visitou a «Expo 70», não passou pela cidade: seguiu directamente do avião para a Feira Internacional e voltou pelo mesmo caminho, sem passar pelo Município.

Poderia criar-se uma situação desagradável caso a princesa Ana quisesse ir ao Canadá em qualquer altura. E a sua participação nos Jogos dependerá certamente do clima politico que houver em 1976.

Seja como for: a princesa de momento não tem motivos para se aborrecer. Aproxima-se a temporada inglesa, achamada «Little Season», que começa em Outubro e vai até ao Natal. E como é de presumir, Lorde Irwin também aguarda esse periodo com interesse.

Xadrez

Portugal brilhante nestas olimpíadas

A equipa portuguesa de xadrez que participa nas «Olimpíadas» de Skopje, embora no contexto internacional relativo ao evento não estivesse colocada nos lugares de destaque, a verdade é que tem vindo a jogar com brilhantismo, o que pode ser demonstrado pelo empate que conseguiu frente à forte equipa da Checoslováquia, (a quem os peritos internacionais classificaram como «cabeça de série» e uma das mais fortes destas «Olimpíadas») por dois pontos contra dois, dado ter-se verificado mais um empate, no jogo que foi interrompido, entre o português Júlio Santos e o checoslovaco Pribyl.

Júlio Santos obrigou Pribyl a conceder um empate depois do reatamento do jogo e assim, Portugal passou a chefiar o Grupo Cinco em que está integrado.

Os resultados verificados ontem nos jogos referentes ao Grupo Cinco foram os seguintes: Portugal 2-Checoslováquia, 2; Israel, 2-Mongólia, 2; Irlanda, 2-Espanha, 1 (um jogo por completar); Hong-Kong, 3,5-Malásia, 0,5.

Na jornada seguinte, Portugal defrontou a Malásia, sendo o embate interrompido com a equipa portuguesa a vencer por 2-1 e com os seguintes resultados parciais: Ribeiro-Foo, 1-0; Silva-Fang, 1-0; Durão-Chan, 0-1. A partida suspensa foi aquela em que actuava Figueiredo contra Hoong, com vantagem para o xadrezista lusitano, que deverá sair vencedor.

Os outros resultados da terceira jornada foram os seguintes: Checoslováquia, 3-Israel, 1; Irlanda, 3-Hong-Kong, 1; Espanha, 1-Mongólia, 1 (duas partidas por concluir).

Depois de acabado o encontro entre Figueiredo e Hoong, Portugal defronta Israel em encontro referente à quarta jornada.

ASSINATURA BELGA EM NOVOS "RECORDS" DO ATLETISMO MUNDIAL

Atletas belgas melhoraram cinco recordes do Mundo durante uma reunião de atletismo realizada no Estádio Heysel, em Bruxelas.

Émile Puttemans, medalha de prata em Munique (na prova dos 10.000 metros) estabeleceu novos máximos mundiais dos 5.000 metros e das três milhas, perante 10.000 espectadores entusiasmados com os feitos.

O francês Michel Bernard comandou a prova dos 5.000 metros no princípio mas em breve foi ultrapassado pelos belgas Ren Goris, Paul Thys e Andre De Hertogue. A meio da corrida, Puttemans deixou para trás os seus adversários, incluindo o inglês David Bedford, e com a multidão gritando «Merci, Emile, merci Emile» (obrigado, Emile), cortou a linha de chegada muito à frente de todos. Foi-lhe cronometrado o tempo de 13 minutos e treze segundos, melhor do que o anterior máximo, na posse do finlandês Viren, com 13 minutos, dezasseis segundos e quatro décimos. Em segundo lugar classificou-se Thys (com 13 minutos e 33 segundos e quatro décimos) e na terceira posição ficou Bedford, que fez 13 minutos e 39 segundos.

Puttemans bateu igualmente, o «record» mundial das três milhas, que era pertença do australiano Ron Clarke (com 12 minutos 50 segundos e 4 décimos) ao cobrir aquela distância em 12 minutos, 47 segundos e oito décimos.

O belga Gaston Roelants estabeleceu, também, dois novos máximos mundiais, falhando a tentativa para outro. Aos 20 quilómetros, bateu o seu próprio «record» mundial de 58 minutos, seis segundos e 2 décimos, ao fazer o tempo de 54 minutos, 44 segundos e 4 décimos. O novo «record» mundial da hora foi abatido quando Roelants percorreu naquele tempo 20.704 metros, mais 40 metros do que a anterior marca mundial, que também lhe pertencia.

Emile Puttemans vai concluir o seu memorável esforço

Willy Polleunis, que era a «lebre» de Roelants na tentativa daquele para abater o «record» mundial das 10 milhas, estabeleceu o novo máximo mundial da distância ao ser-lhe creditado o tempo de 46 minutos, 4 segundos e oito décimos. O anterior «record» pertencia ao canadiano Jerome Drayton, com 46 minutos, 37 segundos e 8 décimos.

REGISTO

HÓQUEI EM PATINS: Com os jogos Sporting-Benfica, (no Pavilhão dos Desportos) C.U.F.-Juventude Salesiana, Campo de Ourique-Paço de Arcos, Oeiras-Belenenses e Parede-Cascais, realiza-se hoje a última jornada do Campeonato Metropolitano da I Divisão. Entretanto, nos jogos que estavam em atraso verificaram-se os seguintes resultados: Salesiana-Sporting, 6-9; Cascais-Oeiras, 3-10 e Paço de Arcos-C.U.F., 10-5.

TIRO AOS PRATOS: O Agualva Clube leva a efeito no dia 11 concurso da modalidade, no qual estarão em disputa numerosos e valiosos prémios.

GOLFE: Prosseguiu a 36.ª edição dos «Torneios Abertos de Setembro» no Clube de Golfe de Vidago. Os últimos resultados foram os seguintes: MEIA-FINAL DA TAÇA V.M.P.S. — Fernando Pimento Oliveira venceu João Mendonça, por 2 up; Mário Rodrigues venceu Mário de Almeida, por 3-2; meia-final de taça supersumos-Afonso Martins venceu Albertino Cadinha, por 5-4; TAÇA PISCINA (PARES) — 1.os, Horácio Ferreira-Fernando Lopes; 2.os, Helena Mendes-Ribeiro-Mário Rodrigues, ambos «fairway» 18; 3.os Eduardo Brás-Plácido Carvalho, no buraco 18.

CORRER...EM COIMBRA: O Clube de Futebol Santa Clara realiza, no primeiro dia de Outubro, a nona edição do seu «Grande Prémio», que se destina a clubes e atletas federados. A prova terá início pelas 11 horas e será efectuada num percurso de cerca de cinco mil metros. Antecedendo esta corrida, realizam-se competições para Infantis, Iniciados, Juvenis e Juniores-Seniores. No último dia do corrente Setembro também o clube de Santa Clara leva a efeito uma corrida de mil metros contra-relógio, destinada a atletas masculinos de todas as categorias, prova que está já na segunda edição e parece vir a tornar-se clássica, dada a sua aceitação.

PÁRAQUEDISTAS: Fernando José Jardim Ferreira, do Aeroclube de Angola, é campeão nacional da modalidade. Colectivamente, venceu a equipa do Aeroclube Universitário de Lisboa-Aeroclube de Portugal. Amanhã, deve iniciar-se o primeiro campeonato nacional feminino.

BOA-HORA F.C.: A Direcção desta simpática colectividade registou em acta um agradecimento ao nosso jornal, pela maneira «simpática e competente» como o nosso camarada Alexandre Pais relatou os acontecimentos mais importantes registados nas reuniões dos dirigentes e associados da agremiação. Aqui fica a citação.

PESCA DESPORTIVA: A União Desportiva Vilafranquense leva a efeito, no próximo domingo, o IX Concurso Inter-Clubes (a nível nacional) na Vala do Mar dos Cães.

CICLISMO: No domingo próximo realiza-se o V. Circuito de Cantanhede (destinado a corredores profissionais) e que costuma ter a participação de grandes nomes de velocipedia nacional.

PINGUE-PONGUE EM CRISE: A Direcção da Associação de Ténis de Mesa de Lisboa resolveu suspender toda a actividade desportiva na zona sob a sua jurisdição, até que seja recebida na Direcção-Geral dos Desportos, entidade a quem expôs problemas que considera de importância e que não tiveram até agora qualquer resposta.

FUTEBOL BRASILEIRO: O Vasco da Gama venceu o América por 3-0 num encontro correspondente à quarta jornada do Campeonato Brasileiro de Futebol da I Divisão. Os restantes resultados foram os seguintes: Internacional-Grémio, 1-0; Cruzeiro-Corintians, 0-1; Palmeiras-Bottafogo, 2-2; Coritiba-Santos, 0-0; Santa Cruz-Sergipe, 0-0; Brasil-Náutico, 0-0; ABC-Nacional, 3-3; Bahia-Remo, 1-1 e Ceara-Vitória, 0-0. A quarta jornada será completada com os encontros Flamengo-Atlético Mineiro, São Paulo-Portuguesa de Desportos e América Mineiro-Fluminense.

MINIBASQUETE: O 2.º Encontro Inter-Bairros de Lisboa, no âmbpto da Operação Minibasquete Lisboa-72, realiza-se no dia 24, nas instalações do Estádio Nacional. Este «Encontro» concentrará cerca de 2000 crianças, 200 jovens monitores e 50 dirigentes.

ANDEBOL: A data dos sorteios dos campeonatos de Juniores e Juvenis foi transferida para o próximo dia 26. Em reunião da direcção da Associação da modalidade foi aprovada a filiação do Paço de Arcos, Ginásios Clube de Amadora, Sport Lisboa Amoreiras, Clube Musical União Desportiva Vilafranquense.

TIRO AO ALVO: A União Recreativa «Estrela de Sassoeiros» realiza, no dia 1 de Outubro, um torneio, facto que se repete pela segunda vez. O certame acontecerá na localidade da agremiação e estarão em disputa valiosas taças, medalhas e outros prémios. Dado que o «Torneio» foi organizado com fins beneficentes, espera-se a comparência de elevado número de atiradores.

FUTEBOL É NOTÍCIA

Manuel Marques, o prestigioso massagista do Sporting e da selecção nacional, não foi escolhido por Ronnie Allen para integrar a comitiva «verde» que se desloca à Escócia. O seu lugar será desempenhado por José Veiga. Firme (assim) a notícia divulgada em primeira mão pelo nosso jornal: após a deslocação à Jugoslávia, Manuel Marques passou a ser vetado pelo treinador inglês do seu clube de sempre.

O Benfica jogará em Angola no próximo mês de Outubro: estão programados, para os dias 3 e 5 dois encontros em Luanda para exibição da turma rubra.

Eusébio será homenageado pelos europeus benfiquistas da temporada 61/62 antes do encontro com o Malmoe. Razão: igualará nessa noite o «record» de presenças em competições para a «Taça dos Campeões» (58) que pertence a Mário Coluna, o brilhante futebolista que, na sequência de um «alerta» no nosso jornal, ingressou no quadro técnico do clube que tanto ajudou a prestigiar.

No dia 5 de Outubro será a vez do barreirense, Luis Mira receber as homenagens do público afecto ao seu clube.

Vitória de Setúbal, Cuf e Montijo participam na jornada Fernando (União de Tomar) estará duas semanas afastado do futebol, porque foi operado a tebol, porque foi operado a uma sinusite.

Os novos corpos gerentes da Associação de Leiria tomam posse no próximo dia 27

O sorteio dos jogos da segunda eliminatória da «Taça de Portugal» que se efectua no domingo pelas 22 horas (na sede da Federação) vai acasalar os clubes da II e III divisões que jogam a 1 de Outubro.

Vêm para a metrópole os futebolistas Alfredo e Belo, que pertenciam ao Sporting de Lourenço Marques e pretendem treinar em Alvalade.

Duda adquiriu dupla nacionalidade: a partir de agora, o luso-brasileiro pode alinhar, ao lado de Câmpora, pelo Vitória de Setúbal.

Enquanto a direcção anuncia uma política de supressão de equipas de juvenis, juniores e reservas, o Beira Mar contrata no Brasil mais um futebolista: o companheiro de Cleo, Edson e Alemão chama-se Paulinho e alinhou pelo América do Recife.

José Carlos continua sem treinar: a sua lesão impede-o de contar para o «plantel» de Ronnie Allen.

O Torriense voltou a ter como treinador o argentino Belén.

Oliveira e Rolando recuperaram das suas lesões e estão aptos a alinharem pelo Porto.

Paulo Amaral foi despedido do Fulminense: o seu lugar passou para Pinheiro.

LUSTRES

Se está interessado na sua compra, não o faça sem visitar a Fábrica: Av. 5 de Outubro, 203-r/c, Esq. (ao Campo Pequeno). Telefone 77 16 39.

VENDA AO PÚBLICO

DL/DESPORTOS

OS MONSTROS DO FALLON Á CONQUISTA DO BONFIM

Doze autênticos «monstros» de voluntariedade, aplicação e muito querer, estiveram ante ontem à noite no Estádio do Fallon, em Bruxelas. Com golpes de audácia, espírito de sacrifício e uma determinação afincada, eles roubaram ao Racing a alegria de uma vitória tida como certa.

Domingo, esses «monstros» do Fallon vão de assalto ao Bonfim: numa jornada nacional ensanduichada na aventura europeia que conquistou raízes e bem poderá frutificar.

Este, é o retrato de dois heróis do Fallon: duas peças-mestras da grande roda dentada que triturou os belgas.

CONHÉ

Grande, enorme na compleição.

Gigante na força de vontade, no cerrar dos dentes para a garantia do inacreditável.

Rapaz simples e humilde, quando fora do relvado e na roda de amigos que comenta o teatro da luta.

Foi assim que conheci Conhé. Primeiro, quando as luzes do Fallon teimavam em cortar a neblina que envolvia Bruxelas àquela hora da noite para iluminarem uma exibição de nota alta: a valentia e a destreza ao serviço de uma esperança, a coragem e a serenidade na defesa de uma camisola.

Conhé

Vítor Gomes

Depois, no convívio sereno do pós-jogo, na análise fria aos acontecimentos, na conversa amena entre dois cigarros e muitos cumprimentos dos próprios adversários.

Conhé! um guarda-redes em grande evidência, mostrou ao público do Racing ser um jogador de forte personalidade e de grande voluntariedade, saindo com decisão aos lances que ofereciam maior perigo, nunca voltando as costas ao jogo. Foi assim: do primeiro ao último minuto, com especial relevo para o 57.º, quando defendeu (superiormente) a grande penalidade apontada pela «estrela» da equipa local. Sempre, e em todas as circunstâncias, ele foi o jogador que inspirou confiança aos colegas da defesa e do ataque, garantindo a inviolabilidade da sua baliza. Um gigante na força de vontade, no cerrar dos dentes para a garantia do inacreditável, na grandeza e na enormidade da sua compleição.

«O meu nome completo é José Carlos Mendonça Ferreira, mas toda a gente me conhece por Conhé. Tenho 27 anos, son casado e a minha terra natal é o Barreiro. Comecei a jogar futebol quando tinha apenas 15 anos, com a camisola do Desportivo da CUF. Passei a junior ainda com esse emblema, tendo sido chamado à selecção nacional da categoria, como substituto de Melo. Em 1963 mudei de clube: foi «Faia» quem me levou para o Luso do Barreiro, onde conquistei o lugar de efectivo da categoria de honra. Tinha, então, apenas 18 anos: e durante quatro épocas não conheci outra camisola. Depois, veio a tropa e, ao abrigo da lei militar, fui para o União de Tomar, que nessa altura militava ainda na divisão secundária. Ajudei o clube a subir até junto dos grandes: e durante três épocas defendi o melhor que sabia e podia as balizas do clube. Tive aí dois treinadores que são hoje dois grandes amigos: Oscar Telechea e Fernando Cabrita, que me ensinaram muita coisa do que hoje sei. Terminado o serviço militar voltei ao Desportivo da CUF, sendo esta a minha terceira época como senior. Ao serviço do meu actual clube, conheci mais dois treinadores que admiro bastante: Carlos Silva e Fernando Caiado, sem esquecer aquele que foi meu companheiro de equipa e hoje é o treinador-adjunto. Chama-se Mário João e tem dado muito do seu saber à minha formação como guarda-redes.

«TÍTULOS? Tenho alguns: campeão da Zona Norte da 2.ª Divisão pelo União de Tomar, tendo ganho as Taças «Vicente Lucas», «Totobola», «Disciplina» e «Ricardo Ornellas». Ganhei ainda a «Taça de Honra» da Associação de Santarém, ao serviço do União de Tomer».

VÍTOR GOMES

Estoicismo, voluntariedade, espírito de sacrifício: em poucas palavras, eis como poderemos classificar o n.º 7 do Desportivo da CUF que, em Bruxelas, se me revelou inesgotável. Um autêntico poço de vontade e de energias, que espalhou a sua classe no meio campo, semeando o pânico na intermediária adversária em lançamentos precisos para o seu extremo Juvenal.

Não é um jogador de forte condição física: mas tem uma alma vibrante que empurrá os companheiros para o campo da verdade. Percorrendo o relvado de lés a lés, quer em busca do esférico quer no transporte certo para o meio campo adversário, Vítor Gomes deixou no Fallon o vinco da sua personalidade de jogador. Inacreditável, que ele aguente assim 90 minutos de luta e velocidade. Inacreditável, que o seu pequeno corpo encerre tanta energia. Inacreditável, que ele saiba (ou tenha a serenidade necessária para) no campo da luta, dosear o esforço ao ritmo do prélio.

Vítor Gomes é hoje um dos pilares da turma fabril: um jogador de fino trato de bola, que dentro em pouco poderá enfileirar na galeria dos messos melhores centro-campistas. Assim não lhe falte a coragem para prosseguir no caminho traçado, como não lhe sobre a humildade que colheu em todos os seus companheiros de equipa...

«Nasci em Lisboa, na freguesia de Benfica, a 28 de Fevereiro de 1949. Chamo-me Vítor Manuel Gomes Lopes, e comecei a jogar futebol a sério quando tinha apenas 14 anos. O primeiro clube que conheci foi o Futebol Benfica, tendo passado depois pelo Benfica e pelo Palmense, antes de vir para o Desportivo da CUF. Foi neste clube que subi a senior, tendo acontecido então uma paralisação na minha actividade, por desentendimentos de condições. Aos 18 anos, ofereci-me para a Força Aérea, tendo alinhado (ao abrigo da lei militar) no Sintrense (durante duas épocas) e no Tramagal. Voltei depois à CUF, com a idade de vinte anos e já, portanto, com o serviço militar cumprido.

«Há dois anos que represento o Desportivo da CUF, sendo esta, portanto a minha terceira época: uma temporada que, espero, seja a da minha consagração, pois sinto-me com força e tenho muita vontade em fazer o melhor. Aliás, com 23 anos, é a altura ideal para fazer o exame definitivo».

ORLANDO DIAS AGUDO

PAX – AINDA NÃO SABE?

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Amadeu e Veríssimo, Praça da Restauração, 12-C ALMADA

AMANHÃ E DOMINGO NO ESTORIL

Circuito Nacional do A.C.P. no Autódromo

Uma série de cinco corridas — Turismo de Série, Turismo Especial, Grande Turismo e Desporto, Troféu Datsun e Fórmulas Ford, «V» e 1430 — constituem o programa do Circuito Nacional do A.C.P. que se realiza amanhã e domingo no Autódromo do Estoril. Depois da inauguração oficial, em Junho último, é a primeira vez que o Autódromo volta a ser palco de competições automobilísticas. De então para cá foram introduzidas diversas beneficiações e as obras continuaram em bom ritmo pelo que o público irá encontrar um cenário diferente e bastante melhorado em relação à discutida jornada inaugural.

Estão inscritos mais de 100 concorrentes, distribuídos pelos diferentes agrupamentos e, como novidade, teremos a presença de uma dezena de pilotos espanhóis da Fórmula 1430 que correrão juntamente com os Fórmula V e Fórmula Ford. Aquela Fórmula espanhola que nunca foi apresentada em Portugal, será um motivo de interesse permitindo ao público fazer a comparação entre as três fórmulas de promoção presentes.

Durante a tarde de amanhã decorrerão dos treinos oficiais para os diferentes agrupamentos, realizando-se as corridas respectivas no domingo, excepto para os carros inscritos no Troféu Datsun que treinam às 14 horas e correm às 16.30. Os restantes treinos iniciam-se às 14.50 (Turismo de Série), 15.40 (Grande Turismo e Desporto), 17.20 (Turismo Especial) e 18.10 (Fórmula V, Fórmula Ford e Fórmula 1430).

O programa de Domingo abre com a corrida de Turismo de Série (14.30), Grande Turismo e Desporto (15.45), Turismo Especial (17.00) e Fórmulas (18.15).

Todas as provas contam para o campeonato nacional de velocidade que assim se aproxima do seu final. Os inscritos nos diferentes agrupamentos são os nomes habituais. A corrida de Grupo 1 apresenta-se revestida de muita expectativa em face do número elevado de carros competitivos inscritos e da categoria dos pilotos. O Team BMW apresenta três BMW Tii para Carlos Santos, Araújo Cabral e Christian Melville; o Team Mocar conta como habitualmente com quatro Alfa Romeo 2000 GTV para Jorge Ribeiro de Sousa, Bernardo Sá Nogueira e António Gentil Herédia e «Lumaro»; os concessionários da General Motors contam com a presença de Manuel Gomes Pereira num Opel Commodore GS/E enquanto Ernesto Neves alinha no seu Chevrolet Camaro. Além destes há ainda a contar com as actuações sempre válidas de Pedro Rasteiro (BMW 2002 Tii), Miguel Correia (Alfa Romeo 2000 GTV) e Miguel Lacerda (Opel 1604 SR).

As corridas de Fórmula não apresentam nenhum aspecto novo a não ser a presença dos concorrentes espanhóis da Fórmula 1430.

No Grupo 2 regista-se como nota de interesse a inscrição do espanhol Jaime Mesia, que venceu este agrupamento no último circuito de Vila Real, num Ford Capri RS. Os mais válidos competidores portugueses são Domingos Sá Nogueira (Escort), Carlos Santos (Escort) e Mário Araújo Cabral (BMW 2800 CS). Em princípio estes são os únicos que podem bater-se com Jaime Mesia, um segundo plano espanhol, mas dispondo de um carro muito competitivo.

Em Grande Turismo e Desporto veremos as «relíquias» do costume: os Porsche 906 de Américo Nunes e Carlos Santos (desta vez entregue, a Miguel Lacerda), o Porsche 907 de Carlos Santos, os Lotus 62 e 47 do Team Palma para Ernesto Neves e «Lumaro» e, como excepção à regra, o Chévron B 21 de Roger Heavens que será tripulado por Carlos Gaspar. Miguel Correia alinhará com o seu Porsche 914-6, havendo ainda um Alpine inscrito por Mário Costa.

Embora se trate de um programa que não inclue nomes internacionais prevêm-se no entanto algumas boas corridas, capazes de interessarem vivamente o público. O próprio Troféu Datsun será, como habitualmente, um dos espectáculos de maior emoção, e nele tomando parte os seus mais destacados intérpretes.

AUGUSTO VILELA

PUGILISMO

Nova sessão na Feira Popular

Na Feira Popular de Lisboa, realiza-se hoje, mais uma sessão de boxe, na qual participam pugilistas amadores do S.L. Oriental, E. Alvalade, E, Amadora, Ginásio do Sul e Alunos de Apolo.

Do programa constam sete combates dois da categoria de consagrados. A sessão principia às 21 e 45 e a ordem dos combates é a seguinte:

Mário Ferreira (S.L. Oriental)-Rogério Lousa (E. Alvalade); José Marta (S.L. Oriental)-Carlos Pinto (Al Apolo); António José (S.L. Oriental)-Germano Lourenço (E. Alvalade); Joaquim Baté (Al Apolo)-Vítor Bragança (S. L. Oriental); e António Abel (Gin. Sul)-Joel António (S.L. Oriental).

Consagrados: Alberto Branco (E. Amadora)-Carlos Martins (E. Alvalade) e Ferro Pai (E. Alvalade) Orlando Jesus (Apolo).

BANCO NACIONAL ULTRAMARINO LISBOA-1864

Banco Nacional Ultramarino

S. A. R. L.

Sede — Lisboa

AUMENTO DO CAPITAL, DE 500 000 000$00 PARA 1 000 000 000$00

EMISSÃO RESERVADA AOS ACCIONISTAS

Pagamento da 3.ª e última prestação de 30% (Esc. 480$00, por acção)

Informa-se os srs. accionistas, participantes do último aumento de capital, de que a 3.ª e última prestação das acções subscritas estará a pagamento, de 25 a 30 de Setembro de 1972, na Sede e filiais do Banco.

Lisboa, 22 de Setembro de 1972.

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

DL/GERAL

Novos processos de venda na Philips

No Centro Comercial dos Serviços Técnicos da Philips, foi ontem inaugurado, na presença do administrador dr. Orlando Morbey Rodrigues, dos funcionários superiores drs. D. Dill e Mário de Castro e o chefe do departamento dos serviços técnicos da empresa, sr. Jorge Teixeira, um «self-service» de componentes electrónicos, acessórios e peças fabricadas pela Philips.

Editada em Moçambique crónica anónima e inédita sobre a descoberta da India

LOURENÇO MARQUES, 22 — (L) — Vai ser editada brevemente nesta cidade uma crónica anónima e inédita sobre a descoberta e conquista da India pelos portugueses, revelou ao «Notícias» o catedrático da Universidade de Coimbra prof. Luis de Albuquerque, que se encontra em Lourenço Marques, onde se deslocou numa visita relacionada com a conclusão dos trabalhos atinentes à publicação da referida obra, cujo original, na sua fase preparatória, tem estado aos cuidados da dr.ª Adélia e dr. Alexandre Lobato.

A propósito deste trabalho, esclareceu o prof. Albuquerque:

«Desconhece-se o autor da crónica que está manuscrita em 460 folhas. Tudo indica, porém, tratar-se de um trabalho do século XVI, anterior à morte de D. Manuel, pois o seu autor trata o Rei D. João III por príncipe. A crónica foi catalogada pela Academia de Ciências de Lisboa em 1923 e pode afirmar-se que revela pormenores de grande interesse, uns novos, outros diferentes dos já divulgados, os quais podem esclarecer alguns pontos, de certo modo obscuros e outros desconhecidos, daquilo que se pode chamar o sucesso da India e do mar Índico, até à segunda tomada de Goa por Afonso de Albuquerque».

Ministro da Defesa em Alcochete

Uma sessão de rotina de tiro de aviões contra terra foi presenciada pelo ministro da Defesa, ao visitar o Campo de Tiro de Alcochete, onde se concluíram importantes construções militares no valor de cerca de dois mil contos.

O ministro general Sá Viana Rebelo, que se fazia acompanhar pelo secretário-adjunto da Defesa e pelo presidente da Comissão Executiva das Obras Extraordinárias, foi recebido, no Campo de Tiro, pelo respectivo comandante, tenente-coronel João Joaquim de Oliveira.

Marchueta na Paredense

O governador civil de Lisboa, dr. Afonso Marchueta, visita no domingo, às 17 horas, a sede da Sociedade Musical União Paredense, onde presidirá à sessão de encerramento das comemorações do 73.º aniversário da colectividade.

Tempo instável até Outubro

Até 30 de Setembro, o estado do tempo em Portugal Continental continuará a ser influenciado por depressões complexas localizadas entre a Madeira e as Baleares, e por dois núcleos anticiclónicos, que se situarão respectivamente na região dos Açores e Alemanha. De 1 a 5 de Outubro, o anticiclone dos Açores desenvolver-se-á para norte deste arquipélago.

Escola de Ciências Criminais

Na Escola Prática de Ciências Criminais, em Lisboa, encontra-se aberta a matrícula para o curso de preparação destinado a auxiliares sociais e educadores das Direcções-Gerais dos Serviços Prisionais e dos Serviços Tutelares de Menores. Serão admitidos os candidatos com mais de 19 e menos de 30 anos de idade, de ambos os sexos, que possuam o 2.º ciclo dos liceus ou habilitações com equivalência legal.

Passagem de nível interrompida

Encerra-se hoje durante algumas horas, a passagem de nível com a linha do caminho de ferro do Oeste, ao Km 0,021 da E.N. 8-4, em consequência dos trabalhos de renovação da linha.

O acesso à povoação de Roliça ficará garantido pelos seguintes percursos:

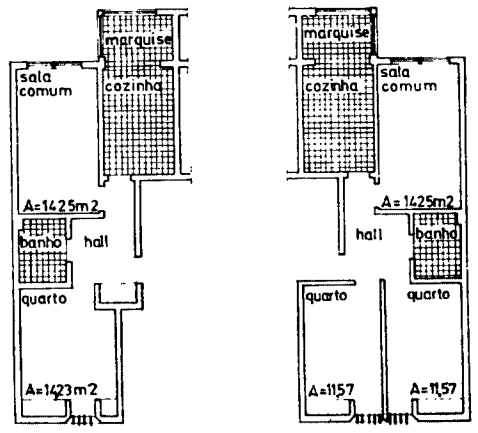
Por Norte — Saída da E.N. 8, em Dagorda (Km 81,800) seguindo depois as seguintes estradas: 1) E. . 114, entre Km 23,690 (Dagorda) e 17,989; 2) E.M. para Pó de Olho Marinho, até ao Km 1,017 e E.N. 8-4, dentro da povoação de Roliça.

Por Sul — Saída da E.N. 8, no Bombarral, ao Km 72,580, seguindo depois os seguintes traçados: 1) E.N. 361, entre Km 17,480 e 17,160, dentro do Bombarral; 2) E.N. 247-1, entre Km 19,250 (Bombarral) e 13,573; 3) E. N. 8-4, entre Km 4,007 e 1,017 (Roliça).

Estes percursos encontrar-se-ão devidamente sinalizados.

para as suas férias
para os seus fins de semana
para a sua casa de sempre

CH SÃO SEBASTIÃO DE GUERREIROS



LOCAL PRIVILEGIADO, 2 E 3 CASAS ASSOALHADAS, PAREDES REVESTIDAS A PAPEL DECORATIVO OU PINTADAS AO GOSTO DO COMPRADOR, CAIXILHARIAS DE ALUMÍNIO, MADEIRAS DE SICUPIRA, COZINHAS EQUIPADAS COM ARMÁRIOS "SIAE," CASAS DE BANHO COM AZULEJOS A COR E LOUÇAS MODERNAS TIPO ITALIANO, AQUECIMENTO ELÉCTRICO, ACABAMENTOS DE LUXO.

DESDE 170 contos

10% de entrada
20% à entrega das chaves
70% restantes em 3 a 10 anos

gratuita assistência na DECORAÇÃO do seu lar

UM NOVO EMPREENDIMENTO COM A GARANTIA

SPOC *SOCIEDADE PORTUGUESA DE OBRAS DE CONSTRUÇÃO, LDA*

ROSSIO, 74-3º TELFS. 35438/366257

SINDICATO NACIONAL DOS ENGENHEIROS AUXILIARES, AGENTES TÉCNICOS DE ENGENHARIA E CONDUTORES

CONVOCATÓRIA

Nos termos do art.º 19 dos estatutos convoco a reunião ordinária da Assembleia-Geral, para o dia 7 de Outubro de 1972, pelas 20 horas com a seguinte,

ORDEM DE TRABALHOS:

- Eleição dos corpos gerentes para o triénio de 1972-1974.

Se à hora marcada não estiver presente número de sócios que permita o funcionamento da Assembleia em primeira convocação fica desde já marcada a reunião da Assembleia em 2.ª convocação, para o mesmo dia às 21 horas.

De acordo com o determinado pelos n.ºs 1 e 2 do art.º 1.º do Decreto n.º 51/72, de 10 de Fevereiro, só podem tomar parte na Assembleia Eleitoral sócios que no decurso dos 12 meses anteriores à data marcada para a realização das eleições, tenham pago as quotas a que estatutàriamente se acham sujeitos e tenham exercido efectivamente a profissão, nos termos do recenseamento elaborado de harmonia com o referido Decreto n.º 51/72, que veio publicado, na íntegra, no Boletim Informativo n.º 1 (Janeiro/Fevereiro).

Lisboa, 21 de Setembro de 1972.

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
Manuel Lopes Peixoto

INTERESSA ÀS SENHORAS

SALDOS

Uniformes para empregadas domésticas

PREÇOS INCRÍVEIS

BATAS E AVENTAIS
MODELOS GUANABARA

TINTURARIA GUANABARA

Av. João XXI, 5-D — R. Infantaria 16, 55-C — LISBOA

EM DOIS ÚNICOS ESPECTÁCULOS
NO TEATRO CAPITÓLIO
VASCO MORGADO *apresenta*

SÁBADO, 23 de Setembro de 1972
às 21,45 horas
Grupo B - M/ 10 anos

DOMINGO, 24 de Setembro de 1972
às 16,00 horas
Grupo A - M/ 6 anos

O ÍDOLO DAS MULTIDÕES O EXPOENTE MÁXIMO DA CANÇÃO BRASILEIRA

NELSON NED acompanhado pelo seu conjunto privativo recordará os seus maiores êxitos

Domingo à tarde, Será será, Se as flores pudessem falar, O seu retrato, A Bíblia, Estou chorando, Dá-me, Dá-me, Dá-me, Esquece coração esquece, Estou chorando e muitos outros.

Dizem os leitores

UMA EXIGÊNCIA POUCO USUAL

Um leitor que assina como sendo um «turista nacional que prometeu a si próprio evitar passar em Lamêgo» enviou-nos a seguinte carta:

«Passei no passado dia 8 por Lamêgo onde, por coincidência, se realizavam as festas da cidade. À entrada, solícitos guardas da PSP mandaram-me parar para que eu atendesse solícitos membros da Comissão de Festas» que, a troco de um papelinho que me dava o direito de estacionar três dias na cidade, me pediam vinte escudos. Informei o elemento da Comissão de Festas que apenas pretendia atravessar a cidade. Pois o solícito membro da Comissão informou-me que, mesmo assim, teria que pagar os vinte escudos e que, se saisse da cidade de dentro de trinta minutos, o dinheiro ser-me-ia devolvido, caso contrário perderia o direito a ser reembolsado.

Em face de situação tão insólita faço quatro perguntas:

1.ª Estaremos acaso no «Far-West», no tempo em que marcava tempo para os bandidos abandonarem as cidades?

2.º — Onde está o documento legal que permite coagir um cidadão a pagar «portagem» para entrar numa cidade portuguesa?

3.º — Será isto turismo?

PONTE ALEIJADA SOBRE O CÔA

Uma ponte sobre o rio Côa não terá sido bem concebida segundo procura demonstrar o nosso leitor Seixas de Figueira de Castelo Rodrigo:

«Junto da ponte do rio Côa, na estrada que liga Pinhel a Figueira de Castelo Rodrigo anda em construção uma ponte em Avelal sem que a construção da mesma obedeça aos mais elementares princípios técnicos, pois não se compreende que a futura estrada tenha de fazer uma curva, em ângulo recto, a três metros da mesma, sem que haja outra possibilidade, em virtude de o ramal da estrada principal à ponte ficar em terreno fortemente escarpado.

Os técnicos dos tempos dos nossos avós planificaram melhor assunto de tão elevada importância. Uma camioneta de sete toneladas terá de fazer manobras arriscadíssimas para conseguir entrar na ponte.

A incompetência técnica vai ainda mais longe, pois esta ponte servirá alguns lugares que pertencem ao concelho de Figueira de Castelo Rodrigo e a entrada na estrada sòmente ser feita no sentido de Pinhel e, para nos deslocarmos àquela localidade, teremos de percorrer uns cem a duzentos metros, meter a uma estrada e voltar para trás.

Antes de concluídas as obras todas as anomalias são possíveis de remediar, pois afigura-se-me que se a ponte fosse elevada mais um metro seria possível alargar a curva e, ao mesmo tempo, permitir o acesso à estrada principal nos dois sentidos.

Seria aconselhável a suspensão imediata dos trabalhos e a revisão do projecto.

Não se compreende que o Estado dispenda tanto dinheiro para construir aleijões.

Só até Sábado 23-Setembro-72

SALDOS

de electrodomésticos

VENDEMOS C/ GRANDES DESCONTOS MATERIAIS NOVOS COM GARANTIA DEVIDO A PEQUENOS DEFEITOS NA PINTURA:

FRIGORÍFICOS — FOGÕES — MAQ. DE LAVAR

RÁDIOS MÓVEIS — LUSTRES — ESQUENTADORES

A. OLIVEIRA

AVENIDA ALMIRANTE REIS, 91-A — LISBOA

restaurante 1900

uma cozinha de «grand prix»

(no autodromo do estoril)

Marcações: 241-559 · Encerrado à 2ª feira

BOM APETITE

RESTAURANTE E BAR DO HOTEL ALVORADA

ESTORIL

COZINHA PRIMOROSA E VARIADA

(Contratos especiais em casamentos, baptizado e banquetes)

Telef. 260070 (Frente do casino)

RESTAURANTE SNACK-BAR Colina

Rua Filipe Folque, 46-A

Telef. 560209

AMANHÃ FAVAS À COLINA

TONI DOS BIFES

Av. Praia da Vitória, 50-E

Telef. 53 60 80

AMANHÃ FEIJOADA À PORTUGUESA

ENCERRA AOS DOMINGOS

RIO DE MOURO

Telef. 2980535

(Auto-Estrada para Sintra)

ESPECIALIDADES DIARIAS

BACALHAU À LAGAREIRA

E

CABRITO NO CHURRASCO

SALÃO PRÓPRIO PARA BANQUETES

RESTAURANTE QUINTA DE S. VICENTE

Telheiras de Cima, 144

Telef 790211

JANTARES DANÇANTES AOS SÁBADOS E DOMINGOS

c/ conjunto privativo

Premiado pelo S. N. I.

(Maiores de 15 anos)

ESTALAGEM D. SANCHO II

ELVAS — Telef. 127

COZINHA REGIONAL SERVIÇO DE BAR NO TERRAÇO PANORÂMICO PARA ESPANHA ESMERADO SERVIÇO DE MESA QUARTOS CONFORTÁVEIS

NO SEU FIM-DE-SEMANA VISITE ELVAS E BADAJOZ

ADEGA MESQUITA

ceie

APÓS AS REFEIÇÕES - CHAVE D'OURO - O MELHOR CAFÉ

Assunto: Congresso de Design

O Fundo de Fomento de Exportação face ao Design

Na FIL, de 6 a 8 de Outubro

Este ano, e pela primeira vez fora do Reino Unido, a DIA — Design and Industries Association — vem realizar a Lisboa o seu tradicional Encontro Anual, cujo objectivo tem sido, desde sempre, manter os sócios atentos aos problemas culturais da actualidade em todos os domínios do Design.

Este Congresso, subordinado ao tema «Wants, Needs and Profitability», foi programado como um diálogo luso-britânico e proporcionará aos técnicos Portugueses relacionados com Design — industriais, dirigentes de empresa, designers, professores, estudantes — um real contacto com os problemas que, nale sector, enfrenta um grande país industrial como é o Reino Unido.

De salientar que a realização de tão importante Congresso em Portugal se deve à acção desenvolvida e ao interesse demonstrado pelo Fundo de Fomento de Exportação junto da DIA.

Se, de algum modo, está ligado a Design, não hesite — contacte, informe-se, inscreva-se. O Fundo de Fomento de Exportação existe para o servir — a si e consigo à economia e progresso nacionais.

Inscrições até 29/9 no

fundo de fomento de exportação

RUA CAMILO CASTELO BRANCO, 2-3.º — LISBOA 1

TELEFS. 47928/59156

Informacões — De 25 a 29 de Setembro, das 15,30 h. às 17,30 h., no balcão central da FIL ou pelos telefs. 633145/639044

DL/ESTRANGEIRO

A CONFERÊNCIA DE IMPRENSA DE POMPIDOU -Referência à Espanha provoca reacções

PARIS, 21 — (FP) — A sétima conferência de imprensa do presidente da República Francesa na grande sala de festas do Palácio do Eliseu, não teve qualquer declaração liminar a preceder o fogo cruzado das perguntas feitas pelos numerosos jornalistas presentes. Evocando certas críticas formuladas pela oposição — e designadamente por François Mitterrand, primeiro secretário do Partido Socialista — censurando-lhe uma certa forma de «poder pessoal» e desrespeito pela Constituição, George Pompidou afirmou: o presidente da República não actua à vontade dos seus desejos; a constituição é flexível, o chefe do Estado tem em conta a composição da Assembleia. Não é seu escravo».

O presidente da República deu por outro lado a entender que não haverá dissolução da Assembleia. «Foi sempre minha ideia, disse que se se mantivesse Jacques Chaban-Delmas, dissolveria a Assembleia Nacional e provocaria eleições antecipadas Mas foi uma solução a que renunciei no dia em que convoquei o povo para o referendo acerca da Europa».

Depois de salientar que para evitar, após esta consulta, «chamar os eleitores às urnas de maneira prematura», para novas eleições, e dar assim a impressão «de abusar dos seus poderes», Georges Pompidou afirmou: «e a partir desse dia fiquei decidido a mudar de Governo».

O «CASO ARANDA»

Evocando depois «o caso Aranda», o presidente da República lançou um apelo à imprensa, pedindo-lhe «que dê provas, não só de prudência e de dignidade, mas também de um pouco de reserva, perante esta torrente de denúncias, de insinuações, de fotocópias, que é despejada. Uma das doenças dos tempos modernos que hoje viola o segredo das administrações o dos homens políticos, mas que amanhã, violará a vida dos negócios, das empresas, a vida das família...»

Evocando, a seguir, as intervenções de homens políticos junto de administrações a favor de certas empresas, intervenções que foram objecto das revelações de Aranda, Pompidou declarou: «E preciso abrir ao público a nossa administração e simplificar a nossa regulamentação. O Governo realizou um esforço que vai ser desenvolvido. E preciso que os franceses queiram convencer-se de que é possível obtêr-se aquilo a que se tem direito, por meios que não sejam os empenhos. E preciso dar aos Parlamentares mais possibilidades do que as que possuem»

O presidente da República prosseguiu:

«Há por aqui e por ali eleitos, parlamentares, que, por causa dos seus interesses eleitorais, se deixam arrastar conscientemente a intervenções marginais, por vezes duvidosas, por vezes inadmissíveis. Eu digo que as formações políticas devem manifestar rigor e que elas não hesitem a desembaraçarem-se desses eleitos (...)

Peço ao primeiro ministro que vele pessoalmente e activamente, designadamente por ocasião das investiduras da maioria».

CIMEIRA EUROPEIA

Não ter em conta a cimeira europeia, teria sido um «acto grave», declarou Pompidou, ao explicar as razões que as tinha decidido reunir os chefes de Estado e de Governo dos Dez países do Mercado Comum, nos dias 19 e 20 de Outubro próximo.

A opinião pública, disse o presidente da República, teria pensado então num «recuo da construção europeia».

Além disso, o facto de «certas ideias terem sido desembaraçadas», justificava a realização desta cimeira.

Pompidou declarou que esperava que os chefes de Estado e de Governo afirmassem, durante esta cimeira, a sua «solidariedade nas futuras discussões internacionais» e que desejava, nessa ocasião, que o romper da aurora europeia adquirisse maior intensidade.

A ESPANHA

«Sou partidário da entrada da Espanha no Mercado Comum e desejo que ela possa ser feita a mais cedo possível, embora sabendo que há ainda dificuldades económicas o objecções políticas entre alguns», declarou Pompidou, em resposta a um jornalista.

A MOEDA

Quanto aos problemas monetários, o presidente da República declarou que o Governo britânico aceitou formalmente que a libra volte a uma paridade fixa. Londres não deu nem a data nem o valor, por razões evidentes, acrescentou Pompidou «mas tenho razões para ter confiança».

Por outro lado, evocando a política comercial exterior francesa, Pompidou disse: «a França através da sua agricultura e da sua indústria, em certos sectores, pode competir no plano dos preços e mesmo frequentemente no das técnicas».

«A França, prosseguiu o chefe do Estado, começa a fazer o que sempre fizeram os Estados Unidos, a Grã-Bretanha, a Alemanha Federal, o Japão e muitos outros. Resignar-se-á a isso e eu resignar-me-ei às críticas».

O TERRORISMO

O presidente Pompidou condenou o terrorismo, mas disse: «Não se suprimirá o terrorismo palestiniano se não for encontrada uma solução qualquer para o problema palestiniano. Não se pode resolver um fenómeno desta ordem, se não, se eliminar a causa do fenómeno».

O presidente da República declarou-se, além disso, «profundamente preocupado» com a situação no Médio Oriente.

VIETNAME: O «SEGREDO»

Àcerca do conflito vietnamita, o presidente da República declarou na sua conferência de imprensa: «Os princípios gerais da posição francesa no problema do Vietname foram expressos pelo general De Gaulle, em Phnom Penh, num discurso que nessa altura produziu um certo ruído. Esses princípios são hoje os mesmos. Desde então, passaram-se muitas coisas. Primeiro, esta conferência de Paris. E depois, sobretudo o facto de que num certo momento Kissinger começou a vir a Paris para se encontrar com outras pessoas no maior segredo. Posso-vos dizer agora que ajudamos a isso e que eu mesmo pessoalmente ajudei e que ... o segredo foi perfeitamente mantido».

Lembrando por último que a França por enquanto não tinha que tomar posição nomeadamente a respeito da fórmula de Governo de três componentes que poderá ser instalada no Vietname, o chefe do Estado concluiu: «A França entende que no ponto em que se está, deve deixar a negociação desenvolver-se. Estava pronta, se pudesse, a contribuir para a paz, para uma paz justa. Mas está sobretudo desejosa de nada comprometer».

O "caso Aranda" ou as "limpezas necessárias"

PARIS, 22 — (F. P.) — Gabriel Aranda cumpriu o prometido. Acompanhado pelo seu advogado, dr René Floriot, apresentou no Palácio da Justiça por pura coincidência á mesma hora em que o presidente Pompidou se referia a ele na sua conferência de imprensa e entregou ao juiz Pierre Galmiche os 136 documentos que tinha em seu poder e que põem em causa, segundo ele, 48 pessoas.

Afirmou aos jornalistas, que o esperavam, que não conservou sequer uma fotocópia, pois confia na justiça. Mostrou-se inquieto com o que o Chefe do Estado poderá ter dito a seu respeito.

Estava com o meu advogado disse — e não ouvi a exposição do sr. Pompidou. Mas lerei atentamente a sua transcrição na imprensa.

Entretanto o caso Aranda» continua a dar que falar, em especial nos meios políticos. François Mitterrand,, primeiro secretário do Partido Socialista, escreve no semanário do seu partido «Lunité» que este caso deveria assinalar o ponto de travagem do deslizar contínuo, desde há perto de quinze anos, para a corrupção e a concussão generalizada. Por sua vez, no mesmo semanário, Claude Estier diz: «O que nos importa, não é que um secretário de gabinete, antes de se ir embora, haja tido tempo de fotocopiar 136 cartas comprometedoras, mas a prova, assim aduzida, de que a V República se esteia realmente no poder do dinheiro e que a sua lei suprema é a do lucro».

No jornal «Le Monde», Gilbert Gravdal, antigo ministro, presidente da União Trabalhista (gaullistas da esquerda), escreve sob o título «Limpeza Necessária»: «E urgente que severidade de exemplar atinja todos aqueles a quem, seja qual for a sua categoria ou o seu lugar, possam ser censuradas práticas repreensíveis ou qualquer desonestidade. As falhas individuais devem ser punidas nos termos da lei, tomando o tribunal criminal, de acordo com a sua competência, a iniciativa da abertura da instrução que se impõe para cortar cerce os rumores. Todavia, frisemos que estas falhas individuais não podem, de forma alguma, significar a resposabilidade colectiva dum grupo ou dum partido».

Numa entrevista que concedeu ao jornal «La Croix», Maurice Couve de Murville, antigo primeiro ministro do general De Gaulle, declarou: «E absolutamente preciso reagir e eliminar sem contemplações todos os elementos duvidosos...Sempre houve escândalos, mas não é razão para continuar. Como no passado, as tentações são maiores do lado do poder. Continuo a pensar que é absolutamente preciso reagir, seja, tomar medidas. Digo-o independentemente de todas as preocupações eleitorais, pois o problema sobrepoê-se-lhes. Na realidade, é do Estado que se trata. Este tem que ser respeitado e não o pode ser, sem que se tenha a impressão de que tudo se faz em função do interesse público».

Reacções à conferência do presidente francês

COPENHAGUE, 22 — Jens Otto Krag, primeiro ministro dinamarquês, replicou com um «não» categórico à idea duma adesão da Espanha ao Mercado Comum.

O chefe do Governo, que comentava na televisão a declaração do presidente Pompidou na sua conferência de imprensa, favorável à entrada da Espanha na CEE, afirmou: «A Dinamarca diz clara e imediatamente não, a uma adesão da Espanha. Se fôr preciso, Copenhague recorrerá ao seu direito de veto. Esta atitude harmoniza-se absolutamente com a posição que tomamos relativamente às relações da Espanha com a NATO.

A OPINIÃO DE LONDRES

As declarações do presidente Pompidou quanto às tarefas que aguardam os dirigentes da comunidade europeia ampliada são cheias de realismo e, por esse motivo, encorajadoras para a Grã-Bretanha, na véspera da sua entrada no Mercado Comum, pensa-se nos meios ingleses competentes.

Partilha-se, com efeito, em Witehall, a maneira de ver de Pompidou, segundo a qual a próxima reunião cimeira de Paris não será «um voltar de página da história europeia». Com efeito, diferentemente da «cimeira histórica» de Haia (Dezembro de 1969), que traçou as grandes linhas directoras da futura construção europeia, a conferência de Paris deverá abordar os problemas práticos: os «Dez» estão, com efeito, de acordo, quanto aos princípios, mas divergem ainda a respeito dos métodos, nomeadamente em relação aos problemas monetários e económicos.

Quanto à Espanha, observa-se que a posição da Grã-Bretanha que não é ainda membro da CEE, está naturalmente mais atrás do que a da França. Sem se pronunciar acerca da adesão dum país na comunidade ampliada, o governo britânico no entanto, já assegurou ao de Madrid que a Grã-Bretanha tenciona desempenhar um papel positivo no desenvolvimento das relações entre a Espanha e a CEE.

Bundestag: A última sessão

BONA, 22 (R) — Com a queda antecipada do Governo chefiado pelo chanceler Willy Brandt, os deputados da República Federal Alemã preparavam-se esta noite para um final debate-maratona, antes do Parlamento ser dissolvido e de se convocarem novas eleições.

Tanto o actual Governo de coligação como a oposição estão decididos a aprovarem duas medidas consideradas como vitais, antes do Bundestas terminar, amanhã, as suas funções — doze meses mais cedo de que o normal mandato de quatro anos.

As duas principais peças essenciais para legislação são uma nova lei sobre pensões, providenciando um aumento de benefícios para os 10 milhões de pessoas em idade avançada e que recebem pensões bem como para outras pessoas beneficiárias, e a aprovação de um histórico tratado sobre transporte, assinado este ano com a Alemanha de Leste e que se destinou a abrir as fronteiras, até agora estreitamente fechadas, entre os dois estados alemães.

Após uma série de derrotas humilhantes sofridas ontem perante a oposição democrata cristã, o Governo resolveu ceder e aceitar o conceito da oposição sobre a Lei de Pensões.

Devido à ausência do professor Karl Schiller, antigo ministro da Economia e das Finanças, que deixou o Governo em Junho do ano corrente, os democratas cristãos têm agora a maioria eficaz de um voto, maioria que utilizaram para conseguirem impôr as emendas que lhes parecem convenientes sobre a Lei de Pensões.

As reformas das Pensões são consideradas por ambos os partidos como um factor importante de conquista de eleitores, principalmente agora que se tem como certo que as eleições da Alemanha Federal deverão ter lugar no dia 19 de Novembro.

O Governo foi de novo derrotado pela contagem de 247 votos contra 244, num projecto-lei destinado a alargar a previsão de emprego alternativo para os objectores de confiança ao serviço militar.

CARTAS-BOMBAS NA ARGENTINA

BUENOS AIRES, 22 — (R) — Cinco cartas-bombas dirigidas a diplomatas israelitas nesta capital foram interceptadas por agentes dos serviços de segurança, anunciou a Polícia argentina.

Um dos funcionários responsáveis pelos serviços de segurança da Embaixada, suspeitou dos sobrescritos porque estes apresentavam um carimbo dos correios da Holanda, e não continham o nome do remetente.

Resolveu, por isso, avisar a Polícia, que enviou peritos em explosivos à Embaixada, os quais examinaram as cartas, que continham um explosivo plástico, apresentavam o carimbo dos correios da Holanda, tal como as que foram enviadas, no princípio desta semana, a missões diplomáticas israelitas na Europa e na América do Norte e a entidades oficiais em Israel.

COMPRA

A FIRMA ALBERTINO HENRIQUES DA SILVA, LDA., está sempre compradora de carros de boas marcas, até 100 contos ou mais a pronto pagamento. Transacções em 20 minutos.

RUA DO GARRIDO, 73-A

TEM PRÉDIO? TEM CARRO?

ENTÃO TEM DINHEIRO

CONSULTE-JÁ A

ORCOSI

Telfs. 367444/323172

Rua 1.º de Dezembro, 45

DL/ESTRANGEIRO

HEIKAL: ISRAEL VAI TENTAR OCUPAR MAIS TERRITÓRIO

CAIRO, 22 (ANI) — Israel tentará apoderar-se de mais território árabe ns próximas semanas ou meses, antes de os soviéticos e os americanos fazerem um esforço conjunto para impor uma solução de paz no Médio Oriente — escreve hoje o director do oficioso do Cairo «Al Ahram», Mohammed Hassanein Heikal, em cuja opinião os países árabes deviam efectuar uma conferência de alto nível a fim de se prepararem para um confronto com Israel e com os Estados Unidos.

Foi a segunda vez,, esta semana, que Heikal sugeriu a realização de uma reunião cimeira.

«Haverá uma nova tentativa para solucionar a crise do Médio Oriente depois das eleições presidenciais norte americanas — prossegue Heikal. O presidente Nixon e o seu conselheiro, Henry Kissinger, acreditam — depois das novas relações com Pequim e Moscovo, e das recentes tentativas feitas no Vietname —que o Médio Oriente é o lugar onde poderão mostrar as suas habilidades mágicas.

«Israel sabe isto muito bem, e está a planear colocar-se, nas próximas semanas, na melhor posição possível, que lhe permita negociar um mapa mais conveniente para os próximos dez anos».

FACTOR SOVIÉTICO

Israel sabe que a próxima iniciativa «não será apenas uma tentativa americana, mas que incluirá um factor soviético, com todo o seu peso e influência» — diz Heikal.

E depois de se referir a um «acordo» soviético norte-americano, afirma que, recentemente, um funcionário soviético declarou ao dirigente das guerrilhas palestinianas, Yasser Arafat: «Confio em que, dentro de um ano, encontraremos uma solução para a crise do Médio Oriente».

«Deste modo — comenta Heikal — Israel sente que beneficia de um período, nas próximas semanas ou meses, durante o qual poderá cultivar ou queimar a terra a fim de se colocar numa posição mais favorável. Não devemos ficar surpreendidos se Israel lançar um golpe em qualquer direcção, contra a resistência no Líbano, contra a Síria, ou mesmo contra o Egipto».

De acordo com Heikal, os países árabes deviam preparar ràpidamente «uma primeira linha de confronto», que incluisse o Egipto e a Líbia, o Egipto, a Líbia e a Síria.

Os árabes deviam também reorganizar as suas relações com a União Soviética e pôr de parte as divergências entre eles próprios.

«Depois do que aconteceu no Líbano — acrescenta — dou mais ênfase à organização das relações árabes numa conferência de alto nível».

Jersey Joe Walcott (à esquerda), antigo campeão do mundo de boxe de todas as categorias, ergue o braço de McGovern, em sinal de vitória. Walcott, que é xerife em Camdem County, encontra-se com o candidato democrático à presidência quando ele for uma passagem de propaganda pela sua cidade. (Telefoto UPI-Telimprensa-DL)

A morte de Lin Piao anunciada na China

PEQUIM, 22 (F. P.) — Pouco mais de um ano após o desaparecimento do marechal Lin Piao, a imprensa chinesa revela, pela primeira vez, que o antigo «companheiro de armas» do presidente Mao Tse Tung morreu num acidente aéreo.

O «Diário do Povo», em longo artigo consagrado aos «golpes de estado» precisa mesmo qual o tipo de aparelho no qual o ex-ministro da Defesa encontrou a morte: um tridente de fabrico britânico.

Os «patifes do tipo Liu Shao Chi» (expressão que se refere ao antigo presidente eliminado aquando da Revolução Cultural, mas sob a qual se poderá reconhecer fàcilmente Lin Piao) que não aproveitaram a lição dos insucessos dos «golpes de estado contrários ao sentido da história», encontraram a morte por suas próprias mãos. O seu «tridente» desmantelou-se num deserto», indica o jornal, acrescentando: morreram sem sepultura».

Segundo a versão oficial difundida no estrangeiro em Julho último, o antigo vice-presidente do Partido morrera quando o avião a bordo do qual tentava fugir para a União Soviética — após uma tentativa de golpe de estado — se despedaçou na Mongólia em 12 de Setembro de 1971.

Pedida a admissão no Banco Mundial da URSS e da China

WASHINGTON, 22 (R) — Um especialista americano em questões monetárias internacionais pediu ontem ao Fundo Monetário Internacional e ao Banco Mundial que admitam a URSS e a China como membros.

O congresso Henry Reuss, presidente da comissão conjunta de divisas e pagamentos do Congresso, numa declaração feita na Câmara dos representantes pediu ainda ao governo americano que impeça quaisquer diligências no sentido de afastar o actual director do Fundo Monetário, o francês Pierre-Paul Schweitzer, daquele cargo apenas três dias antes da abertura da conferência anual do F.M.I. e do Banco Mundial.

Um informador do Banco Mundial tinha anunciado ontem que a Roménia apresentará a sua candidatura à admissão naquele organismo financeiro e no F.M.I..

Segundo Reuss, a China e a União Soviética, bem como todos os outros países da Europa oriental, têm o direito de ser membros das duas organizações financeiras internacioanis.

Reuss salientou que o intercâmbio comercial entre os actuais países membros do F.M.I. e os países comunistas tem tendência para aumentar pelo que para garantir relações económicas harmoniosas e para dar a esses países os benefícios e as responsabilidades das instituições existentes eles deviam ser aceites como membros.

Referindo-se à questão controversa de Schweitzer ser ou não apoiado pelos Estados Unidos para permanecer no cargo de director do F.M.I., Reuss afirmou que a posição do governo Nixon «que parece querer apenas um lambe botas à frente do F.M.I., é repulsiva e estúpida».

Segundo Reuss, Schweitzer serviu admirávelmente como chefe daquela organização financeira durante o período mais difícil que ela atravessou.

«Se todos os países fizerem como os Estados Unidos estão aparentemente a fazer agora, opondo-se a qualquer iniciativa partida do F.M.I., a cooperação monetária internacional será impossível».

FILMES CASTELLO LOPES 50 apresenta

O melhor cinema / o mais atroz «suspense»...

BRONSON/DELON

A coragem, a acção, o «charme» ... V. não esquecerá isto!

ADEUS AMIGO

(ADIEU L'AMI)

Duas feras numa armadilha!

Realização de JEAN HERMAN COLORIDO

HOJE às 21.45

GRUPO D - 18 anos

FILMES CASTELLO LOPES 50 apresenta

A eleição de «Miss» Bombeiro...
Um momento inesquecível de Cinema!

O BAILE DOS BOMBEIROS

UM FILME DA SELECÇÃO DO FESTIVAL DE CANNES

AS MAIS FABULOSAS ESTRELAS DO CINEMA CHECO

A obra-prima de
MILOS FORMAN

autor de «OS AMORES DE UMA LOIRA» e «TAKING OFF»

3ª Semana 14.15 - 16.30 - 18.45 - 21.45

LONDRES

GRUPO D - 18 anos

ANDAR

NO RESTELO

Em prédio de boa construção e acabamentos, composto de 4 ass. coz.ª 2 c/banho, bom quintal. Vende-se com ou s/mobília. PRECO 650 contos. Negócio de ocasião. MOSTRA E TRATA

«A CONFIDENTE»

Rua do Ouro, 292 — Telef. 369384 5/6 — 328232 3 — 361756

PRÉDIO

AVENIDA AFONSO III

Construç. semi-moderna composto de 6 inquilinos, com habitaç. de 4 ass. coz.ª 1 c/banho, desp.ª, hall marquise. Preço 1 700 contos. Pode-se entregar 1 andar vago. MOSTRA E TRATA

«A CONFIDENTE»

Rua do Ouro, 292 — Telef. 369384/5/6 — 328232/3 — 361756

Bolsa de Lisboa

FUNDOS DE ESTADO

	Efect.	Compra	Venda
Cons 2 3/4 %	–	438$	–
Cons 3 %	488$	488$	495$
Cons. 3 1/2 %	–	560$	–
Centenários	1 290$	1.287$	1.295$
Tes 5 % 57	–	1.000$	–
Tes 5 % 59	–	1.000$	–
Exter 1ª s	–	620$	–
Extern 1ª c.	–	622$	–
Extern 3ª s.	–	–	780$
Extern. 3ª c.	–	780$	–
Caut. 3ª s	–	185$	–

FUNDOS PÚBLICOS

A Lx 6 %	–	940$	–
C M L 5 3/4 %	–	990$	
C P 5,5 % 67		980$	
C P 5,5 % 68		950$	
C P 5,5 % 69		940$	
Corr 5 3/4 %	–	–	–
Metr 5 3/4 %	–	–	–
Tur 5 3/4 %	–	1 000$	1.005$
C P 63/4 %	1 025$	1.020$	1.035$

ELÉCTRICAS

G 5 % 58		830$	
G 5 % 59		840$	
G 5 % 62			
G 5 % 63	–		–
G 5 % 64	–		–
G 5 % 65			965$
G 6 % 67			–
G 6 % 69	1.000$		–
G 7 %	1.050$	1 050$	1 060$
H. E C 5 %	–	750$	–
H. E C 6 %	–	950$	–
H. E. D. 5 %	–	730$	735$
H. E. D. 6 %	–	930$	–
H. E N P. 5 %	–	–	–
H. E S E 5 %	–	–	–
H. E S. E. 6 %	–	950$	–
H. E. Z. 5 % 57	–	–	840$
H. E. Zêz. 6 %	–	–	1.000$
N Elc 5 %	–	–	800$
N. Elec. 6 %	–	920$	–
Termoel. 5 %	700$	–	730$
U. E. P 5 % — 60	–	–	–
U. E. P. 5 % — 63	–	–	–
U. E. P. 6 %	–	900$	–

DIVERSAS

A. P. T. 5 % — 56	–	890$	–
A. P. T. 5 % — 58	–	890$	–
Lisnave 6	–	950$	–
Nitratos — 60	–	–	–
Pet. 2ª e 3ª	–	850$	900$
Sacor 7 %	1.25$	1.020$	1.025$
Sacor 5 % — 54	–	980$	–
Sacor 5 % — 60	–	835$	–
Sid 5 % — 2ª	–	–	–
Sid 5 % — 3ª	–	–	–
Sid 5 % — 4ª	–	–	–
Socel. 5 %	–	–	–
U. Fabril 67	–	940$	–
U. Fabril 68	940$	940$	–

ULTRAMARINAS

Carbonl. 5 %	–	400$
Rev 5 % 57	–	–
Rev 5 % 59/60	–	
Moçamb 5 %	–	
Sonefe 5 %		815$

ACÇÕES

De Bancos

Agricultura	5 195$	5 195$	5.200$
Alentejo	1 190$	1.185$	1.195$
Angola		3.950$	4 000$
Cred Predial	5.120$	5 110$	5.150$
Esp Santo	10 650$	10 600$	10.700$
Fomento		5 250$	5 350$
F & Burnay			55 000$
N Ultr m		5 400$	5 500$
N Ultr c	6 500$	6 500$	6 550$
Portugal n	4.400$	4.300$	4 500$
Portugal p		6 050$	6 100$
P Atlântico		11.000$	11 100$
Totta & Açores	6.140$	6.130$	6 140$
Algarve		2.000$	2 040$
Borges & Irmão	8 350$	8 320$	8 350$

J. BURNAY, LDª

Notas estrangeiras
Papéis de crédito

RUA DO OURO, 72 TEL. 321273

Banco Borges & Irmão

Indice da cotacão das acções (Base: Dez. 65=100)

	15-9-72	21-9-72	22-9-72
GERAL	195,1	193,4	**192,6**
METROPOL	199,4	197,5	**196,8**
ULTRAM	163,9	163,0	**161,7**

De Seguros

Alentejo	177$	176$	179$
Bonança	43.000$	–	–
Império	22.000$	21.000$	23 000$
Mundial	1 365$	1.360$	1 370$
Soberana	2.000$	2.000$	–
Tranquilidade	–		

Eléctricas

C P E p	1 100$	1 100$	1 101$
C P E n	1 080$	1 080$	1 081$
E. Beiras		1 720$	1 750$
G Elec c	334$	333$	335$
H E A A	163$	163$	164$
H E N P	230$	230$	235$
H E S E		1.550$	1.650$
U E P	190$	190$	192$

Ultramarinas

Ag Cassequel	1 000$	970$	1 000$
Ag Incomati		–	2 600$
Ag S T e P			
Aç Angola	1 100$	1 090$	1 100$
Alg Angola	–		
Ang Agric		550$	600$
Boror	110$	95$	105$
Boror Com			
Buzi		78$	80$
Cabinda		115$	
Com Lobito		650$	
D A T 100	1 900$	1 900$	1 920$
H E Revué			
I do Princ			
Moçambique			
Sonefe n			
Sonefe p	390$	385$	395$
Zambézia		60$	61$

Diversas

Ag Lx. ant	–	500$	540$
Ag Lx 34		430$	460$
Ag. Lx. 36	–	–	–
Cel Guadiana	7.200$	7.150$	–
C. Leiria p	–	–	16.800$
C Tejo p	1.250$	1.250$	1 252$
F. Ramada	–	–	140$
Fornos Elect.	–	4.000$	4.050$
P Celulose	–	4.600$	4.800$
Siderurgia p.	2.800$	–	2.850$
Siderurgia n.	–	–	3.600$
Socel	7.700$	7.650$	7.850$
Cidla	3.000$	3.000$	3.050$
C. U. F.	532$	532$	535$
Intar	1.000$	1.000$	1.010$
Nitratos	985$	980$	990$
Petroquímica	3.540$	3.540$	3.550$
Sacor	–	3.000$	3.050$
Tab. Portugal	–	–	7.400$
Tabaqueira	695$	–	700$
U. F. Azoto	–	240$	250$
Empor	–	–	–
Ind. Aliança	–	–	1.050$
I P. Colón.	–	3.400$	3.420$
Nac. Naveg.	–	1.750$	1.890$
Naveg. (Col.)	–	920$	950$
P. Pesca	930$	920$	940$
Matur	–	–	1.700$
R. Marconi	–	1.160$	1.190$
TAP	580$	570$	580$
Compal	–	–	1.200$
Salvor	–	–	1.300$
Penina	–	–	850$
Grão-Pará	–	–	–
Lisnave	11.500$	11.500$	11.600$

FUNDOS DE INVESTIMENTOS

Atlântico	–	–
F I D E S	–	–

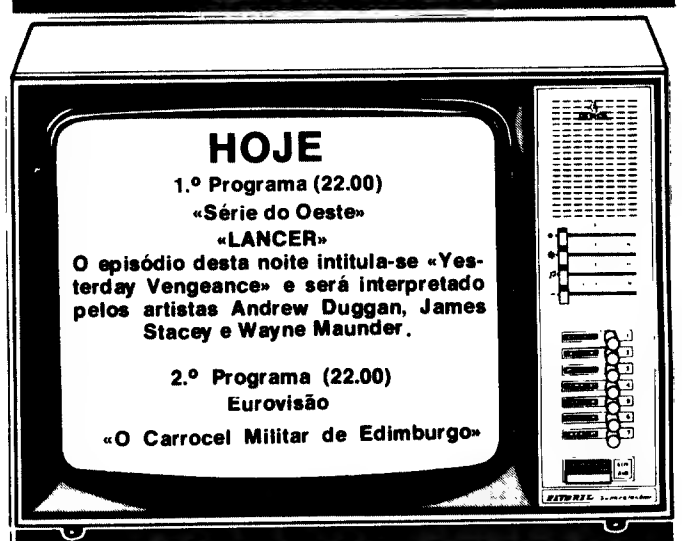
COTAÇÕES

PAÍSES	COMPRAS	VENDAS
Africa do Sul Rands	28$50	31$50
Alemanha Marco	8$25	8$55
América		
Dollars de 1 a 2	26$20	26$90
Dollars de 5 a 20	26$50	27$30
Dollars de 50 a 1000	26$60	27$40
Argentina Peso Novo		
Austria Schiling	1$16	1$21
Bélgica Franco	$59	$62
Brasil Cruzeiro	3$50	4$30
Canadá Dolar	27$00	27$70
Dinamarca Coroa	3$75	4$05
Espanha Peseta	$42,3	$44,3
França Franco	5$35	5$65
Holanda Florim	8$15	8$45
Inglaterra Libra	65$00	67$50
Itália Lira	$043	$0465
Marrocos Dhran	5$00	5$50
Noruega Coroa	3$95	4$25
Suécia Coroa	5$55	5$85
Suiça Franco	7$05	7$30
Ouro		
Inglaterra Libra Isabel	475$00	505$00
Inglaterra 1/2 Libra	385$00	405$00
Ouro fino Barra	56$00	60$00

BANCO DO ALENTEJO

GESTAO DE CARTEIRAS DE TITULOS
TODAS AS OPERACOES BANCARIAS

televisão



SIEMENS ESTORIL
O TELEVISOR DOS JOGOS OLÍMPICOS

HOJE

1.º Programa

1.º Período

12.45 Desenhos animados
13.00 Feminino singular
13.15 «Nanny e o Professor»
13.45 Telejornal — 1ª edição
14.00 Conheça o Portugal desconhecido
14.15 Logo à noite
14.20 Fecho

2.º Período

19.30 Telejornal — 2ª edição
19.45 As grandes batalhas — batalha do deserto
21.00 «Nanny e o Professor»
21.30 Telejornal — 3.ª edição
22.00 «Lancer»
23.00 «Concerto»
23.30 Telejornal — últimas notícias
23.40 Meditação e fecho

2.º Programa

20.30 Desenhos animados
20.45 Vária
21.00 «Nanny e o Porfessor»
21.30 Telejornal — 3.ª edição
22.00 Eurovisão
22.30 O carrocel militar de Edimburgo
23.30 Fecho

AMANHÃ

1.º Programa

12.45 Desenhos animados
13.00 O caso da semana
13.15 «Viver no Campo»
13.45 Telejornal — 1ª edição
14.00 Dó lá si
14.25 Hoje pode ver
14.40 Estúdio sem marcação
15.05 «Daniel Boone»
15.55 As flores e o seu mundo
16.20 Programa feminino
16.45 Teledesporto
17.15 E a vida continua
17.30 Concurso hípico da Penina
19.30 Telejornal — 2.ª edição
19.45 «Woobinda»
20.10 Dimensão
21.00 Se bem me lembro — pelo prof. Vitorino Nemésio
21.30 Telejornal — 3.ª edição
22.00 «Os Caminhos de Noele»
22.30 «Tom Jones Show»
23.30 Telejornal — últimas notícias
23.40 Meditação e fecho

2.º Programa

20.30 Desenhos animados
20.45 O caso da semana
21.00 Viver no Campo
21.30 Telejornal — 3.ª edição
22.00 Sabe o que é o aquário Vasco da Gama
22.40 «Dr. Marcus Welby»
23.35 Fecho

urgência

Emergência	115	Judiciária	53 5380
Bombeiros	32 2222	Intoxicações	76 1176
C.V.P.	66 5342	Aeroporto	71 1397
H. de S José	86 0131	C.R.G.E.	53 7021
H. de S. Maria	73 0231	C. Aguas	36 1361
P.S.P.	36 6141	Combóios	32 622

tempo

HOJE

Situação do tempo

09.00 H

Em Portugal Continental o céu estava geralmente muito nublado e o vento era moderado predominando dos quadrantes do Sul.

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H

PORTO	18º
Penhas dourad.	5º
COIMBRA	16º
PORTALEGRE	12º
LISBOA	16º
FARO	18º

TEMPERATURAS EXTREMAS

Alvalade
Máxima **22,5º**
Penhas da Saúde
Mínima **0º**

TEMPERATURAS NO ESTORIL

Água do mar	16º
Atmosfera	18º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
3.18	**3,9 m**	8.57	**0,7 m**
15.33	**4,2 m**	21.19	**0,6 m**

Dia 23

3 .55	**4,1 m**	9.34	**0,6 m**
16.11	**4,3 m**	21.56	**0,5 m**

Dia 24

4.31	**4,1 m**	10.11	**0,5 m**
16.48	**4,3 m**	22.32	**0,5 m**

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Períodos de céu muito nublado ou encoberto. Vento bonançoso soprando de várias direcções Aguaceiros e possibilidade de trovoada. Melhoria gradual das condições do tempo a partir de amanhã.

AMANHÃ

Nascer às 7,25
Ocaso às 19.33

Dia 23 Dia 29 Dia 7 Dia 15

radio

EMISSORA 1.º Programa

16.05 Melodias do Cinema
16.30 Convívio
18.05 Ao encontro da melodia
18.30 Forças Armadas
19.10 Passatempo musical
19.30 Recordar é Viver, por Maria Natália Bispo
20.20 O guitarrista Wess Montgomery;
20.30 13.º episódio do folhetim A Vida de Um Rapaz Pobre
20.50 O organista Lenny Dee
21.00 Momento 72
21.20 Interludio
21.30 Lingua Portuguesa, pelo dr António Dias Miguel
21.40 Ao sabor da fantasia
21.55 Dia a dia com a Ciência, por Marques da Costa
22.10 Fados, por Adelaide Rodrigues e Carlos Zel
22.30 Noite de Teatro As Alegres Comadres de Windsor, de Shakespeare, numa adaptação do dr Leopoldo de Araujo
23.52 De um dia para o outro, por Fernando Correia
00.45 Escala na madrugada, por Pedro Moutinho

2.º Programa

16.00 Ciclo do barroco italiano obras de Galuppi e Vivaldi.
16.45 Música de vanguarda Fragmentos do bailado Orfeu» (Pierre Henry).
17.05 Solos de cravo — obras de Bach
17.30 O compositor do mês; Haydn
19.00 Musica e musicos portugueses, por Nuno Barreiros
20.20 O violoncelista Paul Tortelier
20.30 Concerto pelo coral de Barcelos, dirigidopelo padre Fernandes da Silva, preenchido com obras de Cândido Lima, colaboração do tenor Fernando Serafim
21.00 Concerto Sinfónico obras de Mozart e Beethoven
21.59 Obras de Dvorak e Richard Strauss
23.00 Emissão em linguas estrangeiras.

Programa Estereofónico

21.00 Música ligeira variada
22.00 Obras de Mussorgsky, Bach e Schumann
23.10 Canções pelo baritono Dietrich Fischer-Dieskau
23.40 Quarteto nº 82, em fá maior, op. 77 nº 2 (Haydn)
00.05 Musica de piano obras de Scarlatti, Prokofieff e Beethoven

RÁDIO CLUBE

Onda média

16.04 Programa CDC
17.00 Noticiario
18.00/21.00 Programa «Movimento» (Realização de Fialho Gouveia)
21.00/24.00 «Quadrante 2-9-0»
21.30 Portugal além da Europa
21.15 Música para meditar
21.32 Impacto
22.00 Noticiário
22.30 Quando o telefone toca
23.08 Rubrica policial do inspector varatojo
23.18 Tempo de fado
23.30 PBX
02.00 A noite é nossa
06.00 Rádio rural
07.00 Talismã

Modulação de frequência

16.04 Programa CDC
17.00 Noticiário
17.57 O nosso programa
19.04 Vértice
21.02 Boa noite em FM
22.02 Programa à Gó-go
00.02 Em órbita-dois
01.02 Banda sonora Sonipol
02.00 Perspectiva
03.00 Fecho

RÁDIO RENASCENÇA

18.00 Musica no coração
18.20 Boletim liturgico
18.30 Terço e benção da Basílica dos Mártires
19.05 A vida é uma coisa maravilhosa
19.25 Leitura do programa e boletim do S C R
19.30 90 minutos de musica popular
20.30 Noticiário
21.00 Meditando
21.03 Programa dos sócios
22.00 Quando o telefone toca
22.30 Pentagrama
22.45 Shegundo Galarza
23.00 A 23ª hora

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA

RÁDIO GRAÇA
6.00 às 10.00 e 14.30 às 17 00

RÁDIO PENINSULAR
10.00 às 12.00 e 19 30 às 22.00

CLUBE RADIOFÓNICO DE PORTUGAL
12.00 às 14.30

RÁDIO VOZ DE LISBOA
17.00 às 19.30 e 22.00 às 2.00

farmácias de serviço

LISBOA

ALCÂNTARA
Vieira Rosa, Rua Prior do Crato, 74 (tel. 660187)

ALFAMA
Pereira Suc Rua do Paraíso, 88-100 (tel. 863224)

ALMIRANTE REIS
Cândido Monteiro Avenida Almirante Reis, 121-B (tel. 45751)

ALTO DO PINA
Ibéria Rua Barão de Sabrosa, 235-A (tel. 728277)

ALVALADE
Sanex Avenida da Igreja, 31-C (tel. 717505); **Rio de Janeiro** Avenida Rio de Janeiro, 4-C (tel. 721409)

AMEIXOEIRA
S. Bartolomeu Vila Paulo Jorge, 1 (às Galinheiras) (tel. 790969)

AREEIRO
Algarve Avenida de Roma, 7-B (tel. 731478)

AVENIDAS NOVAS
Figueiras Avenida Marquês de Tomar, 20 (tel. 44995); **Cruz Nunes** Praça Duque de Saldanha, 14 (tel. 418845); **Novais** Avenida Luís Bivar, 11 (tel. 44324)

BAIRRO ALTO
Pinharanda Rua da Rosa, 94 (tel. 321534)

BAIRRO DA ENCARNAÇÃO
Ascenso Praça do Norte, 11 (tel. 311216)

BAIXA
Lima Amaro Praça da Alegria, 27 (tel. 321149); **Valadas** Rua da Madalena, 235 (tel. 872060); **Cortez** Rua de S.Nicolau, 93 (tel. 325378)

BELÉM
Gomes Rua da Junqueira, 326 (tel. 638193); **Bom Sucesso** Rua Bartolomeu Dias, 63-A (tel. 611454)

BENFICA
Santa Cruz Avenida Gomes Pereira, 34-A (tel. 704828); **Ribeiro** Estrada da Luz 199 (tel. 780969)

CAMINHOS DE FERRO
Conceição Calçada de D.Gastão, 30 (tel. 381279)

CAMPO DE OURIQUE
Pinheiro Rua de Campo de Ourique, 131 (tel. 662838); **Elma** Rua Maria Pia, 358-A (tel. 686176)

CAMPOLIDE
Oliveira Rua de Campolide, 54-A (tel. 684424)

CONDE REDONDO
Salus Rua Luciano Cordeiro, 73 (tel. 42239)

ENTRECAMPOS
S.Miguel Praça Francisco Morais, 1 (tel. 771469)

ESTEFÂNIA
S.Jorge Avenida Rovisco Pais, 32-A e 32-B (tel. 534027)

ESTRELA
Tagus Praceta da Rua Possidónio da Silva, 162-A (tel. 669485); **Rodrigues e Aires** Rua da Lapa, 54 (tel. 662246)

GRAÇA
Branquinho Rua de Sapadores, 87 (tel. 842725)

INTENDENTE:
Intendente, Largo Intendente Pina Manique, 50-51 (tel 47838).

JANELAS VERDES
Pinheiro Rua Presidente Arriaga, 16 (tel. 691054)

LUMIAR:
Central, Rua do Lumiar, 77 (Telef 790480)

MARQUÊS DE POMBAL:
Ribeiro e Castro Lda., Rua Braamcamp, 52-C (Telf 43409)

OLIVAIS:
Antunes Rosas, Praça Cidade do Luso, Lote 199 (Olivais-Sul) (Telef 313610). **Central**, Rua Afferes Barrilaro Ruas, 7-C (Olivais-Norte) (Telef 315539)

S. BENTO:
Confiança, Praça das Flores, 59 (Telef 690401)

S. PAULO:
Africana, R Bernardino Costa, 45 (Telef 369120).

SETE RIOS:
Curie, Avenida Madame Curie, 15-A (Telef 778439)

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Amadora, Praceta 28 de Maio, 3-A (Tel. 935518); **Carmele**, Rua Elias Garcia, Lote 28 (Tel. 933303); **Helénica**, Rua Elias Garcia, 2 (Tel, 933613); **S. Jorge**, Rua Pedro del Negro, 5 Reboleira (Tel. 938703)
DAMAIA
Lemos, Rua Goa, 21A (Tel. 971121)
QUELUZ
Zeller, R. da República, 83 (Tel. 950045); **Correia**, Largo do Mercado, 3 (Tel 950906)
CACÉM
Garcia, Av. dos Missionários, 2 (Tel. 2942181)
MEM MARTINS
Química, Est de Mem Martins, 285 (Tel. 2910012)
S. PEDRO DE SINTRA
Valentim, (Tel. 980456)
SINTRA
Misericórdia, Largo Dr. Gregório de Almeida, 2 (Tel. 980391)
COLARES
Abreja, (Tel. 299088)

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Branco, Av. Combatentes da Grande Guerra, 29 (Tel 212081)
CAXIAS
Nova, Rua Bernardim Ribeiro, 1-A (Tel. 242839)
PAÇO DE ARCOS
Trindade Brás, R. Costa Pinto, 186 (Tel. 2432034)
OEIRAS
Godinho, Rua Cândido dos Reis, 98 (Tel. 2430090)
PAREDE
Aisir, Bairro das Caixas de Previdência, Bloco A (Tel. 2472948)

S. JOÃO DO ESTORIL
S. João, (Tel. 261186)
MONTE ESTORIL
Suiça, Cruzeiro (Tel. 260087)
CASCAIS
Cordeiro, Av. dos Combatentes da Grande Guerra, 40 (Tel. 280170 e 281419); **Nova Farmácia**, Estrada de Alvide-Fontainhas (Tel 281044)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Nunes, L. Coronel Ramos da Costa, 10 (Tel. 234137)
ALHOS VEDROS
Portugal, Av. da Bela Rosa, 8 (Tel. 224250)
ALMADA
Cristo Rei, Av. Cristo Rei, 31-A (Tel. 273498)
BAIXA DA BANHEIRA
Nova Fátima, Estrada Nacional, 221-B (Tel. 224141)
BARREIRO
Piçarra, Av. do Bocage, 65-A (Tel. 2274771)
COVA DA PIEDADE
Cerqueira, P. 5 de Outubro, 18 (Tel. 270254)
MOITA
União Moitense, Av. Dr. Teófilo Braga Tel. 239025)
MONTIJO
Diogo, R. Almirante Cândido dos Reis, 42 (Tel. 239025)
MONTIJO
Diogo, R. Almirante Cândido dos Reis, 42 (Tel. 230032)
SESIMBRA
Lopes, R. Cândido dos Reis, 67 (Tel. 229028)
SETÚBAL
Higiene, R. Frei Agostinho da Cruz (Tel. 22484); **Portugal**, Rua Camilo Castelo Branco, (Tel. 23211)
SEIXAL
Godinho, L. da Igreja, 51 (Tel. 2218580)

PORTO

SUB-TURNO A

Correia de Araújo, Rua de Santa Catarina, 259; **Nova Avenida**, Av. F. de Magalhães, 692; **Pinheiro Manso**, R. S. João de Brito, 25-29; **Santa Teresa**, P. Guilb G. Fernandes, 100; **Silva Pereira**, R. Costa Cabral, 293

SUB-TURNO B

Alves, P. Exército Libertador, 62; **Anacleto de Barros**, R. do Loureiro, 104; **Boa Hora**, Rua da Boa Hora, 80; **Cameira**, Rua do Heroísmo, 90; **Confiança**, Rua de Santa Catarina, 960

COIMBRA

TURNO J

Neves Morgado, Rua da Moeda, 106-108 (Tel. **Rodrigues da Silva**, R. Ferreira Borges, 32 (Tel. 24348); **S. José** Arcos do Jardim, 41 (Tel. 24697).

cinemas

MONUMENTAL (Tel. 555131)
15.15 - 21.30
Grupo D (18 anos) 3.ª semana Portentosa realização de David Lean «DOUTOR JIVAGO»

AVIZ (Tel. 47163)
15.30 - 21.45
Grupo B (10 anos)
Colorscope - 35.ª semana
Há mais de meio ano em exibição
«TRINITÁ» (COW BOY INSOLENTE), com Buel Spencer e Terence Hill

EUROPA (Tel. 661016)
21.30
Grupo D - 18 anos
«PONTO CRÍTICO» com Sidney Poitier
15.15 - últimas «O SEU CÃO E OE LADRÕES»

ROYAL (Tel. 855037)
15.00 e 21.00
«VIAGEM ENTRE MULHERES»
«SOB O SIGNO DA SUSPEITA»

APOLO-70 (Tel. 763319)
15.00 - 18.15 - 21.45
(Grupo D - 18 anos)
Technicolor - Prémio Kalimer O melhor filme estrangeiro de 1970 - 6.ª semana «DJAMILIA» com Natalia Arimbassarova
(ar condicionado)
Hoje às 24.00 - Clássico à Meia-Noite
Grupo D (18 anos)
«BULLIT»
Steve McQueen e Jacqueline Binet.

TIVOLI (Tel. 50595)
15.15 - 21.30
(Grupo A (6 anos) 79.ª Semana
O maior êxito de sempre «MÚSICA NO CORAÇÃO» com Julie Andrews e Christopher Plummer. 70 m/m Technicolor
(Ar condicionado)

SATÉLITE (Tel. 562632)
15.30 - 18.30 - 21.45
(Grupo D-18 anos) 2.ª Semana
Sonia Petrova e Lilian Arden «FOGO SAGRADO» (Feu Sacré)
O filme seleccionado para abrir o Festival de Cannes

MUNDIAL (Tel. 538743)
Encerrado por alguns dias para limpeza

S. JORGE (Tel. 54152/4)
15.00 e 21.30
(Grupo B - 10 anos) 3.ª semana Steve McQueen e Charles Bronson em «A GRANDE EVASÃO»
Só às 18.30 - Grupo A - 6 anos A obra-prima 2.ª Semana «CHARLOT NO CIRCO»

ESTÚDIO 444 (Tel. 779095)
21.45 - Grupo D (18 anos)
Um filme realista «VERÃO 42»
Com Jennifer O'Neill e Gary Grimes

ROMA (Tel. 727778)
15.30 - 21.45
(Grupo D - 18 anos)
«O GATO DAS SETE VIDAS»
Com James Franciscus e Karl Malden

EDEN (Tel. 320768)
Hoje, às 21.45 (Para todos)
«OS ARISTOGATOS»
15.15 - 18.30 «O ÚLTIMO REGIO» (Grupo D - 18 anos)

CONDES (Tel. 322523/326710)
15.15 - 21.15
9.ª Semana - agora para maiores de 14 anos «E TUDO O VENTO LEVOU» com Clark Gable, Vivien Leigh, Leslie Howard e Olivia de Havilland
O filme começa a ser projectado 10 minutos depois do início das sessões

POLITEAMA (Tel. 326305)
15.15 - 18.15 - 21.45
Grupo D (18 anos)
«A CAVE»
HOJE «Ciclo do Terror à Meia-Noite» «O BARÃO DE FRANKENSTEIN» (Grupo D (18 anos)

LONDRES (Tel. 731313)
14.15 - 16.30 - 18.45 - 21.45
(Grupo D - 18 anos) 2.ª Semana
A obra-prima de Milos Forman «O BAILE DOS BOMBEIROS»
Hoje às 00.15 (Grupo D-18 anos)
«A FELICIDADE»

IMPERIAL (Tel. 821933)
15.00 e 21.00
Grupo C (14 anos)
«NOITE DDAS BADALADAS»
«OS MILIONÁRIOS»

BERNA (Tel. 776098)
15.15 - 18.30 - 21.45
Grupo D - 18 anos
«QUATRO MOSCAS DE VELUDO»
Com Michael Brandon -Dinisy Farmer

CASINO ESTORIL
17.00 - 21.30
Grupo C (14 anos)
«O SOLITÁRIO DO RIO GRANDE»
Com Gregory Peck, Pat Quinn

ALVALADE (Tel 717480)
Hoje estreia às 21 45
Grupo A (6 anos)
«O ELEFANTE MORRE AO ANOITECER»
15.15 - últimas
Grupo B (10 anos)
«CIPIÃO, DITO O AFRICANO»

IMPÉRIO (Tel. 55134/5)
15.15 - 21.30
(Grupo D - 18 anos) 2.ª semana
Um filme de Richard Brooks «O ASSALTO»
Com Warren Beatty e Goldie Hawn

VOX (Tel. 720808)
15.15 - 18.30 - 21.45
(Grupo D (18 anos)
«ENCONTRO COM UMA MULHER SÓ», com Candice Bergen e James Caan

ODEON (Tel. 326283)
15.15 - 18.15 - 21.30
(Grupo C - 14 anos)
32.ª Semana de êxito
«NÃO DESEJARÁS O DELICADINHO DO 5.º» com Alfredo Landa, Jean Sorel, Ira de Furstemberg e Isabel Garces.

ESTÚDIO (Tel. 555134/5)
15.30 - 18.30 - 21.45
4.ª semana
Um belo conto de amor e morte. «AMARGA EXPERIÊNCIA» com Catherine Jourdan e Mathieu Carrière.

LYS (Tel. 48560)
15 - 21.00
Maiores de 21 anos
«HELGA» - O SEGREDO DA MATERNIDADE e «A CONDESSA DE HONG-KONG»

outros espectáculos

LISBOA Teatros

GIL VICENTE
22.00 (14 anos)
«Camões-72»

VARIEDADES
21.00 (14 anos)
«A Cama dos Comuns»

VILLARET
21 e 23 (14 anos)
«Sua Excelência o Pendura»

VASCO SANTANA
21.45 (18 anos)
«Testemunho inadmissível»

MONUMENTAL
20.45 e 32 (18 anos)
«Prá Frente Lisboa»

A B C
20.45 e 23.00
«Dura Lex, Sed Lex»

LISBOA/Cinemas

CINEARTE
21.00 (18 anos)
«Klute e a Ilha do Amor»

JARDIM CINEMA
21.00 (14 anos)
«O barão vermelho»

RESTELO
21.30 (21 anos)
«Helga — o segredo da maternidade»

MAYER
21.00 (18 anos)
«Amor louco amor»

OMOTORA
21.00 (18 anos)
«A cidade dos pistoleiros»

OLIMPIA
22.00 (18 anos)
«Valdez» e «Um estranho em casa»

MOSCAVIDE
21.00 (18 anos)
«5 filhas do Diabo» e «Noivado à italiana»

PARIS
21.00 (21 anos)
«Helga — o segredo da maternidade»

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Stadium
21.30 (21 anos)
«Helga O segredo da maternidade»

PAREDE
Royal-cine
21.15 (18 anos)
«O doce corpo do delito»

ESTORIL
Casino
21.30 (14 anos)
«O solitário do Rio Grande»

Palácio
21.30 (10 anos)
«O Cérebro»

Esplanada
21.30 (14 anos)
«Bananas»

CASCAIS
S. José
21.00 (10 anos)
«Os dez mandamentos»

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Recreios Desportivos
21.15 (18 anos)
«Salário de sangue»

SINTRA
Carlos Manuel
21.30 (14 anos)
«Não desejarás o delicadinho do 5.º»

OUTRA BANDA

ALMADA
Incrível
21.15 (18 anos)
«Made in U. S. A.»

TRAFARIA
Pavilhão Jardim
21.15 (14 anos)
«Não desejarás o delicadinho do 5.º»

LARANJEIRO
Instrução e Recreio
21.30 (18 anos)
«Encruzilhada de sentimentos»

PORTO/Teatros

SÁ DA BANDEIRA
21.45 (18 anos)
«Empresta-me o teu apartamento»

PORTO Cinemas

ESTÚDIO
21.30 (14 anos)
«Entre o amor e a morte»

PASSOS MANUEL
21 45 (18 anos)
«Regresso ao Passado»

ÁGUIA DE OURO
21.30 (10 anos)
«Trinitá, cow-boy insolente»

VALE FORMOSO
21.30 (14 anos)
«Homens de Ferro»

OLÍMPIA
21.30 (18 anos)
«Cinco filhos do Diabo»

JÚLIO DINIZ
21.30 (18 anos)
«Cinco filhos do Diabo»

TRINDADE
21.30 (18 anos)
«Casamento por procuração»

CARLOS ALBERTO
21.30 (14 anos)
«O Clane dos homens violentos» e «O Tesouro da Aztecas»

CINEMA DO TERÇO
21.30 (17 anos)
«Viver é o que importa»

S. JOÃO
21.30 (18 anos)
«Curvas na zona»

COLISEU
21.30 (10 anos)
«Fórmula I»

BATALHA
21.30 (18 anos)
«O Pássaro de plumas de cristal»

RIVOLI
21.30 ((«/ ANOS)
«E tudo o vento levou»

COIMBRA

TIVOLI
21.30 (14 anos)
«Não desejarás o Delicadinho do 5.º»

AVENIDA
21 30 - adultos
«A MULHER MAIS BELA»

BARS BOITES — restaurantes típicos — DANCINGS

ADEGA MACHADO Cantam Ivete Pessoa. Esmeralda Amoedo. Tina Ferreira. Fernando Mauricio Fados de Coimbra por Loubet Bravo. Armando Hilário. Tocam Liberto Conde. Rafael Marques e José Vitela Fandangos pelo Grupo Típico de Vila Nova Franca de Xira.

LUSO — Grande elenco de folclore, fado de Lisboa por Augusta Ermida e José Luis Tomar; **fado de Coimbra por Américo Silva. Os ARAUTOS em canções portuguesas e internacionais. Travessa da Queimada, 10. Tel. 362889.**
Aberto todos os dias.

ADEGA MESQUITA
Cantam Fernanda Pinto, Natalina Bizarro Ana Hortense e Alcino de Carvalho Tocam Antonio Luis Gomes e Antonio Proença Danças Regionais por conjunto privativo
Consumo mínimo 60$00 Encerra ao domingo **Rua Diario de Noticias, 107, Telef. 32#307.**

FRAGATA REAL — Elenco: Beatriz da Conceição e Maria Jô - Jô,Joaquim Campos em fado Lisboa, João Queirós em Fado Coimbra, o acompanhamento de António Parreira e Francisco Gonçalves. Folclore os 5 de Vila - Franca. Artistas convidados Ana Rosmaninho e Natália dos Anjos. **Travessa de S. Miguel, 22, — Alfama - Tel. 868552**

CASEBRE — Cantam Carlos Barra, Deolinda Rodrigues, Nazaré Maria e Susana.
Tocam Carvalhinho e Julio Gomes Os Arautos Folclore pelos Cinco Tipicos de Vila Franca de Xira. **Encerra às 2.ªs feiras. Rua da Barroca, 133. Tel. 369760**

VIELA
Rua das Taipas, 14. Tel. 327256
O Restaurante realmente típico onde Sérgio apresenta todas as noites o seu elenco privativo
Encerrado ao domingo

FORCADO
Elenco Mariana Silva, Isabel de Oliveira Francisco Martinho, Maria de Portugal, João Alberto, Manuel Martins, Folclore pelos 5 Tipicos de Vila Franca de Xira. **Ar condicionado. Rua da Rosa, 221 - Telefone 368579.**

SANZALA Dancing. C/M Tho Bandeira. Jantares e ceias até às 5 da manhã. Av. Marechal Carmona, 2 (C. Grande) Telef. 790177.

NINA — Dancing com atracções **Rua Paiva de Andrade, 7 - 13 Tel. 34859/368197**

BICO DOURADO
Boite de nuit, atracções internacionais, das 01 H. e 30 às 03 H. e 30, **R. da Misericórdia, 12 Tel. 368649**

SOLAR DA HERMÍNIA
Herminia Silva, hoje e sempre **Largo Trindade Coelho n.º 10 e 11** Encerra aos domingos **Tel. 320164**

FANTASMA
Dancing-Caveau com variedades — Ballet Leny Dancer's Show todas as noites uma atracção surpresa. Rua Gomes Freire, 145-B. Aberto todos os dias até às 05.00 h.

TOSCO — Dancing com Variedades. **Rua do Conde Redondo 53-A Tel. 531582)**

TAMILA Marão e s/c
nées todos os dias
domingos **Avenida Duq**
le, 69. Telef 534117.

D. QUIXOTE — Com Carlos
Virgilio Neves. Aberto até às
da madrugada. **Rua da Trindade,9 Tel. 327109** Encerra aos domingos

HIPOPOTAMO Com Helder Reis Encerra aos domingos **Av. António Augusto de Aguiar, 5-A Telef 48384.**

TERRAÇO DAS ESTRELAS (HOTEL EMBAIXADOR) Conjunto Oliveri **Av Duque de Loulé, 73. Telef 530171**

CASINO ESTORIL Jogo autorizado Variedades internacionais **Telefones 26451, 264526, 264596, 264621 e 264946.**

CACO — Dancing c/música ambiente com singular quarteto.
Rua Camilo Castelo Branco, 23-A

PRINCIPE NEGRO — Dancing com variedades **Calçada da Glória, 2 Telef. 368987**

DL /ÚLTIMAS DO PAIS E DO ESTRANGEIRO

DL
RENASCENÇA GRAFICA S A R L
PROPRIETARIA DO
DIARIO DE LISBOA
ADMINISTRAÇÃO GERAL
REDACÇÃO E PUBLICIDADE
RUA CASTILHO 185-1 º2,ºE 4 º
TELEF 654531/2 3-4
SERVIÇOS TECNICOS
RUA LUZ SORIANO, 44
RUA DA ROSA, 57
END TEL DIBOA TELEX 1363
LISBOA-PORTUGAL

DEU À LUZ NA AMBULÂNCIA

Esta madrugada, quando era conduzida ao hospital de São João, do Porto, deu à luz um menino, na ambulância dos Bombeiros Voluntários da Areosa, a sr.ª D. Maria da Conceição Teixeira e Silva, de 22 anos, casada, moradora na Travessa da Escola da Bela-Vista 73, em Rio Tinto.

"Jumbos" da TAP
18 MIL CONTOS PARA PUBLICIDADE

Os TAP despenderam 18 mil contos com publicidade na campanha internacional para o lançamento dos seus dois «Boeing 747», e de que se encarregou uma agência internacional, a «Ted Bates».

A celebrar os resultados dessa campanha, reuniram-se num hotel de Lisboa, num «cocktail» oferecido pela referida agência de publicidade, diversas individualidades ligadas aos TAP, à «Ted Bates» e ao «Time Magazine», que nas suas colunas considerou como modelar a campanha desenvolvida.

Usaram da palavra, em primeiro lugar Leonard Birley, vice-presidente da Ted Bates que saudou as personalidades presentes, Mr. Howlett editor do «Time Magazine», o dr. Mendes Barbosa vice-presidente do conselho de administração dos TAP e, finalmente, o presidente para a Europa da «Ted Bates», Armand de Malherbe.

DESCARRILAMENTO NA LINHA DO NORTE

Quando na estação de Esmoriz, ontem, pelas 5 e 25, o comboio de mercadorias n.º 30 467, vindo de Gaia para Lisboa, procedia a manobras, descarrilaram a locomotiva e o furgão, devido a má obediência da agulha. Do acidente resultou terem ficado impedidas as duas vias da linha do Norte, no sentido ascendente e descendente.

Pouco depois chegava ao local o comboio de socorro, procedente de Gondomil, com pessoal especializado, que tratou dos trabalhos de descarrilamento e desobstrução, desimpedindo a linha.

Não houve desastres pessoais, registaram-se apenas avarias ligeiras na locomotiva e no furgão. O trânsito na referida via regularizou-se a partir das 8 e 17.

O MINISTRO SILVA CUNHA VAI A MOÇAMBIQUE

Segue amanhã para Moçambique, em visita de trabalho, ministro do Ultramar, prof. Silva Cunha. Durante a sua estadia naquele Estado o prof. Silva Cunha será acompanhado pelo seu oficial às ordens, comendante Nobre de Carvalho, e pelo inspector superior do Ministério, dr. Alexandre Ribeiro da Cunha.

CONGRESSO ESPANHOL DE BRUXARIA

SAN SEBASTIAN (ESPANHA), 22 — (ANI) — A região basca é há muito famosa pelas suas bruxas, mas esta semana a estância de San Sebastian exibe mais vassouras do que nunca. A vassouras coram os cartazes que foram espalhados por toda a cidade a anunciar a realização do primeiro congresso nacional de bruxaria, que ontem teve início.

Mais de quatrocentos especialistas na matéria, de toda a Espanha, participam no congresso, que consiste em três dias de palestras, projecção de filmes, debates e exibições.

«As palestras são proferidas por académicos e o objectivo do congresso é aprofundar o exame científico da bruxaria em Espanha» — declarou o roganizador, Carlos Blasco, acrescentando:

«O interesse suscitado eplo congresso no estrangeiro foi tal que já recebemos numerosas cartas, telegradas e telefonemas da Europa, da Ásia e da América do Sul. No próximo ano, o congresso será internacional».

O ponto culminante dos três dias devia ser uma missa negra que seria celebrada no sábado em Zugarramurdi (Navarra) num local chamado «o campo do bode».

«O obde è um símbolo da bruxaria e aquele local da Navarra é famoso desde o século XVI, pois foi lá que convergiram bruxas de toda a Europa para celebrar o seu «sabbath» — explicou Blasco. «Estas celebrações ocasionaram uma feros perseguição das bruxas durante a Inquisição espanhola e os famosos julgamentos de bruxas em Boerdéus».

No princípio da semana, contudo, o Governo espanhol proibiu a realização da missa negra. Assim, os especialistas terão de se encontrar com um almoço de despedida , cuja ementa é a seguinte: sopa de bode, pernas de sapo, puré de salsichas e alho, bode estufado com ervas mágicas, queijo de leite de cabra, maçãs assadas «na vassoura» regadas com vinho de bruxas.

Durante o almoço actua um grupo folcólico «Os Tempunos», que tem conservado viva a tradição local de se exibir numa dança rotineira, em certos sábados, para comemorar os julgamentos de Bordéus.

«Não é por acaso que o congresso começa numa quinta-feira e termina num sábado» — declarou um dos delegados, «estes dois dias, juntamente com a segunda-feira, são dias tradicionais de bruxaria».

O Ministério das Belas Artes empretou ao congresso uma série de desenhos de Francisco Goya sobre bruxaria.

«A prática da bruxaria, em toda a sua complexidade, ultrapassa todas as explicações que até agora foram fornecidas» — declarou Júlio Caro Baroja, um dos mais conhecidos oradores do congresso.

CIDÁLIA MEIRELLES EM ESTADO GRAVE

Vítima de embolia cerebral, encontra-se no Hospital de S. Maria, em estado grave, a conhecida artista Cidália de Meirelles, agora produtora do programa «Tribuna dos Artistas» na rede de modulação de Frequência de Rádio Clube Português.

Depois de muitos anos no Brasil, para onde foi na companhia de suas irmãs Rosário e Milita, tendo conquistado assinado êxito, Cidália regressou a Portugal tendo-se dedicado à defesa da música portuguesa, tanto na rádio como na televisão.

NÃO EXISTE PESTE AVIÁRIA NO NORTE

Com mais ou menos intensidade, em alguns concelhos do distrito do Porto, têm-se registado ùltimamente alguns casos pseudo peste aviária. Isto, sobretudo, em capoeiras de particulares, pois muitos dos seus proprietários continuam renitentes quanto à vacina.

Tal não se tem verificado, porém, nos aviários, dadas as medidas profiláticas seguidas em tais explorações avícolas.

COMPANHIAS REUNIDAS GÁS E ELECTRICIDADE
Aviso aos consumidores

Trabalhos inadiáveis para a boa conservação das redes obrigam-nos a interromper, durante algumas horas, o fornecimento de energia eléctrica no próximo domingo, nos seguintes Sectores e Zonas:

1.º — Sector — **Concelho de Lisboa:** Trav.ª da Saúde, 36 a 40 e Lar dos Pescadores, Rua Praia do Bom Sucesso, 30 a 48 e 23 a 31, Beco da Ré, 2 a 20 e 1 a 11, L.º da Princesa 1 a 3-B (Das 8 às 12 horas).

1.º — Sector — Rua Artur Lamas 1 a 39 e 2 a 42, Trav.ª Artur Lamas (toda). (das 8 às 12 horas).

3.º — Sector — Av. 24 de Julho, de 122 a 130 (das 8 às 12 horas).

4.º — Sector — Av.ª do Uruguay, de Lote 10 a 29, Rua Dr. Pereira Bernardes (toda). (Das 8 às 12 horas).

10.º — Sector — Bairro do Padre Cruz (todo). (Das 8 às 12 horas).

10.º — Sentor — Estrada da Pontinha (toda). (Das 8 às 12 horas).

10.º — Sector — Paiois do Vale do Forno e imediações. (Das 8 às 12 horas).

4.º — Sector — Rua Professor Reinaldo dos Santos (parte), Rua B à Rua Professor Reinaldo dos Santos e imediações. (Das 8 às 12 horas).

1.ª — Zona — **Concelho de Oeiras:** Damaia c/excepção do Bairro Novo (Damaia de Baixo) a Norte do Caminho de Ferro. (Das 8 às 14 horas).

2.ª — Zona — **AMADORA:** Rua Elias Garcia, da Fábrica das Gabardinas até à Rua Alexandre Herculano, Rua Alexandre Herculano, Rua Antero do Quental e imediações. (Das 8 às 14 horas).

3.ª — Zona — **Concelho de Sintra. AGUALVA:** Praceta das Glicínias, Rua Mário Lobo, Rua Ponte Nova, Praceta Visconde de Asseca, Rua Eduardo Frutuoso Gaio, Praceta Capitão Américo Santos, Rua Eng.º Carlos Santos, Rua Joaquim Fontes, Praceta Dr. Moreira Baptista, Rua António Nunes Sequeira, Rua Pedro Alvares Cabral, Rua Vasco da Gama, Rua Bartolomeu Dias, Rua Dr. Magalhães de Lima, Rua Sacadura Cabral, Rua Dr. Alberto Ferraz e imediações (Das 8 às 14 horas).

4.ª — Zona — **MEM-MARTINS:** Av. Chaby Pinheiro, Rua Malva-Rosa, Rua dos Lírios, Rua Madressilva, Av.ª Almirante Gago Coutinho (parte), Bairro de Ouressa (parte) e imediações. (Das 8 às 12 horas).

5.ª — Zona — **ALGUEIRÃO:** Algueirão Velho, Est.ª do Algueirão e imediações. (Das 8 às 14 horas).

6.ª — Zona — **LINHÓ:** Ribeira da Penha Longa. (Das 8 às 14 horas).

7.ª — Zona — **Concelho de Cascais: REBELVA:** Est.ª da Rebelva desde EN 6-5 até ao cruzamento c/a Est.ª de Rana, Est.ª para Rana, Rua do Lagoal, Est.ª da Alagoa, Quinta do Lameiro (B.º Sinia em parte), B.º da Quinta de S. João (Antiga Quinta das Vacas), B.º do Cantinho de S. João e imediações destes locais. (Das 8 às 14). H

8.ª — Zona — **CARCAVELOS:** Bairro dos Lombos (Norte). (Das 8 às 14 horas).

9.ª — Zona — **MURTAL:** L.º Jaime Pereira Roque, L.º João dos Santos, Av.ª Almirante João A. Coutinho, Av.ª Infante D. Henrique, Rua Coronel Garcêz Lencastre, Rua Serpa Pinto, Rua General Norton de Matos, Rua Hermenegildo Capelo, Rua António Sêco, Rua Claudio Lagrange, Rua de Goa, Rua Damão, Cd.ª Padre António Borba, Trav.ª Senhora da Saúde e imediações. (Das 8 às 14 horas).

10.ª — Zona — **Concelho de Mafra:** Casais do Forno, Charneca do Milharado e imediações. (Das 6 às 15 horas).

Grupo A-maiores 6 anos

CAMPO PEQUENO
Domingo 24 de Setembro às 21 30 horas

CORRIDA DE LUXO DE GALA À ANTIGA PORTUGUESA
a favor da Liga dos Combatentes
a que assiste o Sr. Presidente da República

CAVALEIROS
MESTRE BAPTISTA
MALDONADO CORTES
FERNANDO SALGUEIRO
GUSTAVO ZENKL
SOMMER DE ANDRADE
amador EMÍDIO PINTO

FORCADOS AMADORES DE MONTEMOR E RIBATEJO

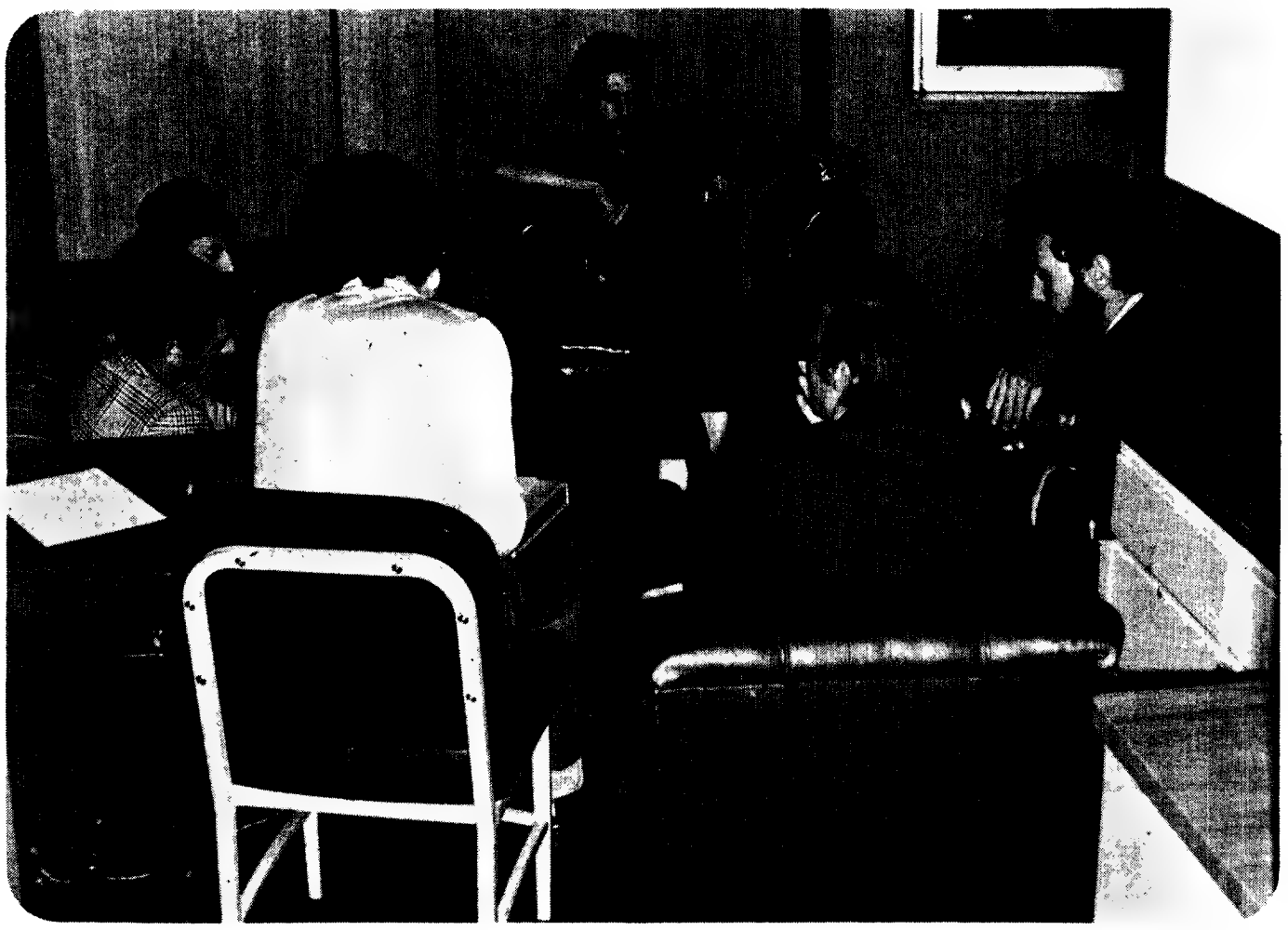
6 TOIROS DE ANTÓNIO JOSÉ TEIXEIRA 6

PAX — AINDA NÃO SABE?

TEATRO VASCO SANTANA
Tel. 768609 HOJE Às 21.45
TESTEMUNHO INADMISSÍVEL
DE
JONH OSBORNE
António Montez, Francisco Nicholson, Benjamim Falcão, Catarina Avelar, Ermelinda Duarte, Helena Félix, Ana Paula, Lídia Franco
Grupo D — 18 anos

COOPERATIVAS DE ENSINO:

UMA EXPERIÊNCIA A MANTER



Ao longo dos seus cinco ou pouco mais anos de existência, as cooperativas de ensino e difusão cultural já acumularam uma experiência no campo do ensino que, mercê de uma permanente revisão de métodos, participação activa dos alunos, instauração de um sistema de relações horizontais, resulta inteiramente inédita e constitui uma importante reserva de caracter pedagógico que, no momento actual, constituiria um alto prejuizo desperdiçar ou esquecer. O balanço dessa experiência, as dificuldades surgidas ao longo destes anos, as possibilidades do ensino ministrado nas cooperativas, as diferenças entre esse mesmo ensino e o ensino oficial, as dificuldades actuais, nomeadamente as que possam ter surgido após a promulgação do Decreto 520/71, são os temas tratados nesta Mesa Redonda. Participaram: Lidia Sequeira Carneiro, da cooperativa Vis; Fernando Guerreiro, da cooperativa Proelium; Eduardo Baptista, da cooperativa Eudoxio; António Pinto Basto, do Centro Cultural de Cascais e Fernando Sequeira, da cooperativa Eudoxio. Foi moderador o jornalista Cesário Borga.

MESA REDONDA COM COOPERATIVISTAS

mesa redonda

D.L. — **De uma maneira geral sabe-se muito pouco da actividade das cooperativas no campo do ensino. No entanto, após alguns anos de prática, é possível que já haja muito que contar. Se concordam iniciaríamos esta M. R., pela definição dos objectivos e das características do ensino ministrado nas cooperativas e de outras colectividades como é o caso do Centro Cultural de Cascais, aqui representado.**

LIDIA SEQUEIRA CARNEIRO — (VIS) Parece-me importante acentuar que embora cada uma das colectividades, aqui representadas, tenha características particulares, elas visam, no conjunto, objectivos gerais que, penso, interessa apontar. Esses objectivos seriam: a satisfação de carências básicas e, no caso específico da cooperativa Vis, do Centro Cultural de Cascais e da Proelium, agravadas pela inexistência de um ensino oficial local. A primeira atitude das cooperativas é, portanto, ir ao encontro destas carências: inexistência de um ensino que esteja adequado para adultos, quer a nível oficial quer a nível particular, pois normalmente procede-se a uma adaptação mecânica de um ensino concebido para crianças e ministrado a adultos.

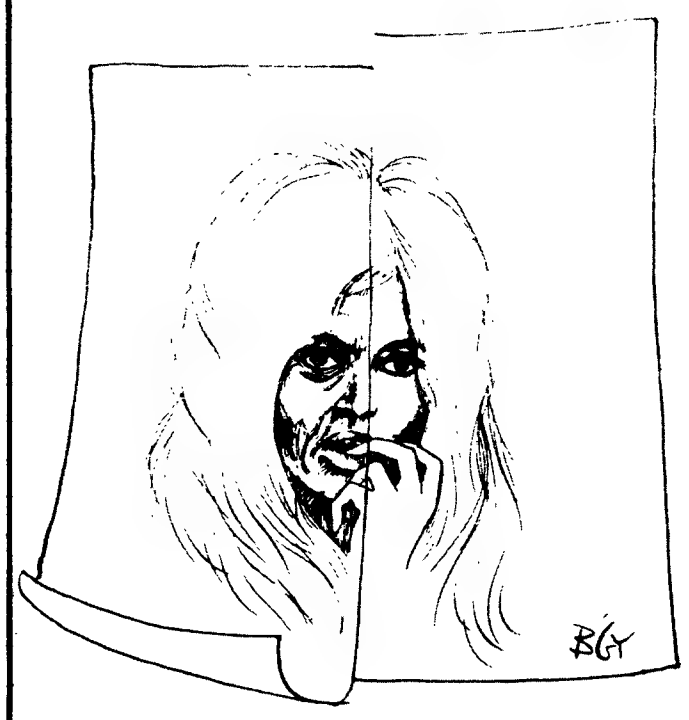
Outro objectivo é conseguir que o ensino atinja um número cada vez mais vasto de pessoas, com a intenção de as pôr a raciocinar e a autodirigirem-se, resolvendo problemas concretos sem haver uma formulação antecipada de solução.

Especificamente na Vis fazemos ensino para o primeiro ciclo. Desejávamos alargá-lo à quarta classe, e ao segundo ciclo, tal como faz o C.C.C., mas não temos instalações para isso. Tentámos o ano passado e espero que possamos continuar a tentar este ano, uma coordenação de esforços com a Proelium. Nós forneceríamos o primeiro ciclo e a Proelium completaria esse programa com o segundo ciclo. O ensino estaria aberto aos sócios das duas colectividades.

No que se refere à estruturação desse ensino naturalmente que experimentámos determinados meios para atingir os fins enunciados. Na Vis criámos uma comissão de alunos que

Continua na página seis

Psiquiatria, psicologia, doenças mentais e saúde mental



Os problemas suscitados pela saúde mental e pelas práticas instituídas entre nós no tratamento das doenças psíquicas foram debatidos ao longo de duas Mesas-Redondas (25 de Agosto e 1 de Setembro) por um psicanalista, um psiquiatra e um psicólogo. Atendendo à importância e incidências do tema, pela primeira vez debatido perante o grande público, Mesa-Redonda desde logo se prontificou a acolher a reacção dos leitores e de outros especialistas. O psiquiatra e psicólogo Orlindo Gouveia Pereira enviou-nos a sua reflexão em resposta ao debate então iniciado.

A Mesa-Redonda sobre as Doenças Mentais, que o Diário de Lisboa muito oportunamente publicou, sugere-me os seguintes comentários, uma vez que se afirmou: «Tudo permanece em aberto e por isso não deixaria de ter interesse que reacções de leitores e outros especialistas se fizessem sentir».

Porcurarei ser o mais breve possível, visando os pontos que me pareceram ter sido menos esclarecidos pelos componentes da Mesa-Redonda. Estas considerações são para o público. Ele tem o direito de saber de que modo os serviços psiquiátricos que existem no País o podem ajudar. Igualmente, é de todo o interesse que o público se aperceba da grave situação de carência em que nos encontramos no que respeita à quase inexistência de serviços de psicologia em Portugal.

Qual a diferença entre psicologia e psiquiatria, entre psicólogos e psiquiatras? Eis um ponto que me pareceu pouco claro na Mesa-Redonda.

PSIQUIATRAS, PSICÓLOGOS, PSICANALISTAS E OUTROS MAIS...

Não deixa de ser surpreendente que os componentes da Mesa, não tenham mostrado acordo, mormente no que respeita à maneira como disseram encarar o estatuto uns dos outros.

Podemos pensar, que à semelhança do que já se verificou noutros países mais avançados neste campo, este desentendimento entre especialistas revela tensões profissionais de vária ordem. Por ser psiquiatra e psicólogo julgo-me em posição de tratar este ponto sem qualquer tendencisidade partidária.

Uma das diferenças fundamentais entre psicólogos e psiquiatras reside na formação independente de uns e de outros. Os **psiquiatras** estudaram Medicina e especializaram-se em psiquiatria. Pelo contrário, os **psicólogos** estudaram Psicologia, um curso que nada tem a ver com o curso de Medicina (ou com qualquer outro curso quer de Filosofia, quer de Letras).

Como os leitores sabem — o Diário de Lisboa tem insistido neste ponto — não existe ainda em Portugal ensino superior de Psicologia, oficial ou oficializado. As minhas considerações têm como base o que se passa noutros países e mormente nos Estados Unidos da América, o local onde a psicologia se encontra mais desenvolvida (e o que eu conheço melhor). Note-se que na

Continua na pág. oito

assim vai o mundo

REFUGIADOS

Após os recentes acontecimentos, que ensanguentaram o Burundi, milhares de pessoas abandonaram o país para escaparem às consequências da revolta. Também à diocese de Uvira, no Zaire, separada do Burundi apenas por um rio e pelo lago Tanganica, chegaram muitos prófugos de todas as idades e condições. As populações africanas estão preparadas, por tradição para receber os prófugos, os quais fàcilmente se integram nas famílias e nos clãs e nas tribos. Mas em casos especiais, como o presente, não conseguem, evidentemente, absorver tão elevado número de pessoas. Por isso, as autoridades civis do Zaire, com a colaboração das missões católicas, estão a levar a cabo operações de socorro aos refugiados. O maior número destes chegaram através do Tanganica, após uma travessia quase sempre dramática. Até agora contam-se já cerca de 20.000 pessoas A primeira tarefa da assistência foi a de prestar auxílio aos doentes e às crianças. Um grupo de missionários xaverianos prestou socorro urgente a 1400 doentes e a alguns milhares de crianças, muitas das quais, infelizmente, não conseguirão sobreviver às privações a que tiveram de se sujeitar fugindo da sua pátria. Foram também distribuídas algumas toneladas de víveres nos vários centros de refugiados. Entretanto, os Organismos Internacionais de Assistência, desde o Alto Comissariado da O.N.U. para os refugiados até ao «Catholic Relief Service» dos Estados Unidos e à «Caritas Internacional» enviaram os seus representantes com os meios adequados à situação.

ISRAEL

Depois de Munique e das «retaliações» o problema do Médio Oriente vai, mais uma vez, arrastar-se na Assembleia da ONU. Arrastar-se porque o Governo de Tel-Aviv não irá submeter-se às decisões que eventualmente sejam adoptadas, a menos que elas lhe sejam escandalosamente favoráveis. Desde 1967 que Tel-Aviv se recusa a obedecer às decisões da ONU sobre a questão. Para isso tem sempre beneficiado do apio dos Estados Unidos. Desenho, sem legenda, de Perich publicado na «Vanguarda Española».

NAVIOS

Segundo anunciou a revista «Newsweek», a China Popular parece disposta a comprar 50 navios mistos, de carga e passageiros, a estaleiros japoneses. Os navios, com tonelagens entre 3.000 e 14.000 toneladas de deslocação seriam fornecidas contra dinheiro. Os estaleiros Hitachi já assinaram contratos para a venda de três navios, mas — diz a revista — espera-se que esse número seja consideràvelmente aumentado. Não admira que o sr. Kakuei Tanaka tenha o maior interesse em visitar Pequim. A China é um país enormíssimo onde os grandes industriais ocidentais (não apenas os japoneses) têm todo o terreno a desbravar. O Japão marca pontos por se ter adiantado.

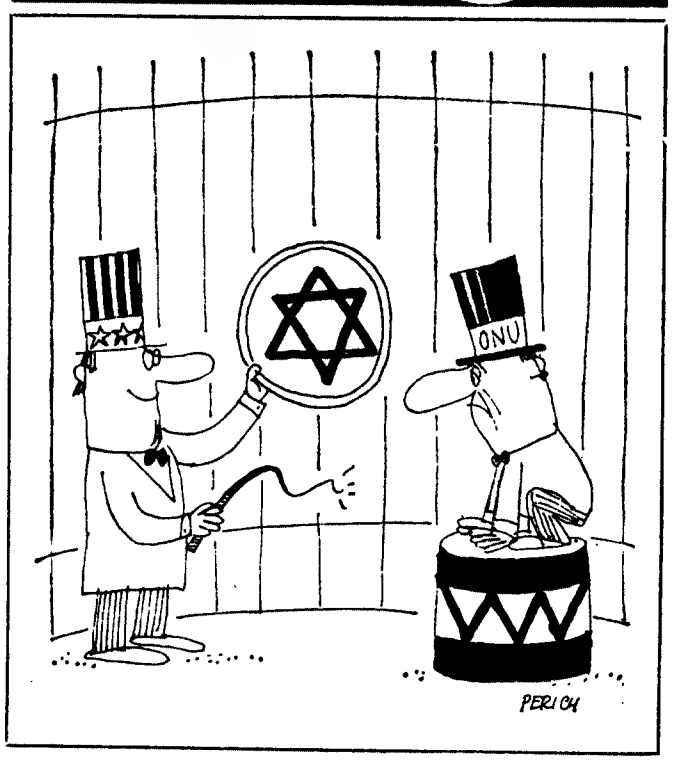
AMADORISMO

Mark Spitz, uma das grandes sensações dos Jogos Olímpicos de Munique ao ganhar sete medalhas de ouro em sete possíveis, estabelecendo outros tantos recordes do mundo, assinou já um contrato com uma firma de agentes dos espectaculos. A firma tratará de explorar o potencial do nadador da selva do «show biz». Há quem diga que os jogos são para amadores. Trata-se de uma afirmação cuja veracidade é posta em dúvida por muita e honesta gente. De qualquer forma, para alguns o amadorismo é um excelente empate de capital, a julgar pelos cinco milhões de dólares (para mais) que Spitz pensa ganhar com a assinatura que vemos firmar.

PETRÓLEO

Diversas companhias petrolíferas japonesas passaram ao ataque no Peru, agora que o caminho se encontra mais desimpedido devido às nacionalizações de algumas grandes companhias americanas. Pela mão da empresa estatal japonesa Petroleum Development Corporation, as companhias entraram já em negociações com a Petroperu, o organismo oficial do país dos Andes para obterem autorização para explorar e prospectar no sul do território, onde se pensa existirem os maiores jazigos de ouro negro ainda pir explorar. O Governo nacionalista de Lima parece preferir o capital nipónico ao americano. Fortes razões terão para isso.

LOS TRES PIES DEL GATO — POR PERICH



assim vamos nós

PORTARIA

Por portaria do Secretário Provincial do Trabalho, dr. Teixeira Marques, foi nomeado Presidente da Direcção do Sindicato Nacional dos Empregados do Comércio e da Indústria de Angola o dr. Alvaro Manuel Ricardo Nunes. O novo presidente ocupará o cargo durante o próximo triénio.

MUTILADOS

Após uma proposta feita pela Comissão de Integração dos Mutilados de Guerra, os Serviços Municipalizados de Viação desta cidade aprovaram o regulamento que se destina à concessão de tarifas reduzidas a todos os mutilados de guerra que viagem nos autocarros daqueles Serviços. O regualmento, que foi redigido com base em informações prestadas pelo Comando Territorial do Sul, vai ser agora enviado à Câmara Municipal para aprovação.

BETHLEHEM

Com o capital inicial de dez mil contos, foi constituída uma sociedade formada pela Companhia Mineira do Lobito, Companhia de Urânio de Moçambique e Bethlehem Steel Corporation, para pesquisa de minérios em regime de exclusivo, incluindo fluorites, numa determinada área de Moçambique. Por notificação prévia a fazer à sociedade até 30 de Junho de cada ano, e sem prejuízo dos compromissos por ela já assumidos, Moçambique terá prioridade na compra de quaisquer minérios retirados dos jazigos da concessão, até 50 por cento, ao preço das cotações que na altura estejam a ser praticadas. Moçambique receberá ainda um imposto de 50 por cento sobre o lucro líquido anual da nova empresa, que ficará obrigada a contribuir anualmente e a partir da assinatura do contrato, com 600 contos que revertem a favor do Fundo de Fomento Mineiro Ultramarino.

MENINGITE

A propósito de um surto de meningite epidémica detectado em fins de Agosto em montepuez, a Direcção dos Serviços de Saúde de Moçambique distribuiu a seguinte informação:

«Como já foi noticiado houve em fins de Agosto um surto de meningite meningococica ou epidémica em Montepuez (Mesa), Cabo Delgado, verificando-se numa semana 38 casos e nas semanas seguintes 8 casos em cada uma, tendo havido nestes 54 casos um óbito. Os grupos etários mais atingidos foram dos seis aos dez anos e dos 11 aos 15 anos.

«As autoridades sanitárias locais e do distrito actuaram imediatamente e o surto está quase pràticamente debelado. As autoridades administrativas locais, como sempre, colaboraram com os Serviços de Saúde, contribuindo assim para um melhor isolamento dos doentes, e a Diocese de Porto Amélia pôs à disposição dos Serviços de Saúde todas as instalações do seu posto sanitário da Missão de S. Luis, que serviu de centro de todas as medidas sanitárias que ali foram tomadas. Nesta formação religiosa actuou uma enfermeira da missão e 2 auxiliares de enfermagem, além de uma equipa móvel que diàriamente percorreu e percorre as povoações e que é constituída por um enfermeiro e um motorista.

«As medidas sanitárias tomadas estão sendo supervisionadas pela chefia distrital de saúde de Cabo Delgado, que aliás de início se deslocou ao local, acompanhada do Governador do Distrito.

«Foi também estabelecido um cordão sanitário para impedir a disseminação da doença e as escolas locias estão fechadas e impedidas de abrir até completa extinção do surto epidémico.

«A meningite meningocócica está a ser muito frequente em África e como se verifica são os grupos etários jovens os mais susceptíveis.

«Não há por ora um método de imunização de eficiência comprovada, porém, o apareceimento da terapêutica sulfamídica fez baixar bastante o índice de letalidade e até de morbilidade graças à quimioprofilaxia dos contactos.

«A estatística dos Serviços de Saúde e Assistência tem registado sempre casos esporádicos de meningite epidémica, e os maiores números foram registados nos anos anos de 1968/69 e 1970. A letalidade com terapêuticas modernas não ultrapassa os 5 por cento».

AÇÚCAR

A empresa «Sena Sugar Estates» com plantações de cana sacarina do Luabo e em Marromeu pretende aumentar a capacidade de produção das suas fábricas nas referidas localidades que é actualmente de 170 mil toneladas para a primeira e de 80 mil para a segunda, para, respectivamente, 250 mil e 150 mil. Para tanto vai aquela empresa modificar, por ampliação, os seus equipamentos produtivos. Este aumento de capacidade já foi requerido, tendo sido posto a reclamação até 8 de Setembro, próximo, no «Boletim Nacional de Condicionamento Industrial.

URBANIZAÇÃO

Do «Jornal Português de Economia e Finanças».

Uma das características peculiares da vida urbana é a constante abertura de valas e covas para a colocação de tubos, canos e cabos. Coisa que, aliás, não acontece sòmente entre nós. O problema, embora o facto pareça paradoxal, tem uma frequência e importância inversas da complexidade das instalações subterrâneas (...).

Entre nós preferiu-se enterrar os cabos e os canos. Mas o pior mal, como bem se sabe, não está na abertura das valas e das covas, mas sim no facto de ela se fazer sem qualquer mas sim o facto de ela se fazer espécie de coordenação entre os vários serviços. Outrora, era de norma que, de tempos a tempos, se fizessem sondagens nas ruas para verificar se havia fugas nos canos de gás. Em regra as perfurações conduziam ao rebentamento de canos de água. E quando estes começavam a ser reparados, os canos de esgoto, que estavam velhos e podres, ou se quebravam ou se desfaziam. Era aborrecido e incómodo, mas pelo menos havia uma sequência de operações, involuntária mas infalível, e muita gente encontrava trabalho nestas escavações e operações. Hoje que, a reconstrução de um pavimento, as mais das vezes, não se limita já a desmontar e tornar a montar uns tantos paralelepípedos, seria de esperar que os cuidados fossem maiores. Mas infelizmente não é assim.

Quanto custam à economia nacional as perdas de tempo e os prejuízos, directos ou indirectos, causados pelas obras que se repetem e tornam a repetir sem qualquer coordenação ou sucessão lógica? Quanto custam as sucessivas reconstruções dos pavimentos, todas elas produzindo irregularidades que reduzem a duração de pneus e amortecedores? (...).

Perto de Lisboa — na outra margem do Tejo — houve uma entidade que teve o cuidado de aguardar que todas as valas e covas fossem abertas antes de se proceder aos trabalhos finais de uma nova e importante artéria. Tratava-se de uma iniciativa particular em que o objectivo em vista era mostrar que a boa vontade consegue operar milagres.

Mas o milagre não surgiu. Quando deviam começar a executar a parte das obras que lhe competia, os T.L.P. informaram «estar desinteressados», pois que antes de 1975 não poderiam proceder a qualquer instalação. A artéria foi pavimentada para ser destruída dentro de três anos!

ASSEGURADO SHARVEN FRANCE BOM RENDIMENTO E ASSEGURADO SHARVEN FRANCE POSSIBILIDADES DE INVESTIMENTO LIMITADAS SHARVEN FRANCE OPTIMO RENDIMENTO PARA PEQUENO INVESTIMENTO

ÓPTIMO RENDIMENTO
PARA PEQUENO INVESTIMENTO NA

SHARVEN-FRANCE

Campo Grande, 1-D, 2.º, Esq. — LISBOA-5

Participe nos benefícios
dos melhores Hotéis, Restaurantes,
Cinemas, Teatros, Gares,
Aeroportos, Casinos, etc.

Se tem **20 000$00** ou mais escreva-nos.

Rendimento assegurado.

CUPÃO A ENVIAR COLADO NUM POSTAL

Queiram enviar-me informações detalhadas sem compromisso DL

Nome

Morada Telefone:

PÕE OS SEUS FILHOS NA CRECHE?

ao acaso da rua

. Ninguém vai afirmar que o problema fulcral em Portugal consiste em saber se as crianças devem, logo que nascem, ir para as creches conviver com os outros bebés, ou se pelo contrário uma boa educação exige antes o contacto dos país, e nomeadamente da mãe, em meio familiar.

Sabendo como se sabe que a educação é um reflexo da cultura dominante e de outras componentes sociais como sejam as estruturas económico-políticas, haverá no entanto que nos integrarmos também sobre o processo da socialização das crianças e ver das vantagens e desvantagens da existência generalizada de creches. A questão é esta: as creches são um mal a que estão condenados os filhos dos operários ou são um meio ideal de educação que permite às crianças libertarem-se dos esquemas conservadores e neurotizantes da família tradicional aqui do ocidente?

. Um psiquiatra, o dr. Afonso de Albuquerque afirmava o mês passado a Mesa-Redonda: «a criança deveria ir para uma creche logo desde o segundo ou terceiro mês de vida, o que traria reflexos numa maior emacipação da mãe e numa menor carga emocional negativa a qual geralmente é o produto de uma família fechada em que a mulher desempenha só o papel de «mãe galinha» hiperprotectora, frígida e castradora.»

. Dado o conteúdo polémico e a importância que tais afirmações revestem numa sociedade puritana como é a portuguesa, «AO ACASO NA RUA» foi esta semana inquirir os transeuntes acerca dos motivos que levam, ou não levam, os pais a entregar os seus filhos às creches. «AO ACASO NA RUA» procuro ainda saber qual o apelo do Estado na criação de creches infantis por esse país fora.

Evidentemente que quando se faz uma amostragem por mais simples que ela seja, se procura sempre demonstrar a exactidão de uma hipótese antes formulada. A hipótese posta era a de que em meios operários e jovens a creche seria vista como uma necessidade mas nem sempre como um factor positivo, em meios onde dominasse a mentalidade burguesa e de classe média fortemente influenciada pela religião, registar-se-ia uma oposição clara para com as creches e outras instituições que «separam» os filhos das respectivas famílias. A amostra que se segue nada demonstra mas documenta:

. Começamos por um jovem de 23 anos, José Alberto Gil, que se declarou compositor de ópera e que nos disse:

. Acho que as creches são uma saudável invenção de utilidade pública, uma vez que vêm resolver de uma vez para sempre os problemas e chatices que se põem no contacto diário entre pais e filhos. Por isso se há alguém que pode tomar a peito e suportar esses encargos, sem que sejam os pais cuja única e agradável missão no mundo seria fazê-los nascer, porque não entregá-los a uma creche?

. Pessoalmente todas as manhãs levo os meus filhos a uma creche que fica perto de casa e só tenho pena de ter de os ir buscar à tarde. E isto logo que foram desmamados.

Por sua vez a professora Maria Rosa Pedro Silva, mãe de três filhos e de 42 anos de idade, afirmou:

. Nunca pus os meus filhos numa creche, primeiro porque no local onde morava quando eles nasceram não havia creches e depois porque tive a possibilidade de os deixar com a minha mãe.

Penso que nos primeiros meses a mãe é insubstituível e a necessidade de creches aparece-me como recurso para as mães que trabalham. A idade ideal para sairem de casa é a dos 2-3 anos, a partir daí devem frequentar jardins-escolas ou colégios. Isto a meu ver.

Entre uma avó que não sabe tomar conta de um neto ou seja antiquada e uma creche bem apetrechada, acho melhor a creche. Mas sabe, há muito poucas creches, a maior parte das mães deixam os filhos nas amas, que como é de ver, não reúnem condições de competência e formação para vigiarem e orientarem as crianças. Deveriam ser criadas mais creches seja pelo Estado, seja pelas fábricas, seja por particulares. O que é necessário é que elas apareçam nos meios fabris, e que sejam feitas com os cuidados que a educação das crianças exige.

Conversámos depois com a mãe de Maria Rosa e que como avó ficou com os seus filhos durante o tempo em que ela ía trabalhar. Disse-nos a senhora Maria do Rosário Mendes, de os seus 65 anos e doméstica.

No meu pensamento as crianças indo para as creches de pequeninos talvez percam a intimidade da mãe, visto que é em pequenino que se começa a sentir o amor da mãe. As crianças a partir dos 3 anos já têm amor à mãe, saem e quando voltam à noite vão sempre encontrar o ambiente que tinham adquirido antes; outra maneira nem sequer se habituam ao ambiente familiar.

Os filhos da minha filha desde pequeninos que têm ficado comigo e eu penso que o amor de uma avó é também um amor maternal e por isso faz crescer no coração da criança o amor à mãe da mesma maneira. Actualmente porque não há contacto entre pais e filhos, estes passam a ligar aos pais só a poder de promessas: «se passares de ano dou-te uma bicicleta»... é uma vida à força de conquistas e não é um amor sentido.

Falámos depois com Salvador Franco de 39 anos e motorista da Carris.

Nunca pus os meus filhos na creche porque uma vizinha ficava-me com eles: Hoje em dia as mães precije em dia as mães precisam de ajudar os chefes de famílias, mas se as mães pudessem ficar em casa a tomar conta deles isso seria o ideal.

Mas se o pai é nervoso ou não tem um certo nível de educação, se há discussões em casa, se a criança é filho único e amimalhado portanto, o melhor ainda é a creche. Nós precisamos de viver uns com os outros, precisamos de mais colectivismo. Sei que estão a fechar creches e não está bem, deviam era aumentá-las, principalmente nas empresas onde trabalha pessoal feminino, como ali em Cabo Ruivo. As mães ficavam mais perto dos filhos.

Por sua vez Conceição Luis Rodrigues, empregada doméstica e mãe de uma menina declarou:

. Os patrões porque ganho pouco deixam-me desde que a minha filha fez 9 dias levá-la comigo. Eu sei que nas creches lhes dão comer a horas e que os tratam bem, mas não tenho dinheiro para a pôr lá. Não penso que seja preciso as crianças viverem sempre com os pais, nas creches eles aprendem muitas coisas e habituam-se a viver e a «desenrascarem-se» uns com os outros.

O estudante José António Braga Dias de 25 anos afirmou por sua vez:

Sob todos os aspectos as creches são preferíveis à família. É um ambiente mais sadio e saudável. O ambiente afectivo da família tal como existe instituído na nossa cultura tem mais aspectos negativos que positivos.

Tanto quanto sei só há creches em algumas empresas privadas e não sei se funcionam bem, mas é o Estado que devia tomar o encargo da educação e não as empresas privadas.

autódromo do estoril

Circuito Nacional do A.C.P.

Organização do Automóvel Clube de Portugal

Dia 23 de Setembro
A partir das 9 h treinos livres
14 h-treinos cronometrados
17 h-corridas

Dia 24 de Setembro
15 h – Turismo de série
16.15 h – Grande Turismo/Sport
17.30 h – Turismo Especial
18.45 h – Fórmula V / Fórmula Ford / Fórmula 1430

BILHETES À VENDA:
Em Lisboa
A. C. P.
Agências Abep e Abeiha
No Estoril
Junta de Turismo da Costa do Sol e nos escritórios do Autódromo

PREÇOS:
Dia 23: Central-60$00, Lateral-40$00, Peão-15$00
Dia 24: Central-100$00, Lateral-70$00, Peão-20$00
PARQUES: Auto 20$00

Transportes assegurados a partir do Cais do Sodré
Ligação em Autocarro, Estoril - Autódromo - 5$50
Sintra - Autódromo - 4$00

Espectáculo para m/ 6 anos (Grupo A)

autódromo do estoril
O maior empreendimento turístico-desportivo do país

IPAVIL
CURSOS AUDIO-VISUAIS DE LÍNGUAS
(prof. nacionalidade) (máx. 9 alunos sessão)
CURSO LICEAL NOCTURNO
(Máx. de 25 alunos turma)
SALAS DE ESTUDO
EXPLICAÇÕES INDIVIDUAIS
(orientados por professores do Liceu Francês Charles Lepierre)
ABERTAS AS INSCRIÇÕES
Inf.: Av. Almirante Reis, 63-1.º (junto est. do Metro — Anjos) Telef. 45293

CURSO COMERCIAL
NOCTURNO
ESTÃO ABERTAS AS MATRÍCULAS
EXTERNATO LUSITANO DE COMÉRCIO
RUA DOS ANJOS, 2, 1.º TELEFONE 4 02 97

Almada Negreiros
EXTERNATO
AV. PRAIA DA VITÓRIA, 48-1.º
Tels. 538308 - 538349
Junto ao Teatro Monumental
CICLO PREPARATÓRIO, LICEAL
INSTITUTOS
DIURNO — NOCTURNO
(ABERTAS AS INSCRIÇÕES)

MUNDO: 783 MILHÕES DE ILETRADOS

O analfabetismo não será resolvido neste século

EXCLUSIVO «Le Monde»/«DL»

Em 3 biliões e 600 milhões de indivíduos, o nosso planeta contava, em 1970, 783 milhões de analfabetos, ou seja, um terço dos adultos de mais de quinze anos. Por ser vivida pelos interessados menos dolorosamente do que a fome ou as doenças, esta sujeição não contribuiu menos para manter os habitantes do terceiro mundo no seu estado de subdesenvolvimento. Assim, a UNESCO organiza todos os anos a 8 de Setembro, o Dia Internacinal da Alfabetização: excelente ocasião, para entregar prémios às organizações ou a indivíduos que se tenham distinguido pela sua acção na luta contra o analfabetismo, e também, para fazer o balanço das vitórias e derrotas nesse campo.

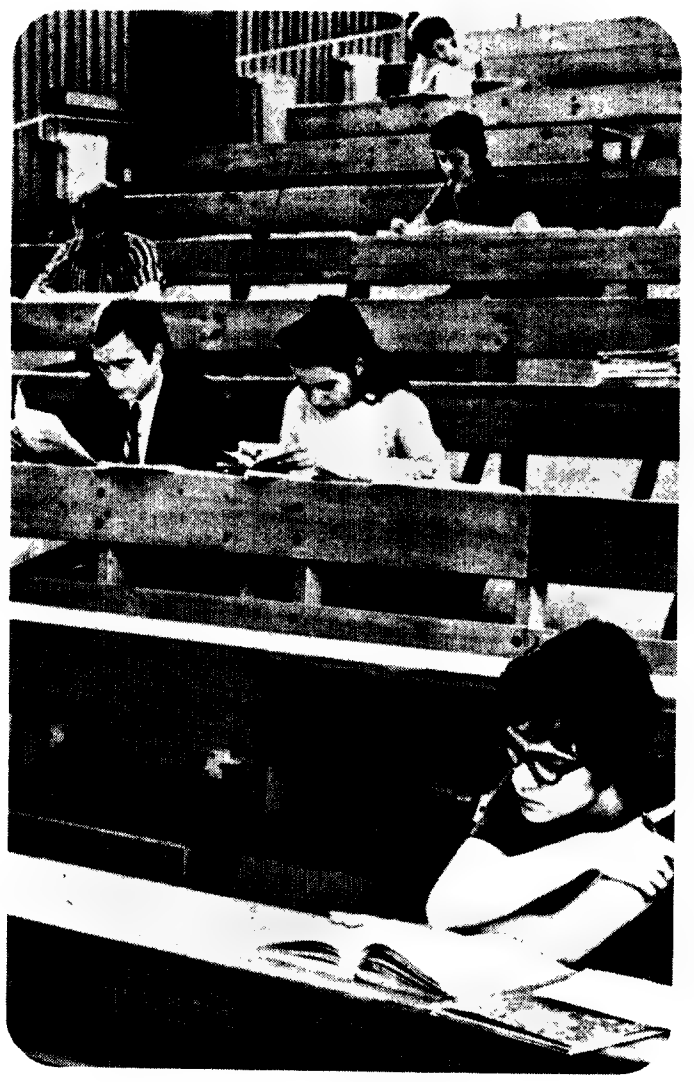
O prémio Mohammad Reza Pahlvi, de 5.000 dólares, foi este ano atribuído a Gram Skiksham Mohim, movimento de massa para a alfabetização dos adultos das aldeias do Estado de Maharashtra, na Índia. O prémio Nadejda K.Krouspskaia, de 5.000 rublos, foi entregue à organização iraniana do Exército do Saber.

O período que vai de 1969 a 1971 foi marcado por uma meia derrota e por um êxito: se, por um lado, a percentagem de adultos iletrados no mundo, baixou, o seu número cresceu em valor absoluto; por outro, registaram-se sensíveis progressos nestes últimos anos na aplicação deste novo instrumento de luta contra a espécie de ignorância que é a «alfabetização funcional».

RESULTADOS ENCORAJANTES

«O problema do analfabetismo no mundo não será resolvido no século XX», eis a terrível confissão de impotência contida no último balanço da alfabetização mundial publicado pela UNESCO por ocasião do Dia Internacional do 8 de Setembro. Pode a percentagem de iletrados ter-se constantemente reduzido a partir dos anos 50 — para em 1970 não apresentar mais do que 34,2 por cento dos adultos — a verdade é que o número dos analfabetos não cessou de aumentar durante o mesmo período, devido à expansão demográfica planetária. O número actual de 783 milhões de iletrados viria ainda a aumentar durante o segundo «Decénio das Nações Unidas para o desenvolvimento». Um único êxito: na América Latina, pela primeira vez o número dos analfabetos decresceu — de um milhão e meio — durante o segundo decénio.

Acrescentemos que o resultado negativo do balanço geral oculta situações parciais bem mais graves: 73,7 por cento de analfabetos em África, 73 por cento nos países árabes, 46 por cento na Ásia. E ainda estes números só têm em conta os dados oficiais.... Quantos alunos, que foram inscritos numa escola, sairam de lá antes de haverem adquirido o mínimo de conhecimentos, permitindo considerá-los como «instruídos»? Os países subdesenvolvidos, por seu lado, começam por aperceber-se de que neles vivem adultos que podem ser qualificados de «funcionalmente analfabetos». Nos Estados Unidos, por exemplo, onde os analfabetos representam apenas, oficialmente, um por cento da população, uma sondagem revelou em 1970 que 18,5 milhões de americanos com mais de 16 anos eram incapazes de preencher os formulários indispensáveis para obterem certos serviços sociais elementares: abono de desemprego, entre outros.



Desde a sua criação, mas sobretudo desde 1964, a UNESCO dedicou-se a aperfeiçoar um instrumento apropriado de luta contra a ignorância. Tornou-se, com efeito, ràpidamente evidente, que a expansão do sistema escolar não permitia eliminar o analfabetismo dos adultos. Os governos, por seu turno haviam-se lançado com entusiasmo, após a sua recente libertação política, em vastas campanhas de alfabetização das massas. A de Cuba, em 1961, ficou como a mais célebre.

Mas houve decepções: veio a compreender-se que grande número de novos não-alfabetos depressa tornaram a cair na sua anterior ignorância, por não terem podido pôr em prática os seus conhecimentos.

DOZE PROJECTOS-PILOTOS

Destas constatações nasceu o conceito de «alfabetização funcional», que em poucos anos se tornou a doutrina oficial da UNESCO e de certo número de países do «terceiro mundo».

Um plano experimental mundial de alfabetização (PEMA) foi lançado há oito anos. Doze projectos-piloto, financiados conjuntamente pelos Estados interessados e por uma ou mais instituições especializadas das Nações Unidas, estão actualmente em curso de realização com a ajuda técnica da UNESCO: no Afganistão, na Argélia, no Equador, na Etiópia, na Guiné, na Índia, no Irão, em Madagascar, no Mali, no Sudão, na Síria, e na Tanzânia.

No decorrer dos três últimos anos saíu da fase inicial de preparação para entrar numa fase operacional: a 1 de Julho de 1971, 235 milhões de adultos, guiados por oito milhões de monitores, seguiam os programas de alfabetização funcional do PEMA.

Esta cifra pode parecer irrisória em relação à população mundial de analfabetos, mas o plano experimental visava essencialmente encontrar uma metodologia em matéria de alfabetização. A esse respeito a UNESCO pensa ter alcançado resultados extremamente encorajadores.

E assim que os responsáveis do projecto-piloto do PEMA elaboraram séries de programas adaptados às necessidades específicas de grupos particulares: o projecto iraniano é o mais diversificado com 18 planos de estudo diferentes; o Mali tem 13 e a Tanzânia sete. Estes programas foram postos a funcionar após minuciosos estudos de meio, com a colaboração muito activa dos próprios estudantes.

No que diz respeito à formação do pessoal empregado nas tarefas de alfabetização, um conceito eficaz nasceu, o de «seminário operacional». Trata-se de dar no próprio terreno formação intensiva a um grupo de representantes de diversas disciplinas: os participantes instruem-se, não ao observar os especialistas, mas trabalhando eles próprios, sempre com a colaboração dos alunos, na elaboração, na aplicação e na avaliação dos programas de alfabetização.

Surgiu por fim a necessidade de prever actividades ditas de «pós-alfabetização», para se evitar de novo a queda na ignorância. Com esse fim, vários países iniciaram a tarefa de publicar jornais, revistas ou manuais especialmente destinados aos novos não-alfabetos. O desenvolvimento destas actividades será uma das preocupações importantes do programa experimental mundial no decurso dos anos mais próximos.

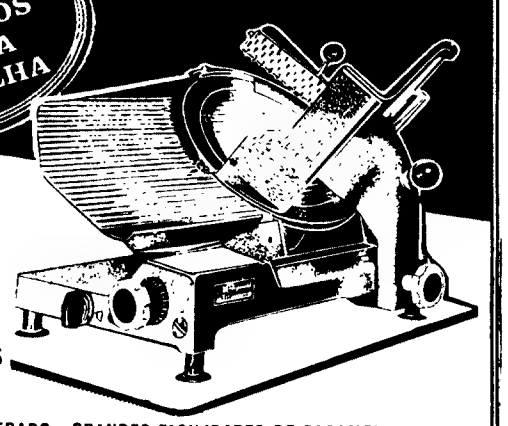
CORTADORAS ELÉCTRICAS

Ironweed

a máquina moderna, racional para quem exige o melhor!

LÂMINAS DE 220,250,300 E 330mm DE DIÂMETRO

MODÊLOS À SUA ESCOLHA



EFICIENTES
HIGIÉNICAS
RÁPIDAS
PRÁTICAS
e ROBUSTAS

PREÇO MODERADO E GRANDES FACILIDADES DE PAGAMENTO

DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS:

SOC. de REP. SIDA-SUECA limitada

RUA S.NICOLAU, 15-17, TELEF. PPCA 369331 (8 LINHAS) — LISBOA

Stand Albertino Henriques da Silva, Lda.

Esta Firma comunica que tem dezenas de carros dos últimos modelos, rigorosamente como novos, em praços excepcionais.

Recebem-se trocas e facilita-se o pagamento.

Para seu interesse não compre nem venda o seu carro sem consultar o nosso Stand.

Rua do Garrido, 73-A—Tels.: 727201-728793-725196

A C. P. INFORMA:

SERVIÇO ESPECIAL PARA VIANA E VILA NOVA DA BARONIA, POR OCASIÃO DA FEIRA ANUAL E ROMARIA A NOSSA SENHORA DE AIRES, EM VIANA DO ALENTEJO

NOS DIAS 25 A 27 DE SETEMBRO DE 1972

Bilhetes especiais de IDA E VOLTA a preços reduzidos.

Período de venda:
de 24 a 27 de Setembro
Validade para regresso:
de 25 a 28 de Setembro

A C. P. vende, em todas as estações e apeadeiros desde Lisboa (Terreiro do Paço) até Moura, e até Évora, e nas estações de Montijo, Montemor-o-Novo, Mora, Estremoz, e Reguengos de Monsaraz, bilhetes especiais, de IDA E VOLTA a preços reduzidos, para as estações de VIANA E VILA NOVA DA BARONIA.

FORMAÇÃO SOB MEDIDA

«Quando os programas de alfabetização tradicionais incidem apenas sobre a leitura, a escrita, e por vezes o cálculo, a alfabetização funcional tem por fim incluir competências e conhecimentos críticos orientados para o trabalho: as palavras que os alunos prendem a dizer e os exercícios de cálculo que lhes mandam fazer estão sempre em relação com as suas actividades quotidianas e com os seus problemas de carácter profissional, que o programa de alfabetização tem por objectivo resolver. «— recorda-se o balanço da UNESCO para o período 1969-1970.

Esta ligação da aprendizagem aos problemas específicos do meio arrasta certo número de consequências:

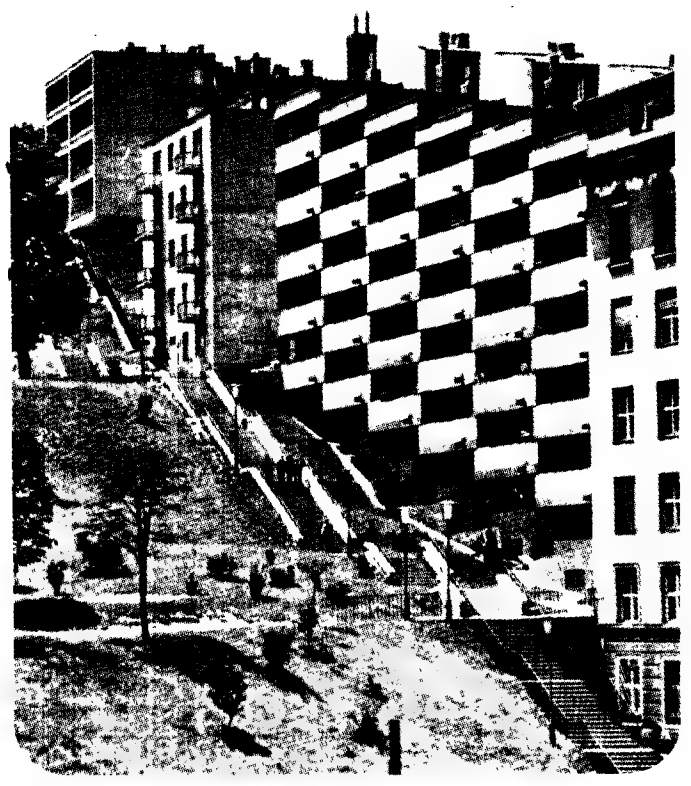
— A alfabetização funcional é deliberadamente selectiva: dirige-se em prioridade aos adultos capazes de tirarem o máximo proveito, tanto para si próprios como para a comunidade.

— Cada programa é concebido em função do grupo a que se dirige. Trata-se de uma «formação sob medida».

— Faz intervir, ao lado de professores de tipo clássico, mas especialmente formados para essa tarefa, especialistas de diversas disciplinas: responsáveis pelo desenvolvimento agrícola, técnicos da indústria, etc.

A QUESTÃO DA HABITAÇÃO

ATRÁS DO SENHORIO É QUE SE ESCONDE O ALVO



Prosseguindo com a já muito longa controversia sobre a habitação no nosso país, publicamos hoje o artigo que nos enviou o sr. Hélio Vieira Quartin, presidente da assembleia geral da Associação dos Inquilinos Lisbonenses. No cartão que nos enviou diz o autor que, devido á sua posição na Associação dos Inquilinos Lisbonenses não pode «guardar o silêncio» sobre a questão eximindo-se a contribuir para a sua «desmitificação».

«Será possível tratar isoladamente em «circuito fechado», o problema da habitação? E dentro deste, em circuito mais fechado ainda, o problema das rendas de casa, por exemplo? Mas será possível analisar de facto quaisquer realidades em «circuito fechado»?

Eis o tema posto por Vicente Jorge Silva no C. F. de 7 de Setembro comentando a polémica vinda a lume na «Mesa Redonda» do D.L. e que remete o problema para formas de abordagem desde sempre em questão, já antes mesmo de se falar em «doença infantil».

Assim, pois, a abordagem esquerdista ao afirmar que «o que há sim, é uma oposição de classes (ultrapassando a simples questão habitacional e envolvendo toda a sociedade)» rejeita a possibilidade de tratamento dos problemas e contradições sociais em concreto do mesmo passo que tolhe o caminho á prática social e á participação das mais largas camadas da população na humaníssima defesa — e por isso carregada de universalidade — dos seus interesses imediatos. Tal modo radical de encarar não só este como todos os outros problemas socio-económicos tende a encaminhar as consciências para a marginalidade, para um «não vale a pena» ou para o sebatianismo político. Não será recusando batalhas onde e quando for o momento de as travar, não será o abandono sistemático de posições no interior do campo em concreto recuando para posições existentes em abstracto na ideologia que se força o movimento, se definem ou desmascaram as posições reaccionárias que se opõem á ascensão económica e social dos povos.

Se não soubessemos que as mutações qualitativas da história advêm de desenvolvimento de um lento processo quantitativo o antagonismo das opções essenciais «pureza ideológica e teórica» e «prática social ainda que no reino da contradição» seria mera atitude de crença. Mas já o não é em termos de mentalidade cientìficamente formada.

Pensar-se que o sistema sócio-económico dominante perdeu a capacidade para melhorar a destribuição do lucro ou de reduzir a sua taxa de exploração sem que isso implique na sua auto-destruição é subestimar o colossal montante das reservas acumuladas ao longo de quase dois séculos de exploração intensiva ou do seu potencial tecnológico e, consequentemente, renunciar à luta por uma melhor distribuição de rendimentos.

CONHECER A ESTRUTURA

A prática decorrente da primeira das atitudes (conhecimento imperfeito da estrutura dentro da qual se vive e actua) levará a resultados decepcionantes dizendo-se então que o sistema incorporou os produtos das suas próprias contradições. (Veja-se o que aconteceu ao movimento «hippie» depressa transformado em cartaz turístico).

A prática decorrente da segunda das atitudes também se arrisca a não ser menos decepcionante porquanto supõe fatal um desígnio ou rumo inscrito no fim da história. Nada nos impede de admitir a eventualidade de uma massificação de sinal negativo onde nem mesmo a palavra liberdade encontraria referências na estrutura mental desencadeadoras de um impulso sensível. O quadro é sombrio, convenhamos. Mas bem menos perigoso do que a imagem triunfalista de que se tem nutrido o sucessivo adiamento da resolução final, em todos os problemas, quanto mais não seja porque nos coloca a todos ao abrigo das frustrações desencorajantes, das abdicações, das apatias ou até das contestações, as quais, na prática, nem pór se revestirem de extremismo, deixam de ser igualmente inoperantes.

No ponto em que esta reflexão se encontra seria pertinente tentar-se uma actualização dos conceitos de reformismo e de oportunismo impostos pelo contexto histórico, se o desvio (e também o grave risco de se cair em erros grosseiros) não ocupasse demasiado espaço em detrimento do que por agora nos importa — o problema da habitação.

EM QUE CONSISTE O PROBLEMA

O problema da habitação, como todos os que se referem a carências històricamente inadmissíveis e por isso geradoras de grave mal-estar social, define-se em referência a determinado contexto sócio-económico e cultural. Deste ponto de vista **o problema da habitação consiste, bàsicamente, na contradição existente entre a escassez e preço da habitação e a capacidade económica e técnica do sistema em produzir habitações em maior quantidade e a mais baixo preço.** Paratraseando, e já é de prudência costumeira escudar-nos em autoridades, acrescente-se que neste como em todos os outros casos, só são postos problemas aos homens quando a história põe ao seu alcance os meios indispensáveis à sua resolução. Isto, naturalmente, implica no reconhecimento da relação histórica — na directa referenciação ao contexto — de cada modo de pôr o problema e de cada modo de o resolver, o que exclue, necessàriamente, a resolução absoluta ou, de uma vez por todas, de qualquer problema. Também significa que na consciência de quantos dos mais esclarecidos ou interessados se batem pelo chamado «problema da habitação», nomeadamente a Associação dos Inquilinos Lisbonenses traves das intervenções dos seus dirigentes e do seu consultor jurídico dr. Roque Laia expressamente referidos no artigo de Vicente Jorge Silva, se supõe possível, embora não fácil, e repita-se, dentro da capacidade para «o social» do sistema, o subatancial barateamento da habitação desde que, à semelhança do que se tem passado ou está em transe de passar-se noutros domínios como os da educação, da saúde e da assiatência, ela seja encarada como um direito e como tal passível de tratamento «social». A maior ou menor rapidez na resposta do sistema ao desafio depende da acuidade de que ele se revestir e do grau de consciência que dele tomarem as populações.

Deste ponto de vista a oposição tradicional e superficial entre inquilinos e senhorios (na realidade estes não auferindo da exploração mais do que sete por cento do capital investido) nada mais é pois do que o reflexo sensível da contradição diferente e mais profunda que a origina, a qual consiste, como aliás se apontou, no acentuado desequilíbrio sectorial do desenvolvimento económico e técnico dos meios de produção de parceria com a indisciplina criminosa que se tem permitido a esse desenvolvimento pela ausência de planeamento eficaz.

O ATRASO TECNOLÓGICO

Não será ainda lugar comum insistir nas possibilidades abertas ao barateamento da habitação por via da actualização tecnológica da construção. De facto não faz sentido ser possível construir-se um bom automóvel por escassas dezenas de contos ou uma televisão por muito menos de meia dúzia quando, na mesma época e no mesmo lugar, uma habitação razoável custa centenas. O absurdo explica-se, e é aqui que se manifesta o dese quilíbrio sectorial, pela aplicação de todo o potencial tecnológico nas industrias modernas, enquanto se permitiu a outras, de primeira necessidade social, como a agricultura e a construção de habitações estagnarem no estádio artezanal. O cimento armado de pilar e viça, a alvenaria de tijolo e os processos de construção «in loco» estão irremediàvelmente condenados. E só uma questão de tempo sem que esta consideração deva protelar a acção urgente tendente ao estudo e adopção de sistemas construtivos, de larga produção industrial, de rápida montagem e baixo preço, se é que não pretende agudizar perigosamente o problema social da habitação.

A POLÍTICA DE HABITAÇÃO SOCIAL

A classificação do problema como «social» implica a adopção de critérios sociais em ordem à sua solução o que, inevitàvelmente, conduz à subtração da maior parte da construção de habitações ao sector lucrativo — isto é, à indústria privada — único modo de impôr um preço de renda socialmente aceitável. Por outro lado, não é menos premente libertar vastas áreas de terrenos urbanizáveis das mãos da usura e da especulação levando-se, para o efeito, até às suas últimas consequências, a capacidade operacional da chamada Lei dos Solos promulgada em 1970.

Ainda uma política de habitação social pressupõe, e até porque a tarefa fica grandemente simplificada pela redução dos agentes contraditórios que pressionam e ameaçam desvirtuar a natureza social dessa política, a sua integração nos planeamentos regionais nos domínios da industrialização, das vias de comunicação, da cobertura escolar, hospitalar, de previdência e assistência materno-infantil etc. e restante equipamento cultural e desportivo.

OS INSTRUMENTOS

Já foram oficialmente chamados a desempenhar papel de relevo na execução de uma política de «habitação social» três sectores: a Federação das Caixas de Previdência, o Fundo de Fomento de Habitação e as sociedades cooperativas. Ao sector privado também foi cometida parte da tarefa, embora seja de aguardar com reserva a sua substancial particìpação — por razões óbvias.

Não cabe dúvida que neste esquema é legítimo esperar-se, pelo formidável potencial financeiro que detem, decisiva intervenção por parte da Federação das Caixas de Previdência. Já outro tanto, e infelizmente, se não pode dizer do sector cooperativo, pelo menos enquanto este se não estruturar e mentalizar de forma adequada — o que aliás parece estar em vias de acontecer — e sobretudo enquanto as soluções cooperativistas não merecerem maior simpatia de certos sectores ainda na Administração.

A CONJUNTURA POLÍTICA

Já não passa despercebido o esforço desenvolvido pelo capitalismo de vanguarda para ocupar a chefia entre o naipe dos detendores do capital, derrotando os abencerragens da estrutura feudal, eliminando pela concentração nacional e supranacional, a concorrência da pequena indústria, tecnológica e financeiramente mal apetrechada. Para triunfar nessa luta não são de desprezar as alianças mesmo condenadas a denúncia mais ou menos próxima forjadas numa coincidência de interesses embora momentâneos. Assim se explicam certas confusões de linguagem.

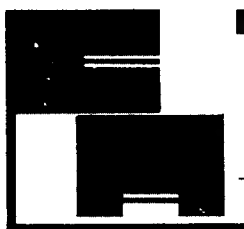
Estão nestas circunstâncias, e também outras que talvez o não venham a estar, as forças populares que almejam o alívio do fardo das rendas de casa especulativas pelo embaratecimento da construção com base na reconversão tecnológica da indústria. É que esta solução terá pelo menos o mérito de tornar disponíveis vultosos capitais e apreciável mão de obra de que estão carecidas as novas indústrias de maior teor técnico. E altura de nos apercebermos das tendências que lutam pela hegemonia e deslocarmos no tabuleirô as nossas próprias pedras.

PARTICIPAÇÃO POPULAR E OPINIÃO PÚBLICA

O facto de se suporem objectivamente criadas as condições para se lançar uma política nacional e popular de habitação social, quer pela existência das instituições indispensáveis, pelo menos de início embora sujeitas a ajustamentos, bem como dos instrumentos legais bastantes, não deve relegar-se para plano inferior a acção porventura decisiva, na hipótese de impasse, no desencadear do movimento da opinião pública como factor político e sobretudo da sua estruturação com base em organismo de massa e no associativismo popular especificamente orientado para o estudo e para a vulgarização dos vários aspectos do problema.

A consciência de que os problemas sociais ressurgem, como Phoenis, no seio das sociedades não pode impedir, nem deve impedir, as acções tendentes a subtrair ao jogo da oferta e da procura e à ganância dos especuladores que desse jogo se nutrem as condições sociais de vida e os direitos ao seu pleno usufruto tais como o trabalho, a segurança, a educação, a saúde e a habitação.

HÉLIO VIEIRA QUARTIN



externato AMADIS

DIURNO E NOCTURNO

• PREPARATÓRIO • LICEAL
• COMERCIAL • SALAS DE ESTUDO

ALAMEDA D. AFONSO HENRIQUES, LOTE 2
(Em frente do posto da Sacor) — Telef. 70 69 74 5
NA AMADORA

COZINHA VELHA

QUELUZ — TELEFONE 95 02 32

Informamos os nossos Ex.' Clientes que, amanhã, dia 23 faremos o nosso serviço habitual de Almoços, Chás e Jantares na SALA DE BANQUETES, em virtude da Sala «COZINHA VELHA» se encontrar reservada para um LANCHE DE CASAMENTO.

A DIRECÇÃO

BATAS ESCOLARES

ALTAMENTE ESPECIALIZADOS
TINTURARIA GUANABARA
Av. João XXI, 5-D — R. Infantaria 16, 55-C — Lisboa

AS COOPERATIVAS E O ENSINO
UMA EXPERIÊNCIA INÉDITA QUE IMPORT

Mesa Red
Eduardo Ba

Continuação da primeira página

tem praticado a autogestão. A comissão tem procurado motivar a participação de todos, suscitar a crítica e animar o convívio. Procuramos que eles resolvam problemas próximos do seu dia a dia e praticamos um tipo de relações horizontais entre professor e aluno.

UM ENSINO QUASE GRATUITO

FERNANDO GUERREIRO — (Proelium) — Os resultados da nossa colaboração com a Vis não foram inicialmente muito brilhantes mas, no essencial, a experiência resultou, dado que ela procurava sobretudo motivar pessoas a partir de um ensino elaborado em moldes especiais.

Uma das características importantes deste ensino é que ele é pràticamente gratuito. Além do valor da quota aqueles que o frequentam pagam apenas uma pequena importância para compensar o desgaste de material escolar.

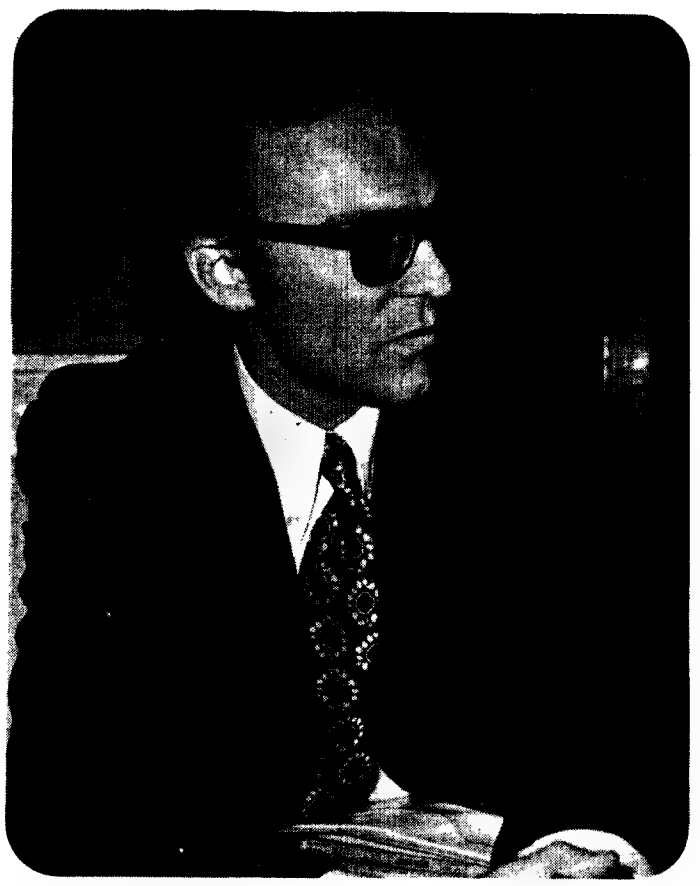
ANTONIO PINTO BASTO — (C.C.C.) — Os objectivos das cooperativas aqui representadas e os do Centro Cultural de Cascais, no que se refere a ensino, são inteiramente os mesmos. Nesse aspecto, portanto, não acrescento mais nada. Relativamente a objectivos particulares posso informar que vamos começar o quarto ano, de actividade. Iremos tentar novas experiências até porque não somos profissionais do ensino. Caminhamos baseando-nos numa reflexão permanente sobre a experiência. Leccionamos a 4.ª classe, o ciclo preparatório e algumas cadeiras do 2.º ciclo. Procuramos que cada curso seja auto-gerido: para isso, alunos e coordenadores constituem um grupo de trabalho que procura a melhor solução para os seus problemas, solução essa que por sua vez se tenta melhorar constantemente. Não temos comissões de alunos mas há reuniões conjuntas de coordenadores e de alunos e outras só de alunos. Dessas reuniões saem relatórios que, mais tarde, são objecto de reflexão por parte do grupo que dirige as aulas. Esses relatórios permitem que se caminhe a partir dos problemas levantados. As reacções das pessoas foram as mais diversas. Cascais é um meio muito especial. Mas as dos trabalhadores, afinal os que interessam foram favoráveis desde o início.

CURSOS AUTO-GERIDOS

UM PERÍODO DE IMPASSE

LIDIA SEQUEIRA CARNEIRO — (VIS) — É evidente que as pessoas têm dificuldades económicas e vêem, pelo menos em principio, nas cooperativas uma possibilidade de se valorizarem, aparecendo em grande quantidade. No primeiro ano tivemos um número de alunos que não pode considerar-se muito significativo mas, o ano passado, já foi necessário limitar as inscrições. Os resultados obtidos nesse ano atingiram os 89 por cento das aprovações e 60 e tal por cento de dispensas de oral. Resultados que podem considerar brilhantes. Este ano tudo fazia prever, ate 10 de Agosto, que muitas mais pessoas se inscreveriam. Foi nessa altura, exactamente em 10 de Agosto, que nos apareceu uma notificação emanada do ministro do Interior para entrega dos estatutos para aprovação ministerial, notificação essa que envolvia um risco de encerramento do qual estamos perfeitamente conscientes. A partir de então tivemos que nos debruçar sobre questões mais importantes que se prendiam com a própria existência da cooperativa. Inevitàvelmente houve um período de impasse. Neste momento pensamos que devemos prosseguir e abrir de novo as inscrições.

Eduardo Baptista



Fernando Guerreiro

D.L. — **Qual tem sido a reacção das pessoas a esse tipo de ensino?**

EDUARDO BAPTISTA — (Eudóxio) — As pessoas têm-se interessado bastante. As cooperativas é que não têm conseguido dar satisfação ás suas necessidades nas melhores condições. Comparando o que se tem estado a fazer nas cooperativas com o que se faz, por exemplo no ensino particular, verifica-se que no segundo caso o objectivo predominante é a obtenção do lucro, fornecendo-se em contrapartida ao aluno uma garantia de passagem no exame final. Isso para nós não basta e além de tentarmos que os encargos para o aluno sejam o mais amenizados possível distribuindo os lucros que a cooperativa possa ter tanto pelos professores como pelos alunos, tentamos que esse ensino tenha outras finalidades que não apenas a passagem final.

FERNANDO SEQUEIRA — (Eudoxio) — Além dos princípios já enunciados é importante referir as possibilidades imensas das cooperativas existentes, se pensarmos nas dimensões que o movimento cooperativo já adquiriu em Portugal. E evidente que o Decreto 520/71 veio dificultar qualquer ideia ou projecto que visasse a colaboração das cooperativas na difusão de conhecimentos junto da população operária e agrícola. Esta população tem necessidade de conhecer as técnicas com que trabalha e de as adaptar ao meio. Isto só é possível se tiver um nível mínimo de cultura. Nós sabemos que os organismos oficiais de ensino são insuficientes para responder a este problema; quer no aspecto quantitativo. O ensino que aí se ministra e, efectivamente, um ensino visando finalidades já ultrapassadas. De forma nenhuma o incremento da capacidade da população activa é tendente à sua adaptação ás diferentes técnicas. Assim as cooperativas seriam um meio óptimo para difundir um mínimo de cultura junto da população e possibilitar um ensino mais adequado ás necessidades actuais do país.

Estou a falar apenas no aspecto económico. O facto da aquisição da cultura estar condicionada ás disponibilidades financeiras levou-me a ordenar assim a minha intervenção. Até porque este segundo aspecto, sem dúvida o mais importante, já foi focado. Concluo afirmando que as cooperativas são um óptimo meio para responder ás duas questões: a cultural e a económica.

UM ENSINO MAIS VIRADO PARA OS ADULTOS

D. L. — **Onde estão exactamente as diferenças entre o ensino oficial e aquele que é ministrado nas cooperativas?**

LÍDIA SEQUEIRA RIBEIRO — (VIS) — Parece-me que o ensino oficial dentro das perspectivas actuais, sendo um ensino inteiramente orientado para a criança, com as limitações que tem, visa fundamentalmente uma aprendizagem para crianças. O nosso ensino é fundamentalmente virado para os adultos, tenta uma adaptação própria, embora subordinada a determinados programas. É significativo que apenas este ano o ensino oficial tenha feito uma distinção entre exames para crianças e exames para adultos. Estou a lembrar-me daquele exame, realizado há três ou quatro anos atrás, em que no ponto de português se perguntava: se passares no exame o que queres que o teu paizinho te dê? Tudo isto serve apenas para ilustrar como o ensino oficial está apenas previsto para a criança, infantilizando até os seus problemas. Ora é evidente que a transposição destes processos para o ensino dos adultos se torna ridícula. Fundamentalmente aquilo com que nós na Vis e na Proelium nos temos preocupado, é justamente que os problemas sejam postos às pessoas, tendo em atenção que se trata de adultos. Todas as questões são vistas dentro dessa perspectiva. Outro aspecto muito importante de distinção é o facto do ensino oficial desprezar o poder criativo, um ensino que parou e atingiu um certo grau de institucionalização, embora não duvide que ele tenha potencialidades e, de facto tem mais que qualquer cooperativa para desenvolver um processo de criação dinâmico, para ser uma forma de fazer acto no entanto ele não é. Ora é isso que pretendemos no ensino que fazemos. Queremos que seja uma forma de criação constante, revendo pronunciadamente processos utilizados, de tal forma que cada período seja diferente dos anteriores, uma busca constante de novos meios para fazer chegar as pessoas novos conceitos. Leccionei durante dois anos no ensino oficial: — vivi — a diferença entre o ensino que eu fazia e aquele que eu agora faço.

D. L. — **Temos então um ensino oficial virado para a criança e um ensino ministrado em colectividades orientado para adultos?**

LÍDIA SEQUEIRA CARNEIRO — (VIS) — É facto que existem, em matéria de ensino, muito mais carência entre as populações adultas que entre as crianças. No caso específico das cooperativas não desprezámos as crianças e semanalmente temos tido, no caso da Vis, aulas de iniciação artística dentro de uma certa perspectiva em que lhes é dada toda a liberdade de criação. Têm-se feito experiências interessantes que procuram pôr o poder inventivo dos miúdos a trabalhar. De facto nós não descurámos o problema das crianças.

OS PRIMEIROS ANOS

EDUARDO BAPTISTA — (Eudoxio) — Este era justamente um dos problemas a qu
me queria referir de mane
pecial. Ainda que os nossos
jectivos sejam idênticos aos
ja aqui foram expostos, v
cámos uma divergência no
respeita a análise das neces
des dos adultos e das crian
Nós concluimos que é justa
te nos primeiros anos de en
que a criança começa a ser
formada. Devido ao facto
Edóxio ter no seu seio uma
de pessoas interessadas e co
tentes para ensinar criança
nosso ensino è mais voltado
ra elas. Até agora, embora s
mos essa nessecidade, não
mos oportunidades materia
iniciar experiências com o
no de adultos.

ANTONIO PINTO BA
— (C. C. C.) — Foi aqui
mado que o ensino oficial é
ensino voltado para as crian
Eu acho que as facilidades
elas têm no ensino oficial
sobretudo no aspecto quant
vo. Têm escolas, liceus, ins
tos. No aspecto qualitativ
não é assim. E nos prim
anos que a deformação com
Quando entram nas faculd
ou iniciam a sua vida de tr
lho vêem então, claramente
tempo que perderam. Mais
de é muito difícil que esse
divíduo depois de terminar
vida escolar se torne uma p
capaz de raciocinar, de
gir-se a ele próprio, ter
consciência de tudo o que
interessa. O que se faz no en
oficial e em certo ensino p
cular, que adapta e segue o
delo oficial é colocar o al
como um ente dirigido, a q
são apresentadas todas as
luções. Em relação ao en
de adultos, ensino portanto,
classes trabalhadoras, os
o procuram são individuos
por força das circunstânc
chegaram aos vinte e ta
anos apenas com uns rudime
de instrução. Apesar de,
princípio, se sentirem aca
dos, depressa começam a rea

Posso citar um exemplo
qual tive conhecimento, que
Brasil, numa aula de Paulo F
re, para analfabetos, uma
lher do povo do nordeste br
leiro, depois de uma prim
aula, aos cinquenta anos, pe
beu que podia decidir, criar
guma coisa por ela próprio
não limitar-se a fazer o que
diziam. É este tipo de ens
tal como a Lídia afirmou
pouco, voltado ao espírito c
co das pessoas que permit
aquisição de uma tomad
consciência. É essa cultura
eu entendo como uma verda
ra cultura. E é esta cultura
se pode proporcionar nas co
rativas. Para ser autêntico
não pode, porém, limitar-se
aulas. É necessária a existên
de actividades culturais par
las.

No ensino oficial, além
que já se disse, que é norm
mente de má qualidade no
pecto qualitativo, nada ada
do ao ensino de adultos e mu
menos a actividades paral
às aulas. Existem, é certo, as
tividades circum-escolares,
vidades essas que estão orie
das nos mesmos princí
que o resto do ensino t
to as aulas em si como es
actividades enfermam dos m
mos males, não por falta

...onda com Lídia Carneiro, Fernando Guerreiro, ...otista, António Pinto Basto e Fernando Sequeira

...TA NÃO DESPERDIÇAR

...eu ...ço- ...que ...rifi- ...que ...da- ...ças. ...en- ...sino ...de- ...da ...érie ...pe- ..., o ...pa- ...nta- ...ve- ...de ...nsi-

...TO ...firi- ...um ...cas. ...que ...são ...ati- ...itu- ...já ...ros ...ça. ...des ...ba- ...o ...ar- ...in- ...ma ...a ...ri- ...ma ...lhe ...no ...ti- ...no- ...no ...em ...so- ...no ...das ...ue ...ue, ...as, ...tos ...os ...ao ...ir. ...do ...no ...ei- ...u- ...si- ...ra ...e- ...al- ...e ...he ...o, ...há ...ti- ...a ...ue ...i- ...ue ...e- ...la ...às ...ia ...e- ...o ...l- ...s- ...a- ...o ...as ...s ...os ...as ...e

capacidade das pessoas, há muita gente capaz a trabalhar no ensino oficial, mas devido à intencionalidade dopróprio ensino. No ensino particular, nalgum ensino particular, é precisamente a mesma coisa. Pior ainda é o ensino particular religioso, espalhado por todo o País.

FERNANDO SEQUEIRA — (Eudóxio) — Não há dúvida que o ensino oficial está demasiado institucionalizado, controlado pelos interesses vigentes, para responder às exigências actuais. Actualmente é fundamental desenvolver a cultura de forma a que o indivíduo seja capaz de se adaptar às novas técnicas, mais que aprender técnicas. Isto não pode ser feito únicamente por um ensino que se opõe a todo o tipo de evolução. As cooperativas devido a circunstâncias várias não estavam tão controladas, tinham portanto maior capacidade de se adaptarem a um novo tipo de ensino, davam mais possibilidades de os professores aplicarem novas técnicas de ensino. Além disso a divulgação dos conhecimentos não se faz apenas através de ensino, faz-se através de outros meios: bibliotecas, sessões de cinema etc. Meios que as cooperativas estavam em melhores condições de utilizar pois é precisamente aqui que a escola está mais limitada.

À PARTIDA A QUESTÃO ECONÓMICA

D. L. — **Que dificuldades têm encontrado nos últimos anos? Até que ponto elas têm sido obstáculo e estímulo à vossa acção?**

EDUARDO BAPTISTA (Eudoxio) — Não pretendo enunciar todas as dificuldades que as cooperativas possam ter neste domínio mas, à partida, levanto imediatamente a questão económica. Em qualquer país, o ensino nunca pode ser analizado como uma actividade para dar lucro, desta maneira o ensino só é viável se fôr apoiado pelo Estado. Ora com as cooperativas isso não acontece, apesar destas terem retirado dos seus objectivos o lucro, como finalidade principal, ou secundária, do ensino. Por outro lado as cooperativas não dispoem de capital para poderem adquirir fàcilmente equipamento de laboratório, audio-visuais etc.

FERNANDO GUERREIRO (Proelium) — Quanto a este aspecto posso afirmar que na Proelium, o ano passado, no que diz respeito a material escolar, verifica-se a falta de material de laboratório necessário para acompanhar o ensino das ciências. E facto que existem dificuldades. No entanto elas não constituem um recuo, dado que as comissões orientadoras do ensino ninca pode ser analisado existencia e dos estorços que é necessário dispender para as suplantar. Ano após ano vamos procurando superá-las. A comprová-lo, este ano, além da secção de ciências do segundo ciclo, já em funcionamento no decorrer do ano passado, irá funcionar a secção de letras, em colaboração com a cooperativa Vis da Amadora. As dificuldades poderão ser vencidas à medida que o número de alunos for aumentando e, também, tanto quanto a cooperativa se for redicando na população.

D.L. — **As cooperativas têm beneficiado de alguns subsídios? Por outro lado que dificuldades de ordem pedagógica têm encontrado?**

LÍDIA SEQUEIRA CARNEIRO (Vis) — O que já se disse sobre dificuldades de ordem económica é, quanto a mim, suficiente visto que elas são extensivas a todas as cooperativas. As aqui representadas não têm subsídios nem ajudas governamentais. Refiro funadamentalmente uma outra dificuldade que é inerente ao método seguido na execução do ensino nestas colectividades. De facto, todo o trabalho de criação de ensaio, tem dificuldades no início.

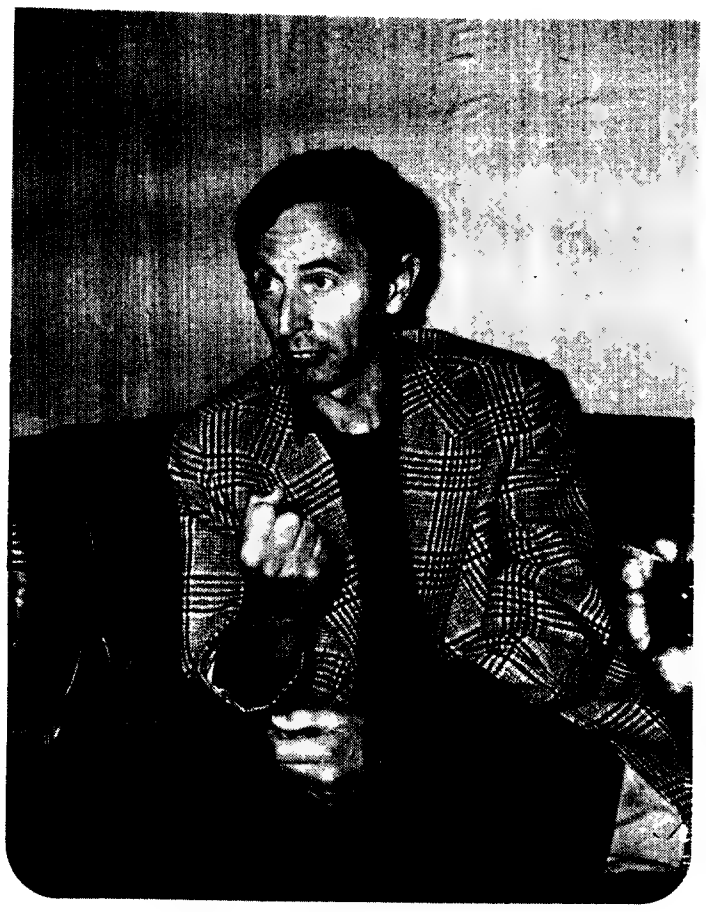
Se o trabalho que estamos a tentar fazer é, e eu penso que é, um trabalho de criação, então ele tem que estar nos primeiros passos. A maior parte destas colectividades tem dois, três, quatro anos no máximo. Nacessàriamente estamos com aquelas dificuldades de encontrar o processo mais adequado, que será adquirido com o tempo. No caso específico da Vis, notámos essa distinção. Tivémos um primeiro ano que foi de ensaio, e dois anos completos de ensino. Notámos bem a diferença qualitativa, de método. As consequências traduziram-se nos resultados que obtivémos em cada um destes períodos. Isto prova que quando as pessoas procuram e utilizam a experiência como a forma fundamental de ensino para elas próprias, como um método de análise mais correcto das situações, terminam sempre por encontrar a solução correcta. Esta é, portanto, uma dificuldade que eu queria sublinhar e que resulta de todo um processo de criação que está em início.

FERNANDO SEQUEIRA (Eudoxio) — Além do aspecto económico há a considerar o amadorismo do qual as cooperativas vivem em grande parte. As pessoas têm a sua vida, o seu trabalho e, nas horas vagas, dedicam-se ao trabalho cooperativo que, de uma maneira geral, não lhes dá meios de subsistência.

Ora para se realizar um trabalho realmente eficaz as pessoas devem dedicar-se inteiramente a ele. Para que tal aconteça são necessárias disponibilidades económicas que a maioria das cooperativas não tem. As cooperativas têm vivido da boa vontade dos seus sócios e dirigentes que lhes dedicam grande parte do seu tempo mas, quanto a mim, é só a partir do momento em que as pessoas pudessem viver para a actividade cooperativa é que o trabalho poderá ser verdadeiramente útil. A profissionalização não se faz por dificuldades económicas e as dificuldades económicas existem, em grande parte, porque não há profissionalização. Perante este impasse justificava-se que as cooperativas fossem ajudadas e não que lhes levantassem problemas. Nós, na Eudoxio, demorámos cerca de dois anos para conseguir a aprovação e legalização da cooperativa. Tempo e esforços despendidos numa actividade inútil. Gastámos energias, meios financeiros e muitos desistiram pelo caminho. Há dificuldades económicas, técnicas mas também há os obstáculos levantados à criação e à actividade das colectividades.

ANTÓNIO PINTO BASTO (C.C.C.) — O que acabas de dizer é, realmente, o ideal. Era muito bom que as secções tivessem os seus profissionais a dirigi-las e a dedicarem todo o seu tempo ao trabalho cooperativo, mas é evidente que chegaste a um círculo vicioso porque, por sua vez, haveria o problema económico para manter essas pessoas. Entretanto falou-se em subsídios. Sobre esse assunto eu penso o seguinte: não me parece muito difícil arranjar subsídios para levar por diante certo tipo de realizações.

Como consequência deste estado de coisas as atenções



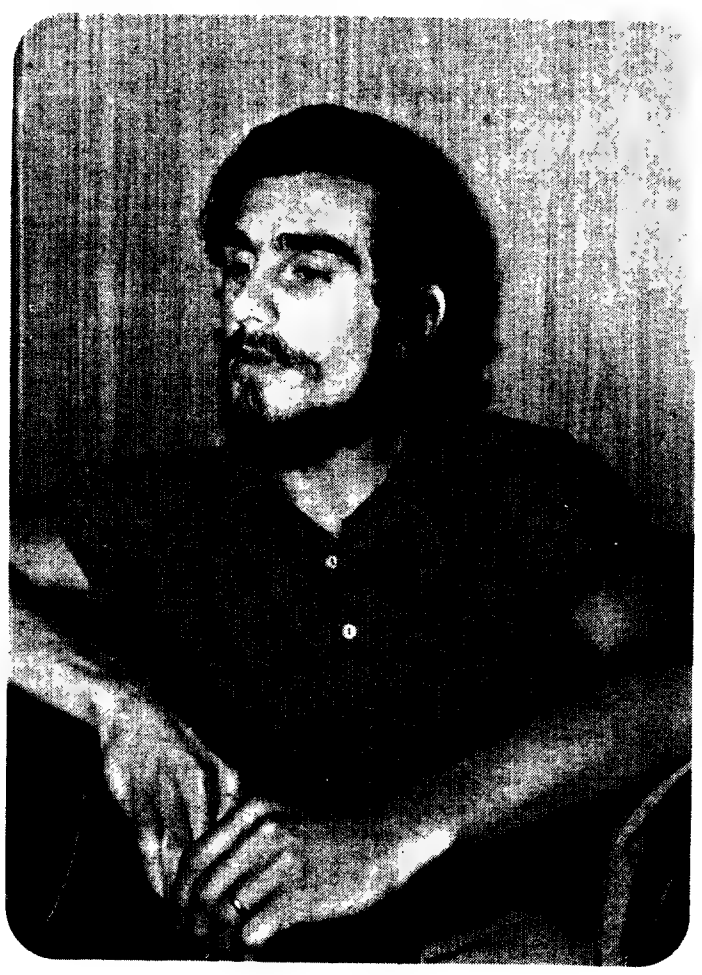
Fernando Sequeira

das cooperativas, durante mais de um mês, viraram-se para as prescrições legais que havia necessidade de cumprir tendo ficado de lado um aspecto que, nesta altura, já deveria estar definido que era o do ensino no próximo ano. Temos que trabalhar agora a todo o vapor nesse sentido. E isso precisamente que estamos a fazer.

FERNANDO GUERREIRO (Proelium) — Não há dúvida que, para já, o Decreto veio trazer um certo arrefecimento da actividade. Sócios e dirigentes cooperativistas ficaram na expectativa perante um futuro incerto.

FERNANDO SEQUEIRA (Eudoxio) — Não tenho dúvidas em afirmar que o Decreto 520/71 constitui um golpe nas cooperativas existentes. O pior talvez esteja para vir tendo em conta a forma drástica como ele poderá vir a limitar a actividade das cooperativas. As condições que rigoraram até antes do aparecimento do decreto eram favoráveis ao desenvolvimento do cooperativismo. Seria natural assistirmos, agora, ao aparecimento de novas cooperativas. Se elas aparecerem, entretanto, a sua actividade ficará bastante limitada devido precisamente à ecistência do decreto. As cooperativas existentes têm, até agora, conseguido superar as dificuldades resultantes da aplicação do Decreto graças ao apoio e mobilização da massa associativa. De uma meneira geral todos sentiram o problema e têm-se esforçado por reduzir ao mínimo as consequências de tal legislação.

Lídia Sequeira Carneiro



António Pinto Basto

EXCURSÕES CP

VALE DO TÂMEGA

no «COMBOIO HISTÓRICO»

em 30/9 e 1 de Outubro de 1972

★ Partida de Lisboa-St.ª Apolónia, no «Rápido», às 8.10, em 1.ª classe (modalidade 1) ou no «Foguete» às 14.10 (modalidade 2).
★ Almoço típico no Porto e visita panorâmica da cidade; Ponte da Arrábida, Mercado do Bom Sucesso, Leça do Balio (Mosteiro), Leixões, Matosinhos, Foz do Douro e Palácio de Cristal (jardim).
★ Alojamento no Porto em Hotel de 1.ª classe.
★ Viagem no «Comboio Histórico» de Livração a Celorico de Basto (via estreita), como nos bons velhos tempos... A sua pequena locomotiva e os seus pequenos e luxuosos salões, autênticas raridades de museu, numa evocação encantadora do passado, através de paisagens de sonho...
★ Almoço regional em Amarante.
★ Visita de Guimarães (Penha e Castelo).
★ Regresso em autocarro com enlace ao «Rápido» que chega a Lisboa cerca das 23.05.

PREÇOS POR PESSOA

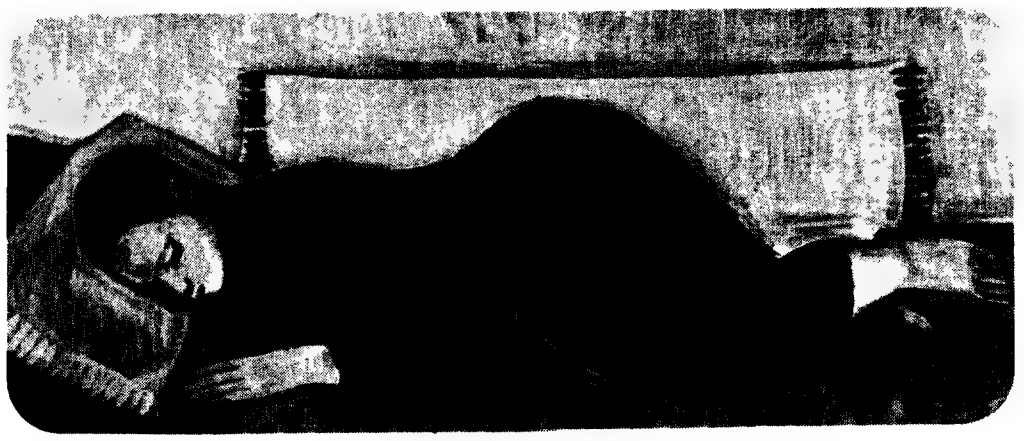
	Modalidade 1	*Modalidade 2*
Lisboa	780$00	690$00
Faro/Lagos	980$00	890$00
Santarém	750$00	660$00
Tomar	730$00	640$00
Coimbra	690$00	600$00

Informações e folhetos descritivos:

Estação de Lisboa-Rossio
Estação de Santa Apolónia
Rua do Arsenal, 124-1.º — Lisboa

Organização Telef. 367529

CONSULTE A SUA AGÊNCIA DE VIAGENS



PSIQUIATRIA E PSICOLOGIA

Por ORLINDO GOUVEIA PEREIRA

Continuação da primeira página

América, tanto o curso de Medicina como os cursos de Psicologia têm nível académico de doutoramento e não sòmente de licenciatura, como acontece com a Medicina entre nós.

À diferença de formação entre psicólogos e psiquiatras corresponde uma diferença de actividade. Enquanto que os psiquiatras se dedicam ao tratamento dos chamados «doentes mentais», os psicólogos dedicam-se, como cientistas, a descrever e prever o comportamento dos homens e dos animais, e como «práticos» a manipular esse mesmo comportamento. O campo da Psicologia é, pois, muito mais vasto que o da Psiquiatria, ùnicamente se intersectando ambos no que toca os comportamentos anormais, isto é, naquilo que se designa por **Psicopatologia.**

Ora, os psicólogos que se dedicam ao estudo desta última sub área da Psicologia, são designados internacionalmente por **psicólogos clínicos** e nos Estados Unidos, sòmente, o seu número excede os 12 000 (doutorados)! — Neste ponto estranho a afirmação do Dr. Bairrão Ruivo, que afirmou que para ele «não há psicólogos clínicos». Deve aqui haver uma subtileza semântica que me escapa.

E pois entre psiquiatras e psicólogos clínicos que maior confusão existe ao nível do público americano. Há uns cinquenta anos tal confusão era fácil de esclarecer. Actualmente as coisas não são tão simples. Neste último meio século, os psicólogos clínicos abandonaram pouco a pouco a sua posição de auxiliares do diagnóstico «que fazem testes psicológicos» para ultrapassarem os psiquiatras no que toca à investigação das perturbações mentais e lhes invadirem a missão tradicional de tratarem os clientes. E que hoje, custe a quem custar, é um facto incontroverso que um grande número de psicólogos se dedica quase exclusivamente à **psicoterapia**, essa técnica peculiar de auxiliar pessoas ùnicamente através do contacto interpessoal e principalmente por via da palavra falada.

E claro que só os psiquiatras, por serem médicos, podem prescrever drogas psicoactivas e outros métodos físicos de tratamento como o electrochoque, etc. No que toca a psicoterapia, que como se sabe foi iniciada com a psicanálise de Freud, verifica-se que tanto psiquiatras como psicólogos a utilizam.

Nos meios médicos reaccionários contesta-se o uso das psicoterapias por leigos (não-médicos) argumentando-se que os actos médicos só a médicos devem ser permitidos. Não obstante, o facto é que vários psicólogos contribuiram com diversas escolas originais de psicoterapia que permitiram ultrapassar os esquemas rígidos, ortodoxos, demasiado prolongados e caros da psicanálise. Entre os exemplos mais marcantes citem-se a terapia-centrada-sobre-o-cliente de C. Rogers (já publicado entre nós) e a terapia-racional-emotiva de Ellis (ainda desconhecido).

Contudo as psicoterapias mais tipicamente psicológicas são, como muito bem sublinhou o Dr. Afonso de Albuquerque, as revolucionárias técnicas condutistas (behaviour therapies), isto porque o condutismo de J. Watson constitui a mais radical rotura com o modo tradicional, filosófico e médico, de pensar a mente humana. Watson prescinde da consciência em Psicologia Experimental, não porque negue — note-se bem — a vivência de uma experiência consciente humana, mas porque o uso de tal conceito como «construto» científico é desnecessário e fonte de inúteis complicações na descrição, previsão e modificação do comportamento. Deste modo o único observável pelo psicólogo cientista, é o comportamento dos organismos — tanto humanos como animais — ; as «doenças mentais» não são senão comportamentos anormais; a sua «cura» não é senão a modificação desses comportamentos.

O impacto deste modo novo de pensar a psicologia, foi tremendo e é curioso notar que entre os primeiros proponentes e mais originais criadores de terapêuticas condutistas vamos encontrar psiquiatras como Wolpe. (O mesmo se passa com outras correntes psicológicas não psiquiátricas, como por exemplo o psiquiatra Pearls, ao buscar, um tanto exotèricamente, a sua psicoterapia na corrente Gestáltica).

Verificamos pois que profissionais de formações diferentes se encontram ao nível da psicoterapia. Esta na realidade é praticada, nos países desenvolvidos, tanto por psiquiatras como por psicólogos. Deste modo o dilema psiquiatra clínica-psicanálise é bem um provincianismo português. O problema real e vital situa-se então no que respeita à escolha de um sistema de psicoterapia adequado ao doente em causa, e na base deste problema encontra-se toda a controvérsia das teorias das «doenças mentais».

AS TEORIAS DAS PERTURBAÇÕES MENTAIS

Hoje em dia há inúmeras psicoterapias e várias teorias das doenças mentais. Se tal facto revela a infância da arte de tratar o homem perturbado, há que buscar as suas origens na evolução histórica quase independente da Psiquiatria e da Psicologia.

Zilboorg na «História da Psicologia Médica» (leia-se: psiquiatria) oferece-nos uma chave para o nosso enigma ao afirmar que se foi o sofrimento humano, a doença, que originou o curandeiro e depois o médico, foi pelo contrário o médico que conquistou para a Medicina o comportamento humano desviado que se designou por doença mental.

Noutros tempos e noutras civilizações, alguns indivíduos hoje designados «loucos» foram venerados, ouvidos atentamente e até seguidos cegamente por nações inteiras. O encarceramento dos «alienados» é um fenómeno recente, produto do racionalismo rós-renascentista e a sua libertação e tratamento como «doentes» o resultado do espírito humanitário da Revolução Francesa.

Em Medicina considera-se desde Hipócrates que toda a doença é resultado de causas naturais (etiologia) e desde Wirchow que a ela corresponde uma alteração da anatomia e da fisiologia (funcionamento) do organismo. O processo anátomo-fisio-patológico que é a doença, manifesta-se no organismo por **sinais** observáveis pelo médico e é referido pelo doente como **sintomas** do seu padecimento. Na base da colheita de sinais e sintomas o médico diagnostica a doença, formula um prognóstico e prescreve uma terapêutica que visa a cura do processo orgânico.

Foi este mesmo modelo que os psiquiatras utilizaram — e utilizam — para conceptualizar as recém-definidas «doenças mentais». Ao longo da história em muitos poucos casos conseguiram os psiquiatras demonstrar o substracto orgânico das doenças mentais, o caso mais típico sendo ainda a paralisia mental, uma forma de sífilis do sistema nervoso central que se manifesta com sintomas de psicose. As doenças mentais menores (por oposição às psicoses), as chamadas paradoxalmente **neuroses**, escaparam desde sempre a este modelo médico e foi a seu respeito que Freud ao lançar os fundamentos da psicanálise, abriu a esperança de se virem a compreender e a curar, com base na consideração da motivação inconsciente. Contudo o modelo de Freud é ainda um modelo médico, tanto estruturalmente quanto pelo recurso às especulações de carácter energético. O uso desviado da energia psíquica — a líbio — representa o processo fisiopatológico e é na base de sintomas e sinais que o doente é observado pelo psicanalista. A transferência, fenómeno típico da nálise e base da cura, o desenvolver de uma relação de dependência do cliente em relação ao analista, traduz um reinvestimento da energia num novo objecto (o médico), e a liquidação da transferência, o desfazer da dependência uma vez desnecessária, é a cura.

Por estas teorias se ficou a psiquiatria... até hoje.

Os psicólogos emanciparam-se da Filosofia com Wundt e da Medicina com Helmholtz; ganharam respeitabilidade ao resolverem o problema do tempo de reacção dos astrónomos; galvanizaram o mundo da Física ao demonstrarem com Mach que certas bandas luminosas que os olhos vêem mas que os instrumentos de óptica não detectam são meros produtos do funcionamento cerebral; mostraram que eram capazes de usar medidas rigorosas com Fechner e inventaram novas técnicas de lidar com os números, como Galton, que foi também o precursor de todas as técnicas de investigação moderna; afastaram-se ainda mais da tradição filosófica com a Escola de Wuertzburg e com a teoria da forma e do fundo (Gestalt) e romperam finalmente com ela com Watson. Empenhados em resolver problemas diferentes dos tradicionais à Medicina, e auto definindo-se no progresso dessa resolução, os psicólogos chegaram ao campo das doenças mentais, já neste século, com uma visão e uma preparação diferente da dos médicos. Além disso, eram essencialmente cientistas e não homens de acção assediados pela necessidade imediata de curar ou pelo menos de aliviar o sofrimento dos seus semelhantes. Por esse facto o modelo médico de doença mental surgiu-lhes como não assente em factos e o modelo psicanalítico como demasiadamente filosófico, literário, fantasioso e principalmente como não adaptado ao inquérito científico tal como eles o concebiam. A psicanálise é com efeito uma teoria incapaz de prever comportamentos futuros, e só com base em previsões é possível — asseveravam os positivistas lógicos — confirmar ou infirmar teorias.

Havia lacunas graves (colmatadas por artifícios e palavras) nas duas concepções «oficiais» das doenças mentais. Senhores de um método e de uma maneira descomprometida de observar, os psicólogos viram-se na necessidade de criar novas teorias para explicar, prever, verificar e modificar o comportamento humano desviado. De entre todas, como se disse, a concepção condutista é a mais radicalmente inovadora.

Foi decerto também porque tanto a psiquiatria clássica, mesmo depois da aquisição das drogas modernas, quanto a psicanálise, demasiado longa e demasiado cara, deixaram graves lacunas que os psicólogos se lançaram na aventura do tratamento, invadindo o campo tradicional da Medicina. Dada a sua contribuição inovadora, o impacto social dos seus métodos, com resultados por de mais documentados, só os espíritos tacanhos, sedentos de poder e receosos de perdas financeiras, podem ainda, perante a realidade dos factos, tentar combater a sua acção e negar-lhes o estatuto de igualdade.

Fria e calmamente admitamos como o disse um americano, que uma quinta profissão surgiu no campo da Saúde Mental, a de **psicoterapeuta.** Às pessoas inteligentes só resta aceitá-la com júbilo. O problema real está — esse sim — em se tanto a preparação médica quanto a preparação psicológica são as mais adequadas para o psicoterapeuta. É que é possível pensar, que uma preparação específica — uma inovação total nos cursos académicos ainda desconhecida em todo o mundo — é possível e talvez desejável. Porque não havemos de ser nós portugueses — habitantes deste velho país de descobridores — os primeiros a tentar tal via?

Julgo que ainda estamos a tempo, mas julgo também que não seremos capazes. Pois se ainda nem sequer formamos psicólogos! Pois se ainda não resolvemos os problemas básicos de uma medicina curativa que abranja eficazmente toda a população! Pois se andamos a rearrumar as cadeiras do curso em vez de reformar o ensino médico! Pois... pois.

O espírito de quinhentos é uma utopia do passado, a formação dos psicoterapeutas uma utopia do presente.

DOENÇAS MENTAIS E SAÚDE MENTAL

Mais do que curar doenças interessa preveni-las e promover a saúde. E um lugar comum mundial e uma utopia portuguesa, no que respeita a Saúde Mental.

Não temos psiquiatras em número suficiente, não os conseguiremos formar com o rumo que leva o ensino médico. Não temos enfermeiros psiciátricos em número suficiente e com estatuto ef e c tivo. Pior é ainda a situação dos assistentes sociais. Ainda não formamos psicólogos. Para enegrecer o quadro acrescente-se que não

CAUNY

A MAIS ALTA PRECISÃO SUIÇA

CRONOGRAFO

Exactitud
Precisión
Seguridad

Exija a marca CAUNY gravada na coroa e na parte exterior da caixa

Externato
Sebastião da Gama
CICLO PREPARATÓRIO E LICEAL
ABERTAS AS INSCRIÇÕES PARA O PRÓXIMO ANO LECTIVO
Av. Almirante Reis, 106, 1.º — Telfs. 822776/823531
(Em frente da Cervejaria Portugália)

concebo psicólogos clínicos sem o grau de doutor. Como será possível formar psicoterapeutas? E conselheiros psicológicos?

Não tentarei resolver aqui — na letra de forma de um jornal é por vezes fácil — nem apontar soluções. Direi simplesmente que sem que se resolva o problema económico, quer do ensino quer dos profissionais da Saúde Mental — não é possível avançar. Direi também que me parece que enquanto não tivermos em Portugal um Serviço de Saúde Nacional unificado ou único não será possível avançar em qualquer aspecto da promoção da saúde. Direi ainda que só depois de encarados e resolvidos os problemas económicos e da saúde em geral se deve pôr o problema da formação de psicoterapeutas e de conselheiros psicológicos.

Em primeiro lugar, penso que são outras formas de psicoterapia e não a psicanálise que necessitamos no plano social. Depois tentarei explicar o que entendo e porque necessitamos de conselheiros psicológicos.

QUANTO CUSTA A PSICANÁLISE?

Para além dos problemas científicos (graves) e das indicações (restritas) da psicanálise, o custo que lhe é inerente — a sua quase essência — restringe qualquer veleidade de a aplicarmos no plano social.

O Dr. Francisco Alvim, que nos deu na Mesa-Redonda uma imagem muito viva e interessante do processo psicanalítico, afirmou para nosso assombro que a psicanálise não era «para pessoas ricas».

O leitor que faça as contas baseado na informação de que uma psicanálise dura entre dois a cinco anos, envolvendo três a cinco sessões semanais. Multiplique os números extremos pelas 52 semanas do ano e depois pelo preço de uma sessão. Assim encontrará dois limites astronómicos em escudos. Depois divida para saber quanto custa uma psicanálise por ano. Não se espante. Se dividir por doze calculará que uma psicanálise custa por mês entre 5.000$00 a 11.000$00!

Será que o leitor terá necessidade de consultar uma distribuição dos rendimentos médios dos portugueses para saber quem se pode dar ao luxo de fazer psicanálise neste país?

A INFLUÊNCIA DA PSICANÁLISE

Estou de acordo com o Dr. Francisco Alvim em que a psicanálise «influenciou todas as formas de psicoterapia existentes». Não obstante, dou a estas palavras um significado específico. Penso que a influência da psicanálise sobre as outras psicoterapias tem sido bem mais negativa que positiva. Por ter sido a primeira històricamente e se ter fortemente institucionalizado — qual sociedade para iniciados — a psicanálise impediu mais que facilitou o progresso genuino de outras formas de psicoterapia.

Entre essas influências conta-se o uso do divã (que felizmente já passou ao museu), a hora de «cinquenta minutos» (que ainda é conveniente), o comportamento abstencionista do psicoterapeuta (que prolonga o processo para além do necessário) e a relação de um-para-um, do cliente para o terapeuta (que há que ultrapassar).

Como dizia o mais revolucionário dos psicanalistas heterodoxos, Sullivan, a psicoterapia é um encontro entre um cliente, que sofre, e um perito em relações interpessoais, que, é suposto vir «ajudá-lo». Esta é a relação médica, clínica (ao lado da cama) tradicional que se mantém ainda nas terapias de grupo.

As psicoterapias de índole psicológica vieram minar este princípio indiscutível (o que até acarreta consequências jurídicas e sociais imprevisíveis). Uma das conquistas dos psicólogos foi não tomar o indivíduo como único cliente. A família, a empresa, a comunidade, considerados como unidades que manifestam um comportamento global, que pode ser conveniente modificar, podem ser clientes do psicólogo (difícilmente do médico). Esta nova visão tem consideráveis vantagens. Dados recentes demonstram claramente que o tratamento do casal na mesma sessão é muito mais eficiente que o tratamento do cônjuge considerado «doente» ou mesmo que o tratamento de cada cônjuge por seu psicoterapeuta, como é norma em psicanálise. Por outro lado a psiquiatria comunitária já deu provas cabais nos países evoluídos e até foi tentada entre nós. Eu mesmo andei envolvido nas fases iniciais do movimento mas parece-me que a psiquiatria comunitária é radicalmente oposta à maneira actual de viver portuguesa, pelo que cedo ou tarde será esmagada.

«A PSIQUIATRIA DA PASTILHA»

Lamento não poder ser mais optimista.

Tal como o Dr. Alvim referiu — e nisso estamos em pleno acordo — também eu já senti toda a insatisfação e frustração que causam a prática da neurologia e da psiquiatria nos hospitais portugueses. Mòrmente, não posso esquecer a situação trágica daquela multidão de pessoas que procuram as consultas de psiquiatria na esperança de serem ajudados na resolução de problemas ingentes da sua vida e que ao fim e ao cabo recebem das mãos dos médicos, assoberbados por um número insuportável de «clientes» por tempo disponível, uma receita de tranquilizantes!

E o que já alguém chamou a «psiquiatria da pastilha». — Ah, essa tão portuguesa reacção à tragédia pela força!

Como diz Sophia de Mello Breyner Andresen:

«Pois esta gente tem/o rosto desenhado/Por paciência e fome/É gente em quem/Um país ocupado/Escreve o seu nome».

Pois esta gente não tem qualquer «doença mental»! Esta gente é pobre. Esta gente nunca teve uma sã Educação. Nem social, nem sexual, nem política. Nem sequer teve instrução condigna.

E é a esta gente.

«Ignorada e pisada/Como a pedra do chão/«E mais do que a pedra/Humilhada e calcada» que o médico oferece o papel branco da receita!

O nosso problema, creio eu, a base dos nossos problemas resume-se na palavra educação. Sem ela, também compreendida em toda a sua amplitude, em toda a sua problemática, em todo o sacrifício que imporá ao país, se nela se procurar a solução verdadeiramente humana dos graves problemas nacionais, nunca poderemos ter uma Saúde Mental genuínamente alicerçada.

Para além dela, desculpem o apontar da solução prosaica depois do confronto poético, julgo que os conselheiros psicológicos — os psicológicos que se ocupam dos problemas humanos não patológicos — poderão vir a desempenhar um papel relevante, tal como o fazem noutras sociedades.

Eis alguns dados do problema.

A questão da Saúde Mental em Portugal é, pois, quanto a mim, um problema muito mais geral de reforma do sistema de viver português. Por esse facto não alimento esperanças de o ver sequer encaminhado para soluções concretas nos anos mais próximos.

É o próprio sistema condutista de encarar a Psicologia que me leva a este amargo prognóstico. É que o melhor modo de prever o comportamento futuro, quer de um indivíduo quer dum grupo, é saber qual foi o comportamento anterior.

ALARME PARA DOIS ANOS

Por TORQUATO DA LUZ

Ora vejam lá se não tenho razão para estar alarmado: o mundo vai acabar dentro de, pouco mais ou menos, dois anos, tempo manifestamente pouco para me redimir dos muitos pecados cometidos ao longo da minha (se bem que curta) existência e conquistar, assim, direito ao eterno repouso entre os justos.

Encontrava-me eu metido na banheira, repousando ao fim de um dia de trabalho e tentando esquecer muitas coisas, quando, de súbito, um aflitivo retinir da campainha da porta veio chamar-me à realidade. Não liguei, a princípio mas a insistência no toque obrigou-me a abandonar ràpidamente o banho, vestir o roupão e vir correndo, descalço, até à porta. Talvez fosse alguma coisa urgente, quem sabe?

Depararam-se-me duas senhoras, rigorosamente vestidas de negro, que vinham dar-me a (má) nova: o mundo vai acabar. Repliquei que, sim senhor, era muito possível, ele acaba todos os dias para uns quantos (nem sempre os mais indicados, é claro), mas eu tinha mais que fazer, até por acaso estava no banho e corria o risco de uma pneumonia — o que talvez até abreviasse, quanto a mim, o prazo dado pelas senhoras.

Que não era brincadeira, disseram-me. Os desígnios do Altíssimo eram esses, não havia que duvidar. Que me preparasse, portanto. «Só a penitência pode salvar-nos» — declarou uma das fúnebres damas, enquanto levava aos olhos um lenço impecàvelmente branco. Concordei. «A penitência e a caridade» — insistiu a senhora. Tornei a concordar, porque não tinha outra alternativa e o frio que vinha da escada agigantava o espectro da pneumonia.

«Está V. Ex.ª, portanto, preparado para uma vida de oração, penitência e caridade, nestes dias que lhe restam? «Que sim, respondi, cheio de medo. «Então — sentenciou o meu carrasco — deve começar por contribuir, desde já, com qualquer coisa para a nossa obra». E estendeu-me, decididamente, a mão, sem entender o alcance da minha pergunta: «Nossá... quê?».

Corri à carteira, saquei de «qualquer coisa» (esquecendo-me, momentâneamente, da renda da casa, do imposto profissional, do seguro do carro, etc, mas, que diabo!, tratava-se da minha salvação), dei essa «qualquer coisa» às senhoras e já gozava as delícias (uf!) de me ver livre delas, quando, para além da porta já fechada, ainda lhes ouvi a profecia terrível: «Vá preparando a sua alma! Nós voltaremos!».

Ora digam-me lá se não tenho razão para andar alarmado.

COMPANHIA DOS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES

SOCIEDADE ANÓNIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

Sede: Calçada do Duque, 20 — LISBOA

ADMINISTRAÇÃO

PAGAMENTO DO JURO DE OBRIGAÇÕES RELATIVO AO SEMESTE DECORRIDO DE 1 DE ABRIL A 30 DE SETEMBRO DE 1972

São avisados os portadores das seguintes obrigações de que o pagamento do juro relativo ao semestre decorrido de 1 de Abril a 30 de Setembro de 1972, será efectuado a partir de 1 de Outubro p.º f.º, aos seguintes preços:

Emissão C. P. 4,5% — 1965
Esc. 22$50 — para os títulos ao portador e nominativos

Emissão C. P. 4,5% — 1966
Esc. 22$50 — para os títulos ao portador e nominativos

Emissão C. P. 5,5% — 1967
Esc. 27$50 — para os títulos ao portador e nominativos

O pagamento efectuar-se-á:
para os títulos ao portador (cupão):

na Sede da Companhia
no Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa
no Banco Fonsecas & Burnay, em Lisboa e Porto
no Banco Totta & Açores, em Lisboa e Porto
no Banco Pinto & Sotto Mayor

para os títulos nominativos:
na Sede da Companhia
na Filial do Banco Fonsecas & Burnay, no Porto

O pagamento na Sede da Companhia, efectua-se **todos os dias úteis, desde as 10 horas às 13 horas e aos sábados das 10 horas às 11 horas.**

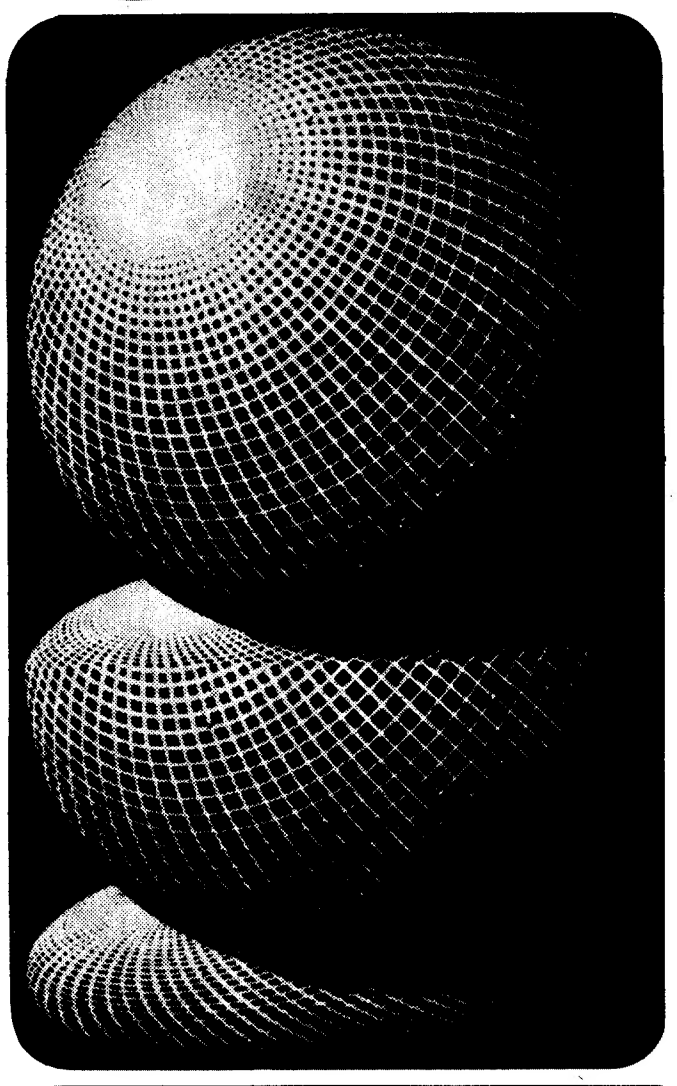
Lisboa, 14 de Setembro de 1972.

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

BIOLOGIA E ÉTICA

Exclusivo «LE MONDE» «DL»

NEM TODAS AS DESCOBERTAS SÃO SINÓNIMO DE PROGRESSO



Sessenta especialistas do mundo inteiro participaram durante três dias, de 4 a 7 de Setembro, em Paris, numa «mesa redonda» organizada na UNESCO pelo conselho das Organizações Internacionais das Ciências Médicas, sobre o tema: «Os recentes progressos da biologia e da medicina e o seu alcance social e ético. «Bébés-proveta, banco de esperma, troca de núcleos celulares, manipulações genéticas, correcções cromosòmicas, estas fórmulas repetem-se no vocabulário dos homens de ciência que na rã, nalguns mamíferos e até no ser humano já começaram a realizar o que durante muito tempo foi a ambição utópica e perigosa do homem: intervir no comportamento da sua própria espécie.

De facto, o aumento do número de taras hereditárias chega a preocupar. «Sentimo-nos no direito de nos perguntarmos se as consequências da intervenção médica não são nefastas no sentido de que, opondo-se à selecção natural, aumentam o número de genes deletérios na descencia dos doentes que se tornaram, graças a nós, capazes de reprodução», declarou por essa ocasião o professor Lamy, que vê no conselho genético e nos métodos de prevenção voluntária o único meio realista, de remediar o caso. Outros geneticistas mostraram-se mais temerários no passado: o prémio Nobel alemão Hermann Müller propôs, em 1966, no Congresso de genética de Chicago, seis meses antes de morrer, uma selecção de «genitores» saudáveis, inteligentes, sociáveis, e cujo esperma teria sido armazenado e proposto num catálogo aos pais que desejassem ter filhos? Quanto ao inglês Francis Crick, igualmente prémio Nobel, (por ter descoberto a estrutura dos acidos nucleeiros, propôs recentemente aos governos acrescentarem aos alimentos (e à água da torneira) um produto inibindo a fecundação; apenas os indivíduos com uma licença especial poderiam obter o antídoto que autorizasse a procreação.

RÉPLICAS HUMANAS

Os participantes do colóquio da UNESCO mostraram-se impressionados com o facto de que os homens de ciência, cuja competência é inegável, tenham podido mostrar-se tão inconsequentes.

Num outro campo (a técnica do **cloning**) aperfeiçoada por Gurdon e Woodland) aprendeu-se a trocar os núcleos das células de rã e a fazer nascer desse modo animais cujo património hereditário foi «escolhido». Pode escolher-se por este processo fabrica-se indefinidamente gémeos verdadeiros, por exemplo. Este método está actualmente em estudo e faz-nos crer que cedo poderá ser aplicado com vantagem na criação de animais. «No que diz respeito ao homem, declarou o dr. Klein, do Instituto de genética médica de Genéve, os augúrios fixam já à roda dos anos 2020 a 2030 o momento em que será possível fabricar replicas exactas de seres humanos.

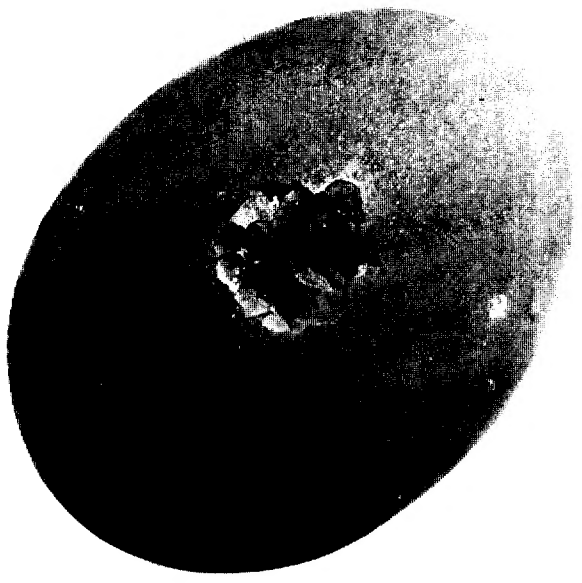
«Admitamos por momentos que esses seres nascidos por **cloning** constituem uma eventualidade próxima, e que possa criar-se um meio ambiente adequado para essas «famílias» formadas por réplicas de dados indivíduos. Será o processo algum dia aprovado por qualquer governo? Continuando a imaginar, tomemos a hipóteses de que um Estado totalitário deseje reinar sobre um povo assim esteriotipado, composto de indivíduos com a mesma constituição, o mesmo temperamento, e o mesmo carácter. E supondo que um tal **closing** seja autorizado por um Estado democrático, que género de controle se exerceria, e, segundo a eterna e platónica interrogação, quem controlaria os controladores?»

A NOVA MITOLOGIA

A microcirurgia genética pode inquietar da mesma maneira.

As primeiras tentativas de correcção, para eliminar um géne indesejado, ou, por síntese ou pelo intermédio de um vírus, para colocar um géne que faltava e era indispensável, foram já feitas. Mas os resultados são acolhidos com cepticismo: «Este género de operações são quase inacreditáveis, diz o dr. Klein, Se considerarmos o número das associações de nucleotidos de uma só célula germinal humana é da ordem de um bilião, repartidas por 46 cromosomas.

«Eis a nova mitologia, que apaixona os mais eminentes especialistas da biologia nuclear e ressuscita no subconsciente do homem da rua os seres fabulosos e todo-poderosos da antiguidade e da Idade-Média. Mas não possuímos ainda nem os conhecimentos, nem sobretudo a sageza que justifique semelhantes meios».



Esta mesma convicção foi afirmada pela maior parte dos participantes no colóquio da UNESCO, que desejam cada vez mais ver os pesquisadores avançarem com prudencia. Assim, o professor Boesilger, de Montpellier, concluíu que «por razões puramente científicas, logo, fora de todas as considerações humanas, o eugenismo deve ser condenado sob quase todas as formas preconisadas até hoje.

Em conclusão, os homens de ciência reconhecem que a inovação nem sempre é sinónimo de progresso, que toda a novidade biológica não é obrigatòriamente razoável nem desejável. Bloquear a pesquisa? Nem pensar nisso. Mas quando os progressos da ciência se aplicam ao homem, impõem-se a circunspecção. No tratamento, pode encarar-se, mas com prudência, agora quando se trata de curiosidade, o melhor é abster-se. Os participantes no colóquio recomendam que se mantenham os pés bem assentes na terra: no estado actual do conhecimento, os métodos de prevenção e de despistagem de doenças hereditárias deveriam pesar mais nos espíritos do que as arriscadas construções feitas a partir de experiências que não puderam ainda dar as suas provas. O problema, aliás, não é só da genética encontramo-lo em todas as disciplinas biomédicas, na neurobiologia, nomeadamente, como o sublinhou o professor Gellhorn: «A psicofarmácia dá-nos hoje meios de manipularmos o comportamento humano».

A GUERRILHA DO CALÃO MÉDICO

O hexachloroféne, «substância venenosa» hoje em dia, era ontem um «slogan» publicitário. A linguagem esotérica sempre fascinou o público. No tempo de Melière, os apoticários falavam latim. Os médicos de clínica geral utilizam agora um dicionário técnico de 50 mil palavras (contra quatro mil da linguagem usual do francês médico) ou seja o equivalente a doze línguas estrangeiras. O vocabulário médico total compreende tantas palavras quantas as do vocabulário de base de trinta línguas vivas.

No último número de Santé du Monde o dr. Alexandre Manuíla, chefe dos serviços de publicações e traduções da Organização Mundial de Saúde (OMS) indica que o desenvolvimento das especialidades multiplicou por sete o vocabulário médico desde o princípio do século. Raros são os farmaceuticos e os médicos que têm oportunidade de usar o seu latim entre o formigueiro de nomes novos de produtos que, todos os meses aparecem no mercado. Mesmo quando a fórmula da composição está indicada, é, por vezes tão complicada que só um químico profissional a decifrará. Ora o hermetismo e a mutiplicação dos termos raramente se justificam. O vocabulário médico é o mais abundante e anárquico que há, é uma verdadeira guerrilha».

Para evitar que um mesmo remédio seja designado por 20, 40, ou 80 termos, a O.M.S. pede aos fabricantes que imponham um nome internacional ao lado da nominação comercial. Mas por agora só alguns paises — a França, a Inglaterra, os Estados Unidos e a Russia — seguem essa regra de prudência.

A multiplicação dos sinónimos não só é inútil como nefasta: o fungo responsável pela candidose, doença da pele, foi designado por setenta nomes diferentes. Ora os termos-parasitas provocam por vezes dramas. Foram precisos muitos meses para retirar da venda a **talidomida,** o medicamento que provocava o nascimento de crianças anormais, pois, por falta de um vocabulário uniforme, era-se incapaz de saber com precisão quais os produtos que a continham.

O remédio parece difícil de encontrar. Mas que tal uma boa sangria?...

CURSOS INTENSIVOS

INSCRIÇÕES LIMITADAS

CICLO PREPARATÓRIO — num ano
5.º ANO ..... — num ano
7.º ANO: Port., Ing., Alem., Lat.,
Fil., Org., Mat., Hist., Geog.

Familiares de alunos — Descontos Especiais — Militares

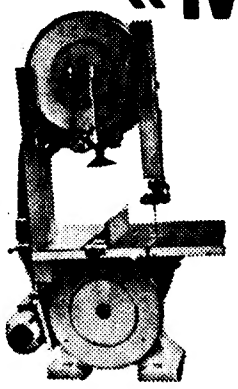
LABORATORIOS PRÓPRIOS

1.º TURNO: das 15.30 às 17.30 h.
2.º TURNO: das 18.30 às 20.30 h.
3.º TURNO: das 20.30 às 23.30 h.

Professores diferentes para cada disciplina

Rua Joaquim Bonifácio, 8, 2.º (a 2 m. do Metro - Anjos)
Telefs.: 561897 - 561268 — Informações das 15.30 às 21.30 h.

«MIDA»



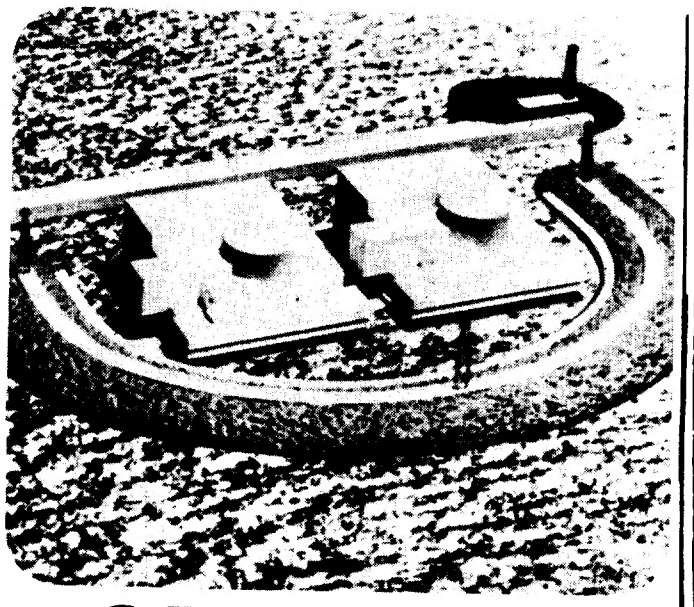
UMA FÁBRICA ALTAMENTE ESPECIALIZADA NO FABRICO DE MÁQUINAS PARA AS INDÚSTRIAS DE:

- SERRAÇÃO
- CARPINTARIA
- MARCENARIA

SERRA DE FITA
MOD. SF-70-80-90

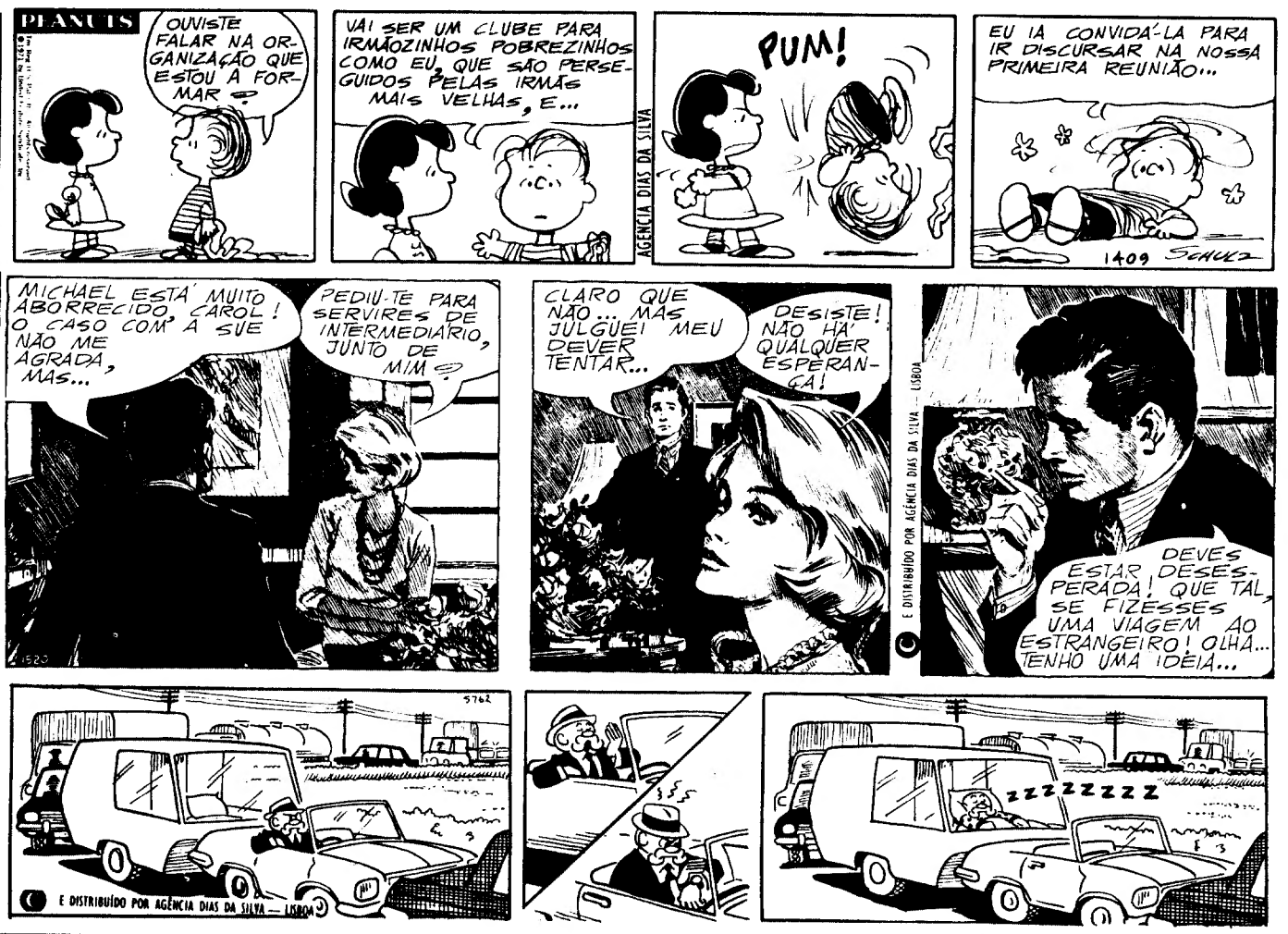
Fábrica: TROFA (Tel. 94923/4/5)

FILIAL EM LISBOA:
AV. DEFENSORES DE CHAVES, 3/A (TELEF. 44147)



CENTRAL NUCLEAR

Acabam de ser assinados os contratos formais para a construção da primeira central nuclear marítima. A nova unidade ficará colocada ao largo da cidade americana de Atlantic City, protegida por um quebra-mar muito espesso. A foto mostra uma maqueta da central, construída para a companhia de electricidade que abastece 80 por cento da população do Estado de Nova Jersey. A unidade ficará dentro das três milhas das águas territoriais e produzirá 1.150 megawatts por cada um dos elementos que se vêem na maquete



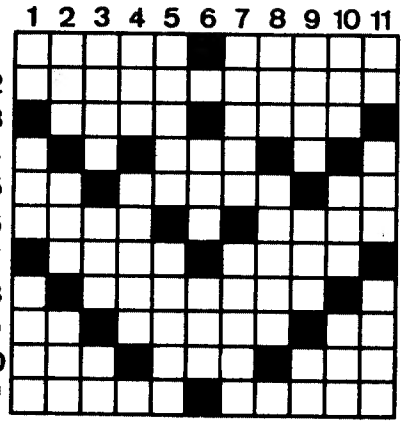
Palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO

PROBLEMA N.º 10202

HORIZONTAIS

1 Primeira parte do nome da capital da Federação da Malásia e do estado de Selangor. Segue.
2 Guardaram.
3 Género de peixes ganóides dos rios dos Estados Unidos. Pronome pessoal.
4 Artigo definido. Pronome possessivo.
5 Preposição. Saquinho onde se traz o dinheiro. Lê.
6 A voz do lobo e de outras feras. Artigo definido. Fronteira.
7 Ata. Ave de rapina.
8 Lascas.
9 Osmio (s.q). Reunes. Nesse lugar.
10 Conjunção. Rata. Trezentos em romano.
11 Esqueça. Faz serão.



VERTICAIS:

1 Cálcio (s.q). Pronome possessivo. Amo.
2 Larva das feridas dos animais. Um milhar. Preposição.
3 Equipo. Forma apocopada e proclítica de vale. Nota musical.
4 Obrigação. Mossas.
5 Talvez. Fruto da amoreira.
6 Pronome pessoal. Íntimo.
7 Despedida. História.
8 Oxido de cálcio. Baús.
9 Jarro (planta). Preposição e artigo definido (pl). Crómio (s.q).
10 Bigorna de aço sem hastes. Caminhar para cá. Ferro temperado.
11 Amónio (s.q). Mãe de Romulo e Remo. Bica.

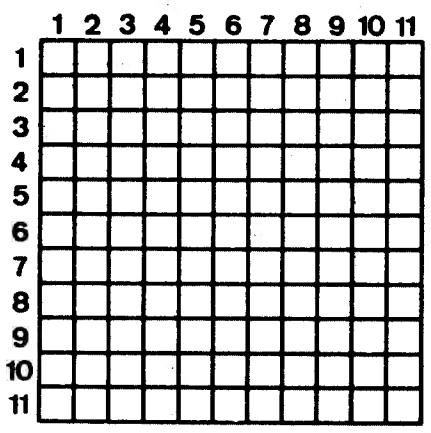
Resolveu completamente este problema?
Procure então como segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 6358

HORIZONTAIS

1 Cidade da Bélgica. Antiga cidade de Monte Albano
2 Troçará. Leito.
3 Antiga capital da Birmânia. Acrescentei.
4 Cidade da Polónia. Lugar muito quente (fig.)
5 Chefe etíope. Rate.
6 Balcões
7 Prata (s.q). Corar (fig). Apelido.
8 Introduzia. Versejem.
9 Lingua vernácula indiana. Rezai.
10 Em a. Miriare. Campeão. Reis.
11 Pedra de altar. Donzela de Orleães. Sustento.



VERTICAIS

1 Estavas. Iguaria feita de farinha de mandioca, ou de milho com feijão, carne ou peixe.
2 Dar uivos. Produzir.
3 Maldições. Pronome pessoal.
4 Palavra latina pela qual começam muitos documentos pontifícios de interesse para Portugal. Guarneceriam de asas.
5 Prefixo de privação. Filtra. Autores (abrev).
6 Idem. Utensílios domésticos.
7 Pequena ilha francesa fortificada do Mediterrâneo. Oferecer. Actínio (s.q).
8 Antes de Cristo. Espécie de lenço usado pelos Romanos para limpar a boca e o suor do rosto. (pl).
9 Apelido. Abreviatura da palavra inglesa mister (senhor).
10 Prefixo de negação. Sódio (s.q). Messe.
11 Ilha do Pequeno Belt. Nome de três rios da antiga Grécia.

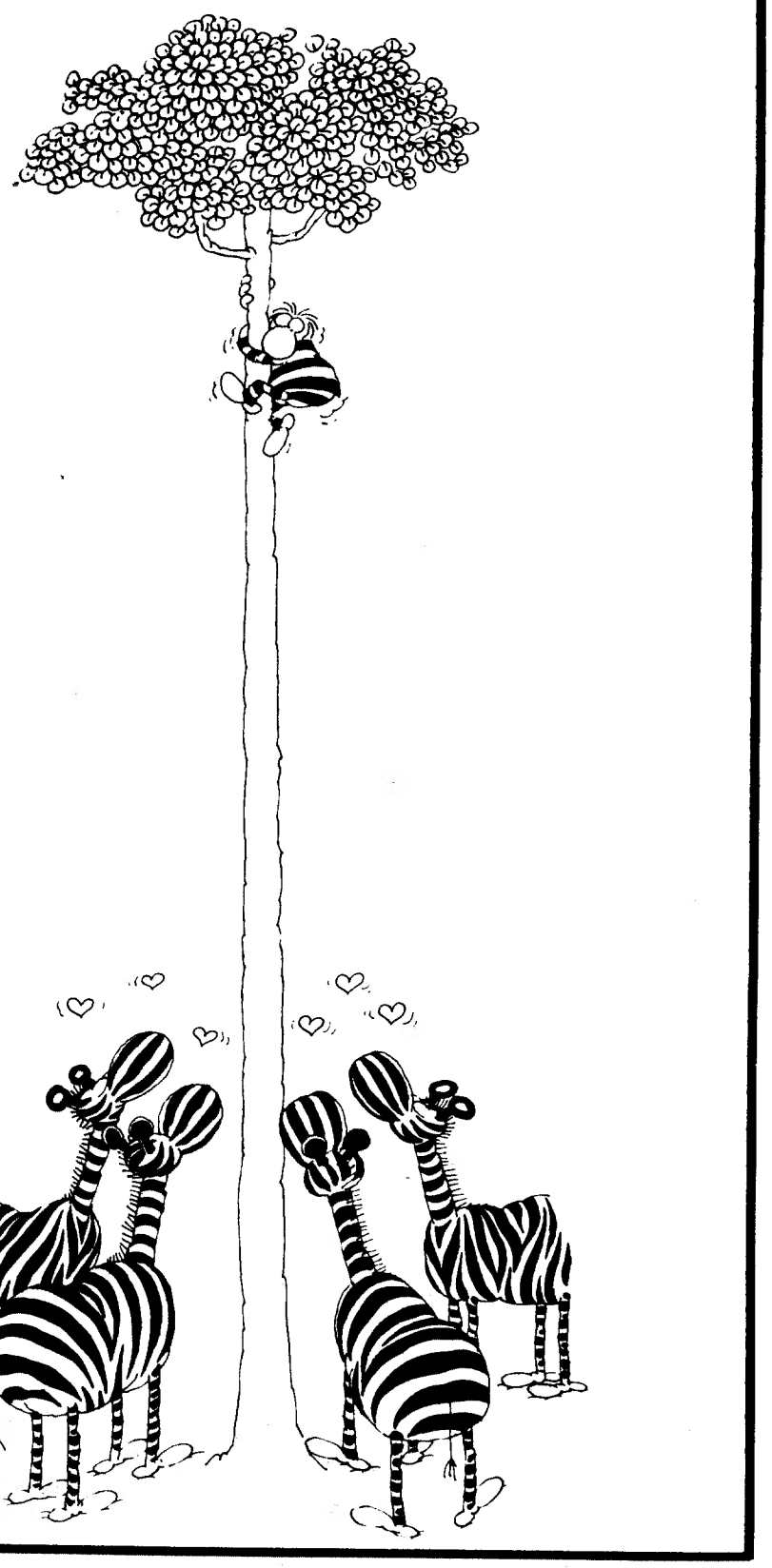
SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 10201

HORIZONTAIS	VERTICAIS
1 Lapas. Atrás.	1 Lamber. Faca.
2 Al, Bi, Ar Ma	2 Aliena. Amen.
3 Miara. Maçal.	3 Acaso. Ali.
4 BECO. Sare.	4 Abro. Firam
5 Ena! Bar. SEM	5 Sia. Beiça.
6 Rãs. Eia Asa	6 SAÍDA.
7 Ofídios	7 Aam. Raiva.
8 Fa. Içara. Br.	8 Trás. Oásis.
9 Amara. Assaí	9 Casas. Sós
10 Cela. Iola	10 Amares. Bali.
11 Anima Assim.	11 Salema. Riam.

PROVÉRBIO: BECO SEM SAÍDA

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 6357

HORIZONTAIS	VERTICAIS
1 Naci. Sopas	1 Nas. Olándia
2 Apor. Arca.	2 Apar. Abarca.
3 Sam. Aia. III.	3 Nomes At. AR.
4 Respirava	4 Cr. Saá. Arrá.
5 São. Até.	5 Apolo. Urau.
6 La. Alibi. Pu.	6 VII. Irra.
7 Aba. Ore. Dam.	7 Arabe. Ras.
8 Nata. Mári	8 Ao. Ati. Mace.
9 Dr. Ruara. Ad.	9 Prive. Dá. Er.
10 Içara. Acedi	10 Acia. Parado.
11 Aarau. Seroa.	11 Sai. Numídia.



polémica

A NOSSA FRUTA É CARA ?

A última página de **Mesa Redonda** do DL de 8 do corrente vem encimada de «Polémica». Pela parte que nos diz respeito, cumpre-nos declarar que não desejamos entrar em polémicas que de algum modo possam significar qualquer forma de controvérsia ou de contestação pessoal entre os participantes. A questão única consiste, pela nossa parte, no propósito de defender a lavoura na medida ao nosso alcance.

Independentemente do maior ou menor acerto de conclusões, da expressão truncada ou menos explícita do comentário inicial, não há dúvida de que, ao fim e ao cabo, é de relevante oportunidade a ocasião surgida para a procura do esclarecimento, que se impõe, à vida e à situação de um sector muito importante da produção nacional.

Agora, declinada que foi a identidade de cada um e posto o enunciado de princípios e pontos de vista recíprocos parece aumentada, com efeito, a responsabilidade assumida de parte a parte. Felicitemo-nos que assim tenha acontecido e, atentas as evidentes limitacões do nosso lado, vamos pois, procurar falar um com o outro construtivamente, em termos de racionalidade e compreensão.

Antes, porém, queremos apresentar os nossos sinceros agradecimentos a todos quantos, por escrito ou pessoalmente, quiseram ter a amabilidade de expressar o seu apoio e concordância com a nossa resposta — nomeadamente à Associação Central de Agricultura Portuguesa.

Quando a terminar emitimos aquele convite, usamos evidentemente de mera força de expressão que não consideramos de pecha irrelevante. Não esperávamos que viesse ensinar-nos a resolver os nossos problemas do pé para a mão. «A agricultura aprende-se fazendo» como claramente Sérgio da Fonseca vem defendendo noutra página do DL.

Pelo que nos diz respeito apenas quisemos significar que qualquer indivíduo só **pondo-se no sapato do outro** poderá saber das **linhas com que ele se cose**.

Também não é verdade que ao fazermos as nossas apreciações tenhamos procurado ironizar (a vida já é para nós, lavradores, demasiado **irónica** para que nos aproveitemos de tal figura).

Quanto ao seu comentário, em parte alguma dele pudemos ter percebido que o mesmo não fosse directa e ùnicamente dirigido à lavoura. Mas ainda que o visado pudesse ter sido o circuito comercial enfeudado na lavoura, não nos parece de modo nenhum, que a fruta perdida o seja com o fito sistemático da defesa dos preços pela destruição da de menor qualidade.

Por MANUEL NOGUEIRA SILVESTRE

Não existe em Portugal comércio de frutas organizado, nem comerciantes suficientemente fortes que, por si, possam suportar tal prática em termos de influência global nos preços.

O que existe é, pelo contrário, um comércio de frutas desorganizado, sem dimensão, na sua maioria composto de simples oportunistas amadores que, no atabalhoamento da sua voraz ganância, querendo «abranger o mundo com as mãos ambas» por ter «maiores olhos do que barriga» deita a mão a mais do que lhe permite a sua precária organização e deixa perder no pomar e ao longo do tempo, com prejuizo para todos — nomeadamente o produtor e o consumidor — não a fruta de qualidade inferior mas, as mais das vezes, a melhor e a mais «bem feita».

Com relação às cooperativas é mau serviço generalizar. A sua necessária difusão perde com a má propaganda. Que concretamente, tenham assumido preponderância, em algum sítio, indivíduos destituidos da precisa formação e desvirtuem o verdadeiro sentido da cooperação, nem por isso tal preponderância será decisiva para a imputação de responsabilidades generalizadas.

Em termos objectivos é absolutamente aceitável e evidente que não poderá recolher-se em determinada estação fruteira uma produção que exceda em múltiplos volumes a sua capacidade de recolha. Para se conduzir a uma equidade efectiva perante os produtores, o remédio estaria, em tais casos, em limitar o raio de acção de cada estação a uma área circunscrita a uma produção equivalente à respectiva capacidade. Caso em que, por compressão de área, nela se serviria a todos, continuando no entanto a sobrar, fora dela, o mesmo montante de fruta por recolher, enquanto não viesse a acrescentar-se-lhe uma cobertura de outras estações, pelo País, suficiente para o todo da produção.

«Que alguns produtores organizados em cooperativas estejam a receber preços de custo que o mercado não pode lògicamente suportar» não se percebe a razão pela qual isso possa assim ter sido afirmado, como diz, pelo Secretário de Estado. Os produtores (quer através de organização sua, quer por via individual) quando levam os seus produtos directamente aos mercados, guncionam aí mais como elementos moderadores de preços do que de feição especulativa.

Na verdade avoude se vem para garantia de melhores **preços produção/consumo**, com o apuramento de normas de comercio, qualidade de produtos e disciplina de mercado. A melhoria de preços daí adivinda para o produtor resulta de uma maior defesa económica, de sua maior defesa económica, de uma melhoria de circuitos e de certa compressão de despesas, ao invés de uma sistemática e deliberada exploração do consumidor, pois que no mercado — afora o seu aprimoramento e normalização da qualidade e da embalagem — o acesso das cooperativas e a sua acção opera-se em paralelo com todo o comércio do género (corrigido este) e subordina-se do mesmo modo à lei da oferta e da procura, quando não encontra pela frente o «mau olhado» dos, de há muito, ali soberanamente instalados.

É incontroverso que tenha havido e continua a haver exageros e abusos, sem que não obstante possa dizer-se com verdade e com razão que a fruta saiu ou sai cara da produção. Como a muita boa gente se afigura que as coisas brotam espontâneas da terra vá de fazer «cavalo de batalha» do lavrador se as comem caras. Mesmo assim aqui o conceito de caras ou baratas não passa de mero juizo de valor porquanto os preços finais não podem deixar de aferir-se por um poder de compra que consente tais exageros sobre os preços de origem, mesmo tratando-se de produtos perecíveis a curto prazo.

Com todos os vícios da comercialização, com todos esses exageros já referidos o que é certo é que vimos assistindo a um aumento gradual da capitação, sinal por um lado, de que o preço não tem sido um factor extremamente impeditivo ou tanto quanto se quer afirmar, por outro, de que a melhoria de qualidade e de apresentação vem tornando a fruta mais aliciante e apreciada.

Pois bem, sem entrarmos na perda geral do poder de compra (que é comum a todos os sectores), nem na pormenorização dos custos de produção, que se sabe envolveram máquinas, mão-de-obra e produtos sempre em alta, pode afirmar-se que os preços de venda de fruta na lavoura tem vindo a descer de há 10 anos a esta parte, ainda que de forma lenta. Tomados neste mesmo tempo os restantes factores que compõem o custo de vida e considerados em paralelo, teremos então para os preços da fruta um índice de regressão muitíssimo mais pronunciado do que o aparente, razão pela qual consideramos leviano afirmar-se, com relação a lavoura «que o consumidor não pode, eternamente, pagar as custas desses erros ou defeitos».

Se há erros ou defeitos (que há) não os pode pagar o consumidor nem tão pouco o produtor, cuja missão é demasiado agreste, séria e tão digna de respeito, para não ser considerada com o devido apreço e caracter de dignidade.

Admitindo, por excesso, que a capitação nacional de pêras e maçãs atinja os 25 quilos, recebendo ele o melhor de 5$00 por quilo, o produtor terá de trabalhar um ano inteiro para sustentar cada indivíduo daquela fruta por 125$00 ano, ou seja **um cruzado-dia** (menos do que o custo de uma carteira de fósforos)!!!

AINDA O PREÇO DA FRUTA

Tem o «DIARIO DE LISBOA» vindo a debater o problema do preço da fruta no mercado português relacionando-o ao mesmo tempo com o dos mercados da Europa Central e chegando à conclusão (o vosso colaborador, sr. Armando Pereira da Silva) que em Portugal a fruta é mais cara.

Contra esta afirmação veio em defesa da fruta portuguesa a Associação Central da Agricultura Portuguesa, que, através da comparação de preços de alguns produtos, chega à conclusão que é em Portugal que a fruta é mais barata. Mais, leva a A.C.A.P. a mal que o sr. A.P.S. tome também em consideração (o que aliás nem seria necessário) a questão da diferença do nível de vida dos portugueses e dos «outros». E afirma ainda que não são os produtores nem a ganância de intermediários que contribuem para que tenhamos fruta tão cara.

Pois bem, eu concordo (quase) plenamente com a A.C.A.P.

que não são os produtores que concorrem para que a fruta encareça, pelo menos a grande maioria não é. Quanto à questão dos gananciosos parece melhor não adiantar mais ao que já se sabe. A A.C.A.P. não o reconhece; mas creio que por mais argumentos que apresente não conseguirá «iludir o problema».

A A.C.A.P. deu-nos comparações muito interessantes. Diz-nos que a uva cá (em Santarém) ia de 9$00 a 13$00 e que lá fora se vendia desde 15$39 a 32$68. Porque será que a A.C.A.P. não aponta neste momento a questão das diferenças climáticas que fazem com que nesta altura (ao tempo em que se anotaram os preços) já estejamos em época normal da uva, enquanto que para a Europa Central ainda se está longe disso? Ter-se-á esquecido? Idem, idem para o melão (4$00 cá, 15$48 lá). Com certeza que a A.C.A.P. não desconhece que o tomate em Portugal, país de grande produção, no início da época aparece a 15$00 e a 18$00.

E agora pergunto à A.C.A.P. porque é que não fez também amostragens para laranjas e bananas, que são os géneros de fruta de maior venda no nosso País. E mais, dizendo a A.C.A.P. que é a fruta cá assim tão barata, porque será que países como a Alemanha, onde estive recentemente, (e outros, claro) vai comprar laranjas a Israel e à Africa do Sul (repare-se: Africa do Sul!) e banana ao Equador e Colômbia — quando temos tanta banana em Angola e tanta laranja aqui na Metrópole (e em Moçambique)?.

Talvez a resposta esteja em que, mesmo sendo a fruta de belíssima qualidade, os preços praticados no Norte da Alemanha são mais baixos do que aqueles que se praticam em Lisboa para uma qualidade talvez inferior.

E repare-se que não tomei em consideração níveis de vida. No entanto um familiar que lá tenho ganhava cá, mensalmente, 2000$00, já profissionalizado e para lá foi ganhar mais de 10000$00 numa profissão nova para ele. No entanto esse familiar pagaria aqui em Lisboa uns 2000$00 a 2500$00 por uma casa de três assoalhadas e lá paga 1800$00 numa zona central e relativamente moderna de Düseldorf.

E diz a A.C.A.P. que o «público tem poder de compra para ela» (ela-«alguma fruta de excepcional qualidade ou no início da produção a preços muito elevados nas lojas de Lisboa e Porto»). Que nos diga isso, sim. Eu até acredito. Bem sei e vejo que a A.C.A.P. está a dizer que há «algumas» pessoas que o podem fazer.

Pena é que a A.C.A.P. se esqueça que o grande público é que conta e que esse não pode, de forma nenhuma, comprar fruta a preços tão altos. Pena é também que a A.C.A.P. «desconheça» que mesmo em locais agrícolas e na época se veja nos mercados os peros marcados a 13$00 e 14$00 o Kg. Para o camponês e o pequeno operário, que ganha de 50$00 a 70$00 para todo o sustento duma família, talvez se concorde que ele não possa comprar-lhe **nenhuma** fruta.

Com tudo isto pergunto se a A.C.A.P. não estará a «pretender iludir o problema».

Pois bem, melhor iriam as coisas para todos nós se em vez de se andar a mistificar as realidades se procurasse fazer com que «as operações intermediárias a melhorar» melhorassem mesmo. Assim talvez se deixasse de ver produtores a vender a 2$30 e 2$40 o litro de vinho que o público paga a 7$00 (já só digo a 7$00); talvez se deixasse de ver produtores que preferem deixar perder tomate, batata, azeitona, etc., porque a ridicularia por que lhos pagam não chega para as despesas de apanha — quando, entretanto, o consumidor tudo paga a preços exorbitantes.

Estarei a «pretender iludir o problema»?.

ANTÓNIO CABRITA MARQUES